



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Ruth Miranda Oliveira da Silva

***O Jornal das Moças, a condição feminina e a figura materna (1914 -1934)***

São Gonçalo

2022

Ruth Miranda Oliveira da Silva

***O Jornal das Moças, a condição feminina e a figura materna (1914 -1934)***



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra.: Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva

São Gonçalo

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

S586 Silva, Ruth Miranda Oliveira da.  
*O Jornal das Moças*, a condição feminina e a figura materna (1914 -1934) /  
Ruth Miranda Oliveira da Silva. – 2022.  
102f.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva.  
Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Feminismo – Teses. 2. Periódico para mulheres – Teses. 3. Maternidade  
– Teses. I. Silva, Ana Paula Barcelos Ribeiro da. II. Universidade do Estado  
do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994 CDU 396

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Ruth Miranda Oliveira Da Silva

***O Jornal das Moças, a condição feminina e a figura materna (1914 -1934)***

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 26 de agosto de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva (Orientadora)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof. Dr. Rafael Vaz da Motta Brandão  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Anna Marina Madureira de Pinho Barbará Pinheiro  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2022

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho é dedicado a todas as mulheres.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a execução deste trabalho, especialmente ao meu esposo Marcus Vinicius, por todo incentivo e paciência. Aos meus filhos, João Fabrício e Pedro, que me fazem insistir e olhar a vida de outro modo todos os dias. Aos meus pais, Elza e Alandir, por serem minha base em tudo. A minha irmã que sempre me estimula. Aos meus sobrinhos, aos quais procuro ensinar como é importante a nossa insistência em tudo o que nos propomos a fazer.

Agradeço a minha orientadora Ana Paula Barcelos, por toda atenção e cuidado e pela dedicação profissional que fez tornar possível este trabalho. Obrigada por tudo, por todo aprendizado, pelos autores que conheci, pela ajuda na construção da pesquisa e, principalmente, pelo respeito com a minha primeira formação.

Também agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Formação de Professores da UERJ que me ensinaram tanto no decorrer das aulas do mestrado. Agradeço a todos os colegas que conheci e que foram tão solícitos. Agradeço em especial a minha amiga Leticia Freixo que me incentivou no processo seletivo do mestrado e me ajudou a começar este projeto. Todos foram muito importantes na minha caminhada.

Agradeço aos professores Anna Marina Barbará Pinheiro e Rafael Brandão pela leitura e apontamentos que, no exame de qualificação, contribuíram para continuar a escrita da dissertação e que agora se disponibilizam a realizar a leitura do trabalho final.

A UERJ segue resistindo.

## RESUMO

SILVA, Ruth Miranda Oliveira da. *O Jornal das Moças, a condição feminina e a figura materna (1914 -1934)*. 2022. 102 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

Neste trabalho analisamos a condição feminina e a figura materna a partir do *Jornal das Moças* no período entre 1914 e 1934. Em 1914, o *Jornal das Moças* publicava sua primeira edição e, em 1934, o marco é a promulgação da Constituição que incorporava o voto feminino, pauta amplamente defendida pelas feministas no início do século XX. O *Jornal das Moças* circulou durante 56 anos no Brasil, chegando a ocupar a oitava posição entre as revistas mais lidas. Buscamos compreender o lugar e os papéis da mulher expressos em seu discurso, frequentemente marcado por influências médicas e religiosas. Destacamos também o discurso psicanalítico que foi atrelado ao discurso médico em seu início e o modo como este reforçou o papel materno da mulher. As que se opunham a estes padrões eram consideradas históricas.

Palavras-chave: Jornal das Moças. Papéis femininos. Maternidade.

## RESUMEN

SILVA, Ruth Miranda Oliveira da. *La Revista de Moças, la condición femenina y la figura materna (1914 -1934)*. 2022. 102 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

En este trabajo analizamos la condición femenina y la figura materna del *Jornal das Moças* en el periodo comprendido entre 1914 y 1934. En 1914, el *Jornal das Moças* publicó su primera edición y, en 1934, el hito es la promulgación de la Constitución que incorporó el voto femenino, una agenda ampliamente defendida por las feministas a principios del siglo XX. *Jornal das Moças* circuló durante 56 años en Brasil, alcanzando la octava posición entre las revistas más leídas. Buscamos comprender el lugar y los roles de las mujeres expresados en su discurso, muchas veces marcados por influencias médicas y religiosas. Destacamos también el discurso psicoanalítico que se vinculó al discurso médico en su inicio y la forma como reforzava el rol materno de la mujer. Aquellas que se opusieron a estos patrones eran consideradas histéricas.

Palabras clave: *Jornal das Moças*. Roles femininos. Maternidad.

## SUMÁRIO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
|          | <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>8</b>  |
| <b>1</b> | <b>O JORNAL DAS MOÇAS E A IMPRENSA NO INÍCIO DO SÉCULO XX .....</b>                                  | <b>14</b> |
| 1.1      | <b>A imprensa e suas características no início do século XX .....</b>                                | <b>14</b> |
| 1.2      | <b>O Jornal das Moças: principais características e conteúdo .....</b>                               | <b>16</b> |
| 1.3      | <b>Anúncios e propagandas no Jornal das Moças .....</b>  | <b>26</b> |
| <b>2</b> | <b>A CONDIÇÃO FEMININA E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE LIGADA À FIGURA MATERNA .....</b>            | <b>38</b> |
| 2.1      | <b>Esposa e mãe: A mulher nos discursos religioso e higienista através do Jornal das Moças .....</b> | <b>39</b> |
| 2.2      | <b>A construção social de uma identidade feminina materna: padronização X resistência .....</b>      | <b>46</b> |
| 2.3.     | <b>Políticas de amamentação frente à emancipação feminina .....</b>                                  | <b>57</b> |
| <b>3</b> | <b>A MULHER E A PSICANÁLISE: HISTERIA E MATERNIDADE .....</b>  | <b>65</b> |
| 3.1      | <b>Um breve panorama sobre a histeria .....</b>  | <b>67</b> |
| 3.2      | <b>O saber psicanalítico e a mulher no início do século XX .....</b>                                 | <b>75</b> |
| 3.3      | <b>A psicanálise e a construção da maternidade .....</b>   | <b>81</b> |
|          | <b>CONCLUSÕES .....</b>  | <b>92</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>95</b> |

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura compreender a condição feminina e a figura materna a partir do *Jornal das Moças* no período entre 1914 e 1934. Em 1914, o *Jornal das Moças* publicava sua primeira edição. Em 1934, era promulgada a Constituição que incorporava o voto feminino, pauta amplamente defendida pelas feministas no início do século XX. O *Jornal das Moças* circulou durante 56 anos no Brasil, chegando a ocupar o oitavo lugar entre as revistas mais lidas. Era publicado quinzenalmente e distribuído em todo o país, vendido em bancas ou entregue nas casas dos assinantes.

Destinado ao público feminino, o *Jornal das Moças* seguia os padrões das publicações da época, inclusive em relação ao nome. A edição do periódico era feita por Menezes, Filho & C. Ltda e a direção cabia a Álvaro Menezes e Agostinho Menezes. O *Jornal das Moças* não era apenas um meio de entretenimento com receitas e moda, mas sim um veículo de informação para as mulheres, buscando ditar comportamentos em âmbito social, familiar e religioso. Funcionava como uma forma de reforço dos papéis idealizados e esperados para as mulheres na sociedade brasileira. Estes papéis são marcados no Brasil por dois discursos fundamentais confrontados frequentemente pelos movimentos feministas: o discurso médico e o discurso religioso.

O discurso religioso no início do século XX associava a figura da mulher à da Virgem Maria. Deste modo, se até o século XIX a mulher era associada à imagem de Eva pecadora, neste período passa a ser mais fortemente associada à figura da Virgem Maria, vinculando-a a uma ideia de mãe sagrada. A imagem da Eva pecadora continuava existindo, mas as mulheres e mães deveriam estar distantes dela. Este trabalho não terá como foco o discurso religioso, mas sim o discurso médico. Porém, vale ressaltar e explicar a sua importância e modificação na história das mulheres no início do século XX.

O discurso médico aqui destacado estava atrelado ao objetivo de civilizar o Brasil. Como aponta Karoline Carula, neste processo há uma grande influência e propagação das ideias higienistas<sup>1</sup>. Os movimentos higienistas ou sanitaristas se desenrolaram no país a partir de meados do século XIX. Porém, ganharam força no início do século XX. Havia no período uma grande preocupação com a saúde e a educação, ensinando-se novos hábitos. Essa era

---

<sup>1</sup> CARULA, Karoline. *Darwinismo, raça e gênero: conferências e cursos públicos no Rio de Janeiro (1870-1889)*. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

uma nova orientação da medicina que teria a finalidade de justificar as causas das doenças do corpo através também de uma relação com o meio<sup>2</sup>.

A partir dessas ideias, o movimento higienista assume importante papel na organização do espaço urbano. Como aponta Gisele Machado, a Medicina Social no Brasil “apoiada pelos grupos dirigentes e pelo Estado interveio no espaço urbano e na vida particular das pessoas”<sup>3</sup>. Segundo Phillipe Ariès, neste contexto, encontramos na família um novo elemento: “a preocupação com a higiene”<sup>4</sup>. A higiene impõe à família uma “educação física, moral, intelectual e sexual”<sup>5</sup>. O discurso higienista se atrelava ao civilizatório.

O *Jornal das Moças* apresenta diversos artigos escritos por médicos e resumos de conferências em que médicos participavam. Assim, podemos perceber a influência dessa medicina social no periódico. Segundo Marialva Barbosa, a imprensa, na passagem do século XIX para o XX, passa a construir uma ideia de imparcialidade e de neutralidade<sup>5</sup>. Contrapondo-nos, assim como a autora, à ideia de imparcialidade, percebemos e compreendemos o *Jornal das Moças* como parte das relações de poder com um conteúdo voltado diretamente para as mulheres, como expresso no próprio título. Este conteúdo reforçava o lugar esperado da mulher na sociedade.

O discurso propagado pelos higienistas representava um modo de controle exercido sobre a mulher e também uma tentativa de impedir os avanços do feminismo<sup>6</sup>. Trabalhamos com a ideia de um movimento feminista dividido historicamente em três períodos: o feminismo de primeira onda, o de segunda onda e o de terceira onda. No recorte cronológico desta pesquisa, analisaremos apenas o feminismo de primeira onda, pois este ocorreu até a década de 1930 quando começou a perder força. Como aponta Céli Pinto, a chamada primeira onda do feminismo se deu no final do século XIX, quando as mulheres na Inglaterra se reuniram para buscar o direito ao voto. Eram as chamadas sufragistas que organizavam manifestações, greves de fome e foram presas inúmeras vezes. O primeiro país a aprovar o voto feminino foi o Reino Unido em 1918<sup>7</sup>.

---

<sup>2</sup> SILVA, Poliana Moreira. *Movimento higienista: construção da figura feminina*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017, p.13.

<sup>3</sup> MACHADO, Gisele Cardoso de Almeida. “A difusão do pensamento higienista na cidade do Rio de Janeiro e suas consequências espaciais”. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História Anpuh São Paulo, julho 2011, p.3.

<sup>4</sup> ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2012, p.158. <sup>5</sup> Ibidem.

<sup>5</sup> BARBOSA, Marialva. “Uma história da imprensa (e do jornalismo): por entre os caminhos da pesquisa”. *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 21-36, Aug. 2018.

<sup>6</sup> RUBIO, Katia. “As mulheres e as práticas corporais em clubes da cidade de São Paulo do início do século XX”. *Rev. Port. Cien. Desp.*, Porto, v. 9, n. 2-3, p. 195-202, 2009.

<sup>7</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. “Feminismo, história e poder”. *Rev. Sociol. Polit.* Curitiba, v.18, n.36, junho 2010, p.1523.

Como aponta Mary Del Priore, as mulheres “fora dos papéis tradicionais seriam uma promessa de flagelo”<sup>8</sup>. As conquistas das mulheres vão sendo aceitas socialmente com a condição de que elas ainda exercessem o papel social de donas de casa e mães. Esses papéis sociais são reforçados como se lembrassem à mulher do que ela precisaria fazer para ser socialmente respeitada.

Segundo afirma Elizabeth Badinter, a mulher, portanto, deveria se manter como uma figura doce e sensata de quem se esperava comedimento e a procriação é reforçada como uma das delicadezas do casamento. A maternidade deveria continuar sendo objetivo feminino. As mulheres deveriam ser mães antes de tudo, para serem consideradas sãs e felizes<sup>9</sup>. A propagação dessa imagem da mulher como doce e sensata fica evidente nos artigos publicados no *Jornal das Moças*. Os papéis sociais imputados à mulher iriam ditar o comportamento feminino ideal e seriam formas de reconhecimento nesse contexto social. Através do papel de dona de casa, de esposa e de mãe, as mulheres eram bem vistas, ganhando status social desde que não ultrapassassem essa esfera. O trabalho doméstico era essencial para o funcionamento da sociedade no início do século XX, passando a ser responsabilidade da mulher e a fazer parte de suas rotinas.

As pretensões das mulheres na busca por igualdade de direitos não eram bem vistas pelos políticos e juristas, que constantemente se apoiavam no discurso médico. Os higienistas falavam de prejuízos que poderia trazer às famílias a presença das mulheres fora do espaço privado. As mulheres que não correspondiam a esses papéis imputados a elas socialmente eram também muitas vezes vistas como históricas. No entanto, numa tentativa de romper com esses papéis definidos para a mulher, o movimento feminista continuava a se expandir.

Diversas iniciativas foram organizadas pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, como o II Congresso Internacional Feminista, em junho de 1931. A partir dele, as feministas da Federação encaminharam para Getúlio Vargas o que havia sido tratado, ressaltando o direito ao voto feminino e a defesa da mulher casada não precisar de autorização do marido para votar. Com o Decreto 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, estabeleceram-se o voto feminino e o voto secreto, o que foi incorporado à Constituição de 1934<sup>10</sup>. Assim, a reivindicação do direito ao voto se tornou um grande marco para o movimento.

Ao mesmo tempo, são reforçadas limitações à emancipação feminina. As políticas de amamentação delimitam a mulher ao lar. Através da amamentação a mãe não seria vista como

---

<sup>8</sup> DEL PRIORE, Mary. *Conversas e histórias de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013, p.66.

<sup>9</sup> BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>10</sup> COSTA, Suely Gomes. Op. Cit.

uma desleixada, mas como uma mãe dedicada que construiria laços mais fortes com seu bebê. Portanto, com a imprensa e com os argumentos médicos a amamentação vai se tornando cada vez mais fundamental para as mulheres mães. Assim, as políticas de amamentação reforçariam a presença da mulher no espaço privado, sendo está alvo das mais diversas propostas de intervenção<sup>11</sup>. A ênfase na amamentação como mais uma obrigação da mulher teve a contribuição do saber psicanalítico. Para Freud, a mãe simbolizava o amor e os cuidados da mãe com o bebê seriam fundamentais para o desenvolvimento saudável da criança. Desse modo, os papéis de mãe e dona de casa são reafirmados por diversos discursos que eram reforçados pelo *Jornal das Moças*, mostrando o conservadorismo com o gênero feminino e colocando o homem como superior.

Para o desenvolvimento da análise, nos apoiamos na obra *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu<sup>12</sup>. Sobre o conceito de dominação masculina, o autor diz que ele se impõe nas estruturas, nas atividades produtivas e nas reprodutivas. Os homens funcionam como matrizes tanto dos pensamentos como das ações. As representações de gênero compõem o modo de perceber e de regular a vida social. O gênero estaria envolvido tanto na criação quanto na execução das relações de poder. A mulher, muitas vezes, é socialmente tratada como objeto estético. Portanto, a relação de dominação entre homens e mulheres é reforçada cada vez mais no espaço social – na família, na escola, no trabalho, na mídia.

As mulheres no início do século XX faziam parte dessa realidade que acabava reconhecendo-as desde que cumprissem determinados papéis sociais. Para essa discussão, nos apoiamos nas relações de alteridade e na busca por reconhecimento tal como analisadas por Tzvetan Todorov, em *A vida em comum*. Segundo o autor, o reconhecimento marca a entrada do indivíduo na existência, sendo o obrigatório de tudo, e se faz, primeiramente, com a necessidade do reconhecimento da existência do sujeito.

A existência humana, portanto, estaria marcada pelo reconhecimento e a “alteridade se daria a partir da relação com o outro”<sup>13</sup>. A maternidade estaria dada a mulher como uma “fonte da identidade”, e passa a ser vista no século XX como um momento e também como um estado, pois há uma “politização da maternidade”. Deste modo, a função materna se torna um elemento social. A política investe no corpo da mulher que é mãe, havendo, inclusive,

---

<sup>11</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983, p. 258.

<sup>12</sup> BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

<sup>13</sup> TODOROV, Tzvetan. “O reconhecimento e seu destino”. In: *A vida em comum: Ensaio de Antropologia geral*. Campinas: Papirus, 1996, p.116.

uma preocupação com o controle de natalidade. A maternidade se torna uma das funções mais relevantes na vida da mulher<sup>14</sup>.

Sendo muitas vezes utilizado para reforçar o papel social idealizado para as mulheres, o *Jornal das Moças* assumiu um discurso conservador diante dos seus avanços sociais e políticos. A publicação assumia também importante papel na divulgação e defesa de um ideal feminino atrelado a uma identidade materna. Daí sua relevância nesta pesquisa. O periódico influenciava a manutenção de comportamentos estereotipados, ratificando a separação entre os gêneros e reforçando os papéis femininos como mãe, esposa e dona de casa. Apresentava em seus conteúdos dicas de comportamento, determinando regras de sociabilidade e apontando uma identidade feminina apoiada em valores e condutas aceitos socialmente.

A dissertação se encontra dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, examinamos o contexto histórico em que o *Jornal das Moças* foi criado e quais seriam seus interesses em algumas publicações específicas. Apresentamos como o jornal era estruturado, qual a frequência da sua publicação e as suas principais características. Analisamos as transformações sociais, políticas e econômicas do período e a atuação da imprensa na construção e divulgação de papéis femininos. Analisamos ainda as propagandas do *Jornal das Moças* e quais produtos eram anunciados no jornal. Desse modo, buscamos entender o foco nas mulheres, nos cuidados com seus filhos, com a saúde do útero, bem como as medicações indicadas para que não se tornassem histéricas.

No segundo capítulo, pensamos a condição da mulher no início do século XX e suas transformações em relação ao século XIX. Buscamos compreender como a identidade feminina era construída, os comportamentos ditados como exemplares e os processos históricos e culturais que interferiam no olhar sobre a mulher. Analisamos o papel do discurso higienista nesse processo e como o lugar da maternidade é construído.

Assim, refletimos sobre como a identidade feminina foi atrelada ou associada à figura materna, à da mãe sacralizada e à da rainha do lar. Pensamos ainda como estas questões estavam relacionadas à conquista de reconhecimento social. No terceiro capítulo, partimos para uma análise sobre a histeria, buscando compreender como o poder e o saber médicos definem a figura da mulher histérica, discutindo-se o ideal da mulher física e mentalmente saudável. Apresentamos o discurso psicanalítico em seu início, que era fortemente atrelado ao discurso médico e acabou por reforçar a mulher num papel mais conservador. Neste sentido, apontamos como Freud analisou as chamadas mulheres histéricas e construiu a partir daí a

---

<sup>14</sup> PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012, p.68-69.

psicanálise. Analisamos como os artigos do *Jornal das Moças* definem a mulher histérica e como a psicanálise aparecia nas páginas do periódico como um modo de popularizar o conhecimento a respeito do psíquico tanto das mulheres quanto das crianças, a fim de educar as mães a criarem filhos saudáveis psiquicamente. Com isto, a mulher vai sendo reduzida à figura materna, ao casamento, aos afazeres do lar e o que estivesse fora destes padrões era considerado patológico.

## 1 O JORNAL DAS MOÇAS E A IMPRENSA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Neste capítulo, examinamos o contexto histórico em que o *Jornal das Moças* foi criado, quem escrevia as matérias, para qual público era voltado, como se dava a sua circulação e quais seriam seus interesses em algumas publicações específicas. Apresentamos também como o jornal era estruturado, qual a frequência da sua publicação e as suas principais características. Analisamos as transformações sociais, políticas e econômicas do período e a atuação da imprensa, perpassada por interesses e relações de poder, na construção e divulgação de papéis femininos. Desenvolvemos, além disso, uma análise das propagandas presentes no jornal. Assim, como aponta Nukácia Meyre Araújo de Almeida a respeito dos escritos que são produzidos e como estes são dirigidos aos leitores:

A relevância da descrição do suporte textual em que circularam os discursos de que nos ocupamos aqui se dá por reconhecermos - na esteira dos historiadores da leitura -, que o estudo de um suporte material pode ajudar na compreensão das práticas de leitura, uma vez que o suporte contribui sobremaneira para modelar as expectativas do leitor. Novas legibilidades podem, por exemplo, surgir a partir de novas organizações dos gêneros na revista, do contexto em que os escritos são produzidos e circulam, bem como a partir dos leitores a quem se dirigem<sup>15</sup>.

Iniciaremos pensando a imprensa e suas características no início do século XX, já que foi neste período que o *Jornal das Moças* teve a sua primeira publicação.

### 1.1 A imprensa e suas características no início do século XX

A imprensa brasileira surge em 1808 com a chegada da corte portuguesa, sendo censurada por dois poderes: o civil e o eclesial. Ela surge em um contexto de diferentes transformações sociais, buscando marcá-las e ordená-las. Como apontam Tânia Regina de Luca e Ana Luiza Martins, nesse período a produção da imprensa ficava restrita aos letrados, tanto no que se refere ao público quanto aos editores. Portanto, era utilizada a leitura em alta voz para que os não letrados pudessem ouvir. Assim, os modos de transmissão se davam de

---

<sup>15</sup> ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo de. Op. Cit.

formas escritas e orais, de modo que boa parte da população acabava tendo acesso ao que estava sendo produzido e propagado pela imprensa<sup>16</sup>.

Segundo Marialva Barbosa, no final do século XIX no momento em que os debates ganham maior proporção na imprensa, se fortalece no jornalismo uma ideia de imparcialidade e neutralidade. Portanto, em uma sociedade com alto índice de analfabetismo, o jornalista e os homens letrados passam a ser extremamente importantes por representarem essa suposta imparcialidade<sup>17</sup>. Observamos, portanto, no início do século XX essa imprensa avançando cada vez mais em inovações e em popularização da informação<sup>18</sup>.

Desse modo, destacamos que a popularização da informação pode ser percebida através das revistas e dos jornais, pois estes buscavam ampliar o público leitor oferecendo a notícia de forma mais rápida e com variedade de informações. Com isso, houve também a ampliação do mercado consumidor. Como destaca Ana Luiza Martins, até a metade do século XIX, o uso do termo jornal e revista era indiscriminado, o que dificultaria uma classificação rigorosa<sup>19</sup>. Percebemos essa dificuldade de classificação no próprio *Jornal das Moças* que tem como título “jornal”, mas leva o subtítulo de “revista ilustrada”. Segundo Martins, as revistas eram consideradas publicações que apresentariam conteúdos como ficção, poesia, relatos e entretenimento. Já o jornal seria caracterizado com uma produção na qual predominavam textos de opiniões, com discussões de ideias polêmicas e também notícias políticas<sup>21</sup>.

O início do século XX é percebido também como um momento de renovação da imprensa periódica brasileira, principalmente com a inserção da fotografia, o que modificaria as publicações que passavam a ter maior número de ilustrações. Assim, a imprensa feminina se tornou uma mídia cada vez mais visual<sup>20</sup>. Semiramis Nahes aponta que a imprensa brasileira teve uma primeira fase de renovação que corresponde ao período entre guerras, caracterizada pelo surgimento de tradicionais revistas, entre elas a *Fon-Fon* (1907 a 1958), *O Malho* (1902 a 1954), o *Jornal das Moças* (1914 a 1965), entre outras. Neste período, foi descoberto um público feminino que era capaz de consumir escritos em uma quantidade

<sup>16</sup> MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *História da Imprensa no Brasil*. 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

<sup>17</sup> BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa – Brasil 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

<sup>18</sup> OLIVEIRA, Nathalia Paulino; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. “Mulheres cariocas e práticas de leitura nos anos de 1920: um estudo documental a partir das revistas *Fon-Fon* e *Jornal das Moças*”. *Perspectivas em Ciência da Informação*. v. 21, n.02, 2016.

<sup>19</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revistas: imprensa e práticas culturais em tempos de República (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2008. <sup>21</sup> Ibidem.

<sup>20</sup> ALVES, Alexandre. “A imprensa na cidade de Santos: 1849-1930”. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p.39-62, dez. 2007.

considerável. Para a autora, “houve, então, um aumento considerável na indústria de revistas femininas”<sup>21</sup>. Desse modo, a imprensa feminina deve ser considerada em sua relação com o contexto social e como um espaço de produção de valores, de hábitos e de cultura. No caso do *Jornal das Moças*, acreditamos que, como aponta Anna Marina Barbará Pinheiro, a mulher apresentada, e para a qual as revistas femininas da época se dirigem, “é notadamente, aquela que ocupa o lugar histórica e culturalmente construído como legítimo para as mulheres no Ocidente cristão, lugar de esposa e mãe”<sup>22</sup>. Assim, percebemos que essa imprensa voltada para o feminino legitimava os papéis sociais da mulher como mãe e esposa.

## 1.2 O *Jornal das Moças*: principais características e conteúdo

O *Jornal das Moças* teve sua primeira edição em 1914, sendo produzido no Rio de Janeiro e distribuído em todo o país. Era vendido em bancas ou entregue pelo correio aos assinantes. Trazia como subtítulo: Revista semanal ilustrada. Possuía em média 75 páginas. Algumas edições especiais chegaram a apresentar 100 páginas e traziam modelos de roupas ou de tapeçaria para moldes de costura, informações sobre culinária, dicas de beleza, moda, comportamento e maternidade, artigos publicados por médicos, resumos e relatos de conferências de medicina, poemas, ilustrações, fotos e textos. Foi fundada por Agostinho Menezes em maio de 1914, permanecendo no mercado até dezembro de 1965<sup>25</sup>. O primeiro exemplar disponível para consulta online na base de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional data de 21 de março de 1914 e o último de 15 de dezembro 1961. Embora diversos artigos e trabalhos relatem que o jornal circulou até 1965, não encontramos as edições online posteriores a 1961.

O *Jornal das Moças* conta com 2.422 exemplares digitalizados disponíveis para consulta online, englobando o tempo de publicação até 1961. Era voltado para classe média letrada. Sua publicação iniciou-se de forma quinzenal e depois de três meses se tornou semanal. Seu preço de venda variou ao longo de sua publicação girando em torno de Cr\$ 3,00

<sup>21</sup> NAHES, Semiramis. “Revista Fon-Fon: a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945)”. Arte e Ciência Editora, 2007, p.108.

<sup>22</sup> PINHEIRO, Anna Marina Madureira de Pinho Barbará. *Igreja Católica, Medicina e Imprensa feminina: representações sobre o corpo da mulher no Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Editora: Autografia, 2017 <sup>25</sup> SANTOS, L. P. B. S. *Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos 1950*. (Dissertação - Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. <sup>26</sup> Ibidem.

até Cr\$ 30,00. Grande parte das páginas era monocromática, apresentando apenas as capas coloridas<sup>26</sup>. As edições disponíveis online são todas em preto e branco. Como destaca Priscila Dieguez, as capas seriam uma forma eficaz de chamar a atenção das leitoras, numa tentativa de mostrar como era bom o produto. Em geral, elas traziam uma mulher bem vestida, com joias e chapéus. Havia outras imagens em algumas capas como desenhos de flores e outros rostos de mulheres<sup>23</sup>. Segundo Nukácia Almeida:

A iconografia das capas traz sempre mulheres elegantes. Olhares, sorrisos e poses insinuam hierarquia de classes e individualização. Os olhares vivos ou lânguidos, as mãos colocadas nas partes do corpo para as quais se quer chamar atenção (quadril, cintura, pescoço), os trajes longos ou mais curtos, com ou sem decote, os acessórios (brincos, colares, echarpes) e o ambiente em que se encontram as modelos, internos ou externos, tudo lembra sensualidade e altivez. A invariabilidade da capa da Revista, aliás, já aponta para a linha mestra da publicação: a moda, o que confirma a inserção do JM no universo prototípico das revistas femininas<sup>24</sup>.

As capas do *Jornal das Moças*, ainda como afirma Nukácia Almeida, traziam de modo aleatório o “desenho colorido de uma ou de algumas mulheres cujos modelos de roupa poderiam ser copiados pelas leitoras”<sup>25</sup>. Nos anos iniciais de sua publicação havia também um espaço aberto para as mulheres mandarem suas fotos. Em 1920, encontramos a página “A nossa capa”<sup>26</sup> que dizia para as mulheres que quisessem ser capa de o jornal irem ao centro do Rio tirar a foto com o fotógrafo do periódico<sup>27</sup>. Portanto, vale destacar, embora não seja o recorte cronológico desse trabalho, que a partir de 1940 os desenhos da capa foram substituídos por fotografias de mulheres, algumas das quais atrizes de Hollywood. Em algumas poucas edições apareciam também atores homens ilustrando a capa. Outras mudanças ocorridas foram que, além da capa, a contracapa também passou a ser colorida trazendo modelos ou mulheres comuns sempre muito bem vestidas<sup>28</sup>.

A impressão do jornal era feita em “papel jornal, à exceção de 2 a 4 páginas em papel ilustração branco (brilhante), cuja gramatura era mais elevada que a do papel jornal”<sup>29</sup>. Segundo Nukácia Almeida, as páginas impressas em papel ilustração traziam fotos do Rio de

---

<sup>23</sup> DIEGUEZ, Priscila. *Lugar de mulher é na sala de aula ou na cozinha? A inserção feminina no ensino superior durante os Anos Dourados: um olhar através do Jornal das Moças*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2019.

<sup>24</sup> ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo. Op. Cit., p.136.

<sup>25</sup> Ibidem.

<sup>26</sup> *Jornal das Moças*, Edição 247, 03/11/1920, p.14.

<sup>27</sup> Ibidem, p.133.

<sup>28</sup> Ibidem.

<sup>29</sup> Ibidem.

Janeiro nos mais diferentes eventos e situações. Alguns números da revista, entre os anos de 1941 a 1945, foram impressos inteiramente em papel jornal.

Essa modificação se deu “provavelmente em função de consequências da 2ª Guerra Mundial”<sup>30</sup>, período em que se tinha dificuldades em encontrar alguns tipos de papéis específicos. O jornal também possuía algumas folhas brilhantes, como uma revista, refletindo seu próprio nome: jornal no título, revista no subtítulo. Para Almeida:

O conteúdo que difere o que é jornal e o que é revista. O jornal normalmente vincula textos de opinião, discussões de temas polêmicos e notícias. Já a revista traz um conteúdo mais variado, geralmente em matérias de entretenimento. Nas primeiras décadas do século XX há um equívoco de nomeação e emprego ambíguo entre estas denominações. Seus próprios mentores (proprietários, editores) contribuíam para isso, como no caso do *Jornal das Moças*, que se denomina jornal, mas seu conteúdo é predominantemente de revista<sup>31</sup>.

Além do subtítulo *Revista quinzenal ilustrada*, encontramos mais um subtítulo no *Jornal das Moças*: *A revista de maior penetração no lar*. Como destaca Almeida, este é um ponto a ser destacado: “A frase de efeito, além de constituir um viés de *marketing*, também oferece, em certa medida, indícios do conteúdo disposto em seu interior”<sup>32</sup>. Segundo a autora, esse é um indício de que a publicação do jornal seria mais voltada para as mulheres de classe média e de que seriam as mulheres que mais o comprariam, bem como os produtos oferecidos nas propagandas. No entanto, destacamos que outro público também tinha acesso ao jornal. Afinal, era apresentado como voltado para toda a família e afirmava que os pais poderiam tê-lo em casa sem preocupações com seus filhos e filhas, pois não havia “perversão nas suas páginas”<sup>33</sup>. Na sua primeira publicação, o *Jornal das Moças* descreve sua função:

É essa tarefa que se impõe o *Jornal das Moças*, cultivar ilustrando e ao mesmo tempo deleitando o espírito encantador da mulher brasileira a quem é dedicada está revista. Levar ao lar das mulheres graça e bom humor, música e conto que embalam, contos infantis que deleitam, moda que agrada. Nesse nosso louvável objetivo não temos poupado nem mediremos sacrifícios<sup>34</sup>.

As crianças eram outro público para o qual algumas páginas específicas estavam voltadas. O periódico tinha uma coluna chamada “Cantinho das crianças”<sup>35</sup> onde eram publicados brincadeiras e jogos para elas. Em algumas edições aparecia no meio do jornal,

<sup>30</sup> ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo. Op. Cit., p.19.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p.131.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p.137.

<sup>33</sup> *Ibidem*.

<sup>34</sup> *Jornal das Moças*, Edição 01, 21/05/1914, p.5.

<sup>35</sup> *Jornal das Moças*, Edição 955, 5/10/1933, p.43.

porém em grande parte vinha nas últimas páginas. Continha desenhos para as crianças pintarem e cobrirem em forma de jogos educativos.

Como aspecto importante, ressaltamos que a maioria do conteúdo era escrita por homens, assim como os donos e diretores eram homens. Um espaço era aberto para as mulheres escreverem poemas: eram os “Bilhetes postais”<sup>36</sup>. Tratava-se de um espaço para as mulheres recortarem, preencherem e mandarem para a redação do jornal pelo correio.

Em uma página havia uma folha escrito “Impresso para bilhetes postais”<sup>37</sup>. Essa página era dedicada aos bilhetes dos leitores. Nela havia espaço para dizer para quem seria o bilhete e para a assinatura de quem o escreveu. O leitor recortava este espaço, preenchia e mandava para o jornal para ser publicado. Tudo que era publicado passava por avaliação anterior e o jornal informava que não devolveria o que não fosse publicado, como pode ser visto em edição de 1914: “Aceitamos prazerosamente a colaboração das leitoras do *Jornal das Moças*. Não nos comprometemos, porém, a devolver originais não publicadas”<sup>42</sup>.

Havia um espaço para dicas de decoração, outro para divulgação de música e cinema, receitas, orientações para as mulheres cozinhareem e modelos para crochês.

Destacamos a coluna “Evangelho das Mães”, sobre a qual falaremos melhor no próximo capítulo. Nela são publicados artigos sobre os cuidados maternos, sobre a educação que as mães deveriam dar a seus filhos e, algumas vezes, noções de psicologia infantil para as mães.

Vale destacar que, como afirmam Liana Pereira Borges dos Santos e Ana Maria Magaldi, em sua pesquisa comparativa sobre jornais e revistas no mesmo período em que circulava o *Jornal das Moças*, os artigos que tinham maior expressão eram os relacionados a:

[...] educação da criança, noções de psicologia e anatomia infantil, indicação de cuidados médicos higiênicos importantes para a manutenção da saúde da criança, sugestões de literatura infantil e arquitetura do ambiente doméstico<sup>38</sup>.

Como destaca Anna Marina Barbará Pinheiro, tanto no *Jornal das Moças* quanto em outros periódicos da época, a ideia da natureza feminina que prevalece “é bastante nítida, caracterizando-se, fundamentalmente pela domesticidade”<sup>44</sup>. Para ambas as autoras, entre os jornais pesquisados, o *Jornal das Moças* seria o mais caracterizado por esses assuntos e questões referentes à vida doméstica da mulher, à maternidade e à criação dos filhos.

<sup>36</sup> *Jornal das Moças*, Edição 287, 25/11/1920, p.26.

<sup>37</sup> *Jornal das Moças*, Edição 384, 26/10/1922, p.35. <sup>42</sup> *Jornal das Moças*, Edição 01, 21/05/1914, p.5.

<sup>38</sup> SANTOS, Liana P. B.; MAGALDI, Ana Maria B. M. “A dimensão educativa da propaganda nas revistas femininas, da década de 1950”. *Cadernos de Pesquisa em Educação PPG-UFES*, v.17, p.366-384, 2011. <sup>44</sup> PINHEIRO, Anna Marina M. P. Barbará. Op. Cit., p.182.

Como a maioria dos jornais era dirigida por homens, é importante acrescentar quem eram os criadores e diretores do *Jornal das Moças* e quais as ideias defendidas por eles. Embora já os tenhamos citado acima, cabe apresentá-los mais detalhadamente. Agostinho Menezes aparece como fundador do *Jornal das Moças*. O diretor responsável era Álvaro Menezes. Os secretários eram Oliveira Herêncio e Alberto M. Corrêa. A primeira menção aos seus fundadores no próprio jornal data de 1920. Na mesma edição, de 1920, Álvaro Menezes aparece como “gerente do *Jornal das Moças*” e responsável por receber as correspondências das leitoras para a revista<sup>39</sup>.

Segundo informa Priscila Dieguez, o periódico era publicado no Rio de Janeiro e distribuído em quase todo o Brasil, incluindo as capitais e um número considerável de cidades de vários estados, tais como Acre, Amazonas, Alagoas, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Bahia, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Sergipe, entre outros<sup>40</sup>. O alcance da sua distribuição pode ser confirmado em alguns textos publicados na própria revista. Como podemos observar em 1915, nas páginas da coluna “Bilhetes Postais”<sup>41</sup>, ao fim de cada poema constava o nome da mulher que o escreveu e o estado em que ela morava. Assim, percebemos que mulheres de diferentes estados mandavam essas correspondências. A partir de 25 de outubro de 1923, a equipe editorial é formada por Agostinho Menezes, como diretor, Álvaro Menezes, como diretor-gerente, e surge agora como secretário J. Sylva Castro<sup>42</sup>.

Dieguez diz:

Desta forma, ao fundar a Editora *Jornal das Moças*, Agostinho Menezes é colocado como fundador da revista. Assim sendo, podemos constatar o fato de que os Menezes vieram para ficar na revista, mudando alguns aspectos referentes ao conteúdo e à forma da escrita, transformando-a em uma das dez revistas mais lidas no Brasil, conforme eles mesmos faziam questão de alardear<sup>43</sup>.

Apesar de uma maioria masculina, havia algumas mulheres colaboradoras do *Jornal das Moças*. Eram elas estavam Yara Silva, Lourdes Portella, Suzy Kirby, Dorothy Dix, Dauny Fritsch, Carmelita Pêredo, Léa Silva e Dulce Brito. Os textos escritos por mulheres eram assinados com pseudônimos ou com o primeiro nome. Os colaboradores do jornal variaram no decorrer dos anos. No entanto, sempre houve a predominância de homens em sua

---

<sup>39</sup> DIEGUEZ, Priscila. Op. Cit.

<sup>40</sup> Ibidem.

<sup>41</sup> *Jornal das Moças*, Edição 016, 10/01/1915, p.21.

<sup>42</sup> DIEGUEZ, Priscila. Op. Cit.

<sup>43</sup> Ibidem, p. 56.

direção<sup>44</sup>. A respeito dos seus colaboradores, entre eles estavam alguns profissionais da imprensa e da literatura que eram destaques na época:

Benjamim Costallat, que atuou como cronista no *Jornal das Moças* e como cronista e crítico de arte no *Jornal do Brasil*; Lino Guedes, jornalista negro, que escrevia uma poesia irônica e marcada por apelos de afirmação moral bem comportada; Berilo Neves, também cronista carioca, que escrevia crônicas de edificação moral, numa perspectiva eminentemente católica; e João Passos Cabral, jornalista sergipano, que participou ativamente da imprensa de Aracaju e colaborou para vários jornais e revistas do País. Esses são alguns autores que escreviam no periódico<sup>45</sup>.

Como destaca Tânia Regina de Luca, em sua análise a respeito das práticas comuns na imprensa feminina, ela organizava “os assuntos a partir da perspectiva, opinião e gosto masculinos, uma vez que é esse o personagem que comanda todo o enredo”<sup>46</sup>. Assim, o homem “tinha as rédeas a respeito do que, como e quando seria publicado, sobre, de e para as mulheres”<sup>47</sup>. Outros aspectos apresentados pela autora mostram que os jornais e revistas femininos destacavam aspectos particulares como momentos de entretenimento, de distração e de prazer. Desse modo, tanto o *Jornal das Moças* quanto outros jornais e revistas no início do XX, traziam publicações coloridas, imagens bem cuidadas, questões do cotidiano feminino, manipulando os assuntos abordados para que estes ganhassem uma conotação mais leve. Com isso, as imagens tiveram um papel muito importante no jornal, pois traziam esse tom de leveza aos periódicos e serviam de referência e exemplo do que era esperado pela sociedade da época<sup>48</sup>. O *Jornal das Moças* propagava imagens de mulheres cozinhando com a aparência de estarem muito felizes ou cuidando dos seus bebês sempre bonitas e sorridentes. Desse modo, as imagens trazem o trabalho do lar e a maternidade como algo prazeroso, leve e satisfatório.

Outras contribuições destacadas por Tânia de Luca são que esse gênero de impresso se comunica através de uma “linguagem que se particulariza por um tom coloquial, de alguém próximo e que aconselha, ampara, aplaca angústias, resolve dúvidas, sugere, fazendo as vezes de uma amiga e companheira à qual sempre se pode recorrer”<sup>49</sup>. Sendo assim, os textos dão à mulher leitora uma ideia de que quem escreveu é alguém similar a elas ou com características comuns as suas vidas. Desse modo, a imprensa feminina do início do século XX, que foi muito caracterizada por uma escrita masculina, se configurou como um produto a ser

<sup>44</sup> SANTOS, Liana P. B.; MAGALDI, A. M. B. M. Op. Cit.

<sup>45</sup> ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo. Op. Cit., p.131.

<sup>46</sup> LUCA, Tania Regina de. “Mulheres em revista”. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p.459.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p.448.

<sup>48</sup> *Ibidem*.

<sup>49</sup> *Ibidem*.

comercializado, criando uma estrutura que se apresentasse com um conteúdo atraente para as mulheres como se quem escrevesse compartilhasse de questões similares as das mulheres leitoras<sup>50</sup>.

Liana Santos e Ana Maria Magaldi, em seu trabalho sobre o *Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica*, diz que as mulheres nos periódicos femininos representavam uma posição central “no campo da cultura de massas”<sup>51</sup>. A autora destaca que ao mesmo tempo em que a imprensa dialogou com os discursos de modernização da sociedade, “manteve-se atenta aos problemas sociais que essas transformações poderiam acarretar na família e, em última instância, na sociedade como um todo”<sup>52</sup>. Santos e Magaldi dizem:

Viu-se que a imprensa, incluindo o nicho representado pela revista ilustrada feminina, exercia o papel divulgador do ideal moderno, tanto no espaço dado à cultura do rádio e do cinema, quanto na publicidade dos mais variados produtos e bens culturais. Não se pode negar que revistas expressavam uma pluralidade de vozes, mas pôde-se notar uma forte tendência, caracterizada pelo estabelecimento de um olhar crítico em relação às transformações culturais e sociais inerentes ao processo de modernização da sociedade brasileira<sup>53</sup>.

Assim, as contribuições dessas autoras mostram que essa imprensa voltada para o público feminino no início do século XX divulgava inovações a respeito de diversos assuntos, mas, no que se tratava das mulheres, mantinham ideias conservadoras e não modificaram os seus discursos.

Voltando ao *Jornal das Moças*, encontramos em 31 de julho de 1930 o lançamento do “Jornal da Mulher”<sup>54</sup> que seria um suplemento dentro do jornal, dirigido por Yara Silva, com conteúdo de 6 a 10 páginas voltado para assuntos do lar. Era também voltado para moda, figurinos, culinária e conselhos úteis para a pele e o embelezamento feminino. Focalizava nas mulheres casadas mais especificamente<sup>55</sup>. Os conselhos eram dados às mulheres se referindo a elas como senhoras e fazendo menção aos maridos:

“Não há nada melhor para a mulher, do que se embelezar para seu esposo quando retornar para casa dos seus afazeres diários”<sup>56</sup>.

Nas décadas de 1950 e 1960, que não são nosso foco nessa dissertação, o *Jornal das Moças* apresentou algumas mudanças: as partes literárias diminuíram e os espaços das leitoras

<sup>50</sup> LUCA, Tania Regina de. “Mulheres em revista”. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p.448.

<sup>51</sup> SANTOS, Liane Borba; MAGALDI, Ana Maria. Op. Cit., p.53.

<sup>52</sup> Ibidem.

<sup>53</sup> Ibidem.

<sup>54</sup> *Jornal das Moças*, Edição 793, 31/07/1930, p.23.

<sup>55</sup> Ibidem.

<sup>56</sup> Ibidem.

acabaram. As mulheres não tinham mais os pequenos espaços de participação como mandar fotos e poemas. O jornal passou a publicar muito mais fotos e imagens de eventos sociais. As capas são modificadas e passam a trazer mais imagens das mulheres casadas, cozinhando ou em outros afazeres domésticos. O “Jornal da Mulher” passou a ocupar mais espaço, tendo em torno de 15 páginas, mas o conteúdo continuou sendo o mesmo: moda, moldes de crochê e costura, estampa para panos de prato, modelos de roupas infantis e receitas.

Destacamos a entrevista com a norte-americana Maria Janet que escreveu o livro *As Futuras Esposas e os princípios de bem viver*. Janet, em 1957, escreveu um artigo para o *Jornal das Moças* intitulado “Os dez mandamentos ideias para o casamento feliz”<sup>57</sup>. Aqui a autora diz existirem mulheres “sanguessugas”<sup>58</sup> que seriam esposas que se rebelariam ou seriam exigentes com seus maridos e que não teriam “compaixão com os bondosos dos homens e que as mulheres para serem felizes e terem um casamento com sucesso deveriam se vestir bem para agradar o marido e principalmente seguir as opiniões do marido”<sup>59</sup>. Percebemos que até o fim do jornal suas mudanças foram em relação ao formato e variações das posições dos textos e matérias, porém o discurso não se modificou. Ao mesmo tempo, com a retirada de espaços destinados às falas das mulheres, o *Jornal das Moças* se tornou ainda mais conservador. A mudança de formato também acabou por expressar o conservadorismo não apenas no que se diz, mas na forma como se diz e se organiza o discurso.

Podemos perceber que o papel materno da mulher continuou a ser defendido até o fim do jornal. O “Evangelho das mães”<sup>60</sup> aparece até a última edição disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Destacamos a respeito da condição materna da mulher um artigo intitulado “As mães populares”<sup>61</sup>:

No rádio e na televisão, existem artistas famosas que são antes de tudo, mães abnegadas, dispostas a fazerem qualquer sacrifício pela felicidade de seus filhos. Nesta reportagem prestamos justa homenagem àquelas que têm nos ombros o difícil encargo que se sublima ao toque de uma palavra divina: mãe<sup>62</sup>.

O artigo citava os nomes de Emilinha Borba, Adelaide Chiozzo, Carminha Mascarenhas, Nicete Bruno, Yara Salles, Elizete Cardoso, Lourdes Mayer, Ema Dávila, Nora

<sup>57</sup> *Jornal das Moças*, Edição 2187, 16/05/1957, p.24.

<sup>58</sup> *Ibidem*.

<sup>59</sup> *Ibidem*.

<sup>60</sup> *Jornal das Moças*, Edição 2422, 15/12/1961, p.15.

<sup>61</sup> *Jornal das Moças*, Edição 2187, 16/05/1957, p.11.

<sup>62</sup> *Ibidem*.

Ney e Heloisa Helena. E trazia fotos dessas mulheres famosas com seus filhos dizendo o quanto elas eram devotadas, carinhosas e atenciosas em sua maternidade. Terminava dizendo que “estava na moda famílias com 3 ou 4 filhos”<sup>63</sup> e que “o mundo continua porque a mulher não perde seu espírito de maternidade”<sup>64</sup>. Assim, mesmo famosas, essas mulheres cumpriam seu papel social de mãe.

Outro artigo, já de 1960, nos últimos anos do jornal, intitulado “Você e seu lar”<sup>65</sup>, diz que “a mulher mesmo já tendo transposto os limites de sua emancipação, sabe no fundo do seu subconsciente que o lugar da mulher é no seu lar”<sup>66</sup>. Diz ainda que as mulheres que gostariam de ter uma renda deveriam desenvolver algum trabalho que pudesse ser feito em casa. Desse modo, não ficariam longe dos seus lares. Então, são dadas dicas de como fazer artigos de crochê para elas venderem e criarem “uma pequena indústria caseira”<sup>67</sup>.

Quanto ao posicionamento político do *Jornal das Moças*, voltamos ao recorte cronológico aqui analisado e destacamos o artigo intitulado “Brasil Novo”<sup>68</sup>, de 20 de novembro de 1930, no qual a publicação apoia a ascensão de Getúlio Vargas ao poder:

Num transe verdadeiramente épico uma corte de bravos e indômitos revolucionários em meio as vibrações de sentimentos patrióticos acaba de dar ao Brasil, um novo sol, - o sol da liberdade que é a vitória estrondosa da Revolução. [...] Elle, Juarez, o filho do Norte, acaba de dar-nos, ao lado do eminente gaúcho Getúlio Vargas, um Brasil novo, purificado no sangue de grande Mártir de causa nacional, - João Pessoa -, o apóstolo que tombou combatendo pela redenção da pátria. [...] Que o Brasil novo, tendo à frente novos homens, exemplos de virtude e probidade, faça jus à legenda da nossa Bandeira- Ordem e Progresso<sup>69</sup>.

Em 1943, na campanha “Esforços do Brasil”<sup>70</sup>, a respeito da Segunda Guerra, o *Jornal das Moças* publica uma matéria que defende a suposta luta pela liberdade, realçando os esforços do Brasil em mandar soldados para o confronto como se fosse uma propaganda da própria “nação brasileira”. Com uma matéria intitulada “Bem-vindo a paz”<sup>71</sup>, acompanhada da imagem de Vargas numa página inteira, parabenizava o esforço do Brasil e o que “Getúlio Vargas fez para salvar o nosso estilo de vida”<sup>72</sup>.

---

<sup>63</sup> Ibidem, p.13.

<sup>64</sup> Ibidem.

<sup>65</sup> *Jornal das Moças*, Edição 2325, 07/01/1960, p.14.

<sup>66</sup> Ibidem.

<sup>67</sup> Ibidem.

<sup>68</sup> *Jornal das Moças*, Edição 805, 20/11/1930, p.7

<sup>69</sup> Ibidem

<sup>70</sup> *Jornal das Moças*, Edição 1571, 26/08/1943, p.18.

<sup>71</sup> Ibidem.

<sup>72</sup> *Jornal das Moças*, Edição 1571, 26/08/1943, p.18.

Em 1951, encontramos uma foto de Getúlio Vargas ocupando uma página inteira com uma legenda que trazia as seguintes informações:

O povo brasileiro, no dia 3 de outubro, do ano extinto, quando num formidável encontro de poderosas correntes partidárias, se travou o pleito mais democrático de todos em nossa terra, sem par na história política do Brasil, repôs nas mãos do Senhor Getúlio Vargas a suprema magistratura do País. [...] O Getúlio Vargas é a despeito de tudo o grande amável do povo. Prova a sociedade o irrevogável triunfo do seu nome nas urnas. A sagração do seu nome significa sem dúvida a expressão inigualável e irreconhecível do voto do povo<sup>73</sup>.

O *Jornal das Moças* se posicionou a favor de Getúlio Vargas até o seu final, mesmo diante dos rumos autoritários assumidos pelo Estado Novo entre 1937 e 1945. Questionamos também qual teria sido seu posicionamento diante do golpe de 1964, mas suas edições neste período não estão disponíveis – conforme já mencionamos, elas são encontradas apenas até 1961. Assim, não temos fontes que nos permitam essa análise. O que podemos afirmar é, em um período anterior e condizente com a cronologia aqui destacada, seu longo e firme apoio a Vargas.

A respeito da imprensa feminina nesse período, podemos dizer que com o golpe de 1964 e com a repressão política, ocorreu no Brasil a censura da grande imprensa, fortalecendo-se a chamada imprensa alternativa. O *Jornal das Moças* se distanciava, no entanto, desse tipo de imprensa<sup>74</sup>. Destacamos que nessa imprensa alternativa surgiram alguns jornais feministas que tinham como principal objetivo reunir conteúdos sobre democracia e sobre as lutas dos movimentos feministas. Entre eles estava o *Jornal Brasil Mulher*, de 1975, o *Jornal Libertas*, que era editado pelas mulheres de Porto Alegre em 1981, o *Chanacomchana*, publicado pelo grupo de ação Lésbicas Feministas de São Paulo em 1984, e o *Maria Mulher*, publicado pelas mulheres de Salvador em 1984.

O *Jornal Brasil Mulher* foi um dos primeiros jornais dessa imprensa alternativa, lançado em 1975 e dirigido por Therezinha Zerbini e pela jornalista Joana Lopes. O jornal lutava pelo espaço das mulheres na política e na própria imprensa e combatia a ditadura. Trazia pautas como liberdade sexual, maternidade, aborto e uso de anticoncepcional. Teve dezesseis edições. Publicado de dois em dois meses continha dezesseis páginas e apresentou uma tiragem de cento e dez mil exemplares a venda em bancas ou por assinaturas. Ressaltamos que era muito difícil que os jornais feministas se mantivessem por muito tempo em circulação. Por estes aqui citados serem da imprensa alternativa, não estavam inseridos na

<sup>73</sup> *Jornal das Moças*, Edição 1858, 25/01/1958, p.6.

<sup>74</sup> CARDOSO, Elizabeth. “Imprensa feminista brasileira pós-1974”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, p.37-55, dez. 2004.

grande imprensa e não possuíam dinheiro suficiente para se manterem no mercado<sup>75</sup>. Assim, se compararmos esses jornais com o *Jornal das Moças*, podemos destacar sua força e durabilidade, já que existiu por mais de 50 anos, publicou muitas edições e conteve inúmeros anunciantes durante o período que circulou.

Com isso, e entendendo o papel desses anúncios, refletiremos a partir de agora sobre as propagandas e anunciantes do jornal. Buscaremos compreender suas características, como dialogavam com as mulheres leitoras e quem eram estes anunciantes.

### 1.3 Anúncios e propagandas no *Jornal das Moças*

Os anúncios publicitários têm a função de promover uma empresa, um produto, uma marca. O modo como a linguagem é empregada para elaborar um anúncio é sempre pensado de acordo com o público para o qual é destinado. Como afirma Marialva Barbosa, até meados do século XIX a publicidade ainda não era uma característica presente na imprensa. Ela passa a ser percebida entre o final do século XIX e o início do século XX quando anúncios vão se configurando no sentido de apresentar produtos, convencer, seduzir e persuadir<sup>76</sup>. Assim, o jornal impresso colaborou para as diversas formas de comunicação, entre elas a publicidade<sup>77</sup>.

Como principal diferença dos anúncios do século XIX para o século XX pode-se perceber, conforme afirmam Tânia Regina de Luca e Ana Luiza Martins, que os anúncios no século XIX utilizavam uma linguagem mais simples, sem “artifícios específicos de convencimento, desse modo priorizavam uma informação mais objetiva”<sup>78</sup>. No início do século XX, os redatores eram chamados para redigir anúncios por encomenda e, dessa forma, inseriram figuras para facilitar a memorização do público e também para chamar a atenção e convencer sobre o que está sendo anunciado. Esse formato com maior quantidade de imagens alcançaria ainda um público de pessoas analfabetas e/ou semianalfabetas que ainda existia em grande número no início do século XX no Brasil. Outros aspectos importantes é que os anúncios variavam de tamanho e apresentavam uma narrativa persuasiva que enfatizava os

---

<sup>75</sup> BASTOS, Natalia de Sousa. *Elas por Elas: trajetórias de uma geração de mulheres de esquerda. Brasil - anos 1960-1980*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

<sup>76</sup> BARBOSA, Marialva. Op. Cit.

<sup>77</sup> REBOUÇAS, Ângela Cláudia Rezende do Nascimento. *Tradições discursivas do editorial no jornal O Mossoroense*. Recife. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2017.

<sup>78</sup> MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. Op. Cit., p.24.

verbos para se obter um efeito influenciador no público-alvo. Desse modo, o produto anunciado seria visto como querido e algo que a pessoa sentisse vontade de comprar<sup>79</sup>.

O jornalismo e a publicidade são textos distintos, mas utilizam o mesmo veículo de informação. Sendo assim, eles se aproximam. A publicidade anuncia o produto e o jornalismo informa ao leitor sobre as qualidades e o modo de utilizar. Dessa forma, ambos apresentam grande relevância social, por levarem as notícias tanto às pessoas como aos lugares<sup>86</sup>. Tendo o jornal impresso crescido, o seu público consumidor também cresceu se transformando num importante canal de propagação de ideias. Assim, a propaganda e a publicidade tiveram um espaço crescente em meio aos impressos periódicos. Cabe dizer, no entanto, que a propaganda e a publicidade possuem diferenças e semelhanças.

Eloá Muniz define a propaganda e a diferencia da publicidade. Segundo a autora, a palavra propaganda significa propagação e disseminação de ideias, sendo considerada um modo de influenciar e propagar “uma crença, uma doutrina, uma ideologia não visando fins lucrativos e não fazendo um anúncio em nome de alguma empresa”<sup>80</sup>. Desse modo, a propaganda procura atingir um determinado público e fazê-lo pensar em alguma questão. A propaganda pode ser classificada como “corporativa, eleitoral, governamental, ideológica, institucional, legal, política, religiosa, sindical e social”<sup>81</sup>. Já a publicidade é basicamente a difusão de uma ideia que através de algum meio de comunicação objetiva influenciar alguém a adquirir um produto ou serviço, criando na pessoa um sentimento de desejo pelo que está sendo anunciado. É possível através da publicidade construir o valor de uma marca ou empresa<sup>82</sup>.

Entre os aspectos comuns entre elas, podemos dizer que tanto a propaganda quanto a publicidade transmitem ideologias; a propaganda de forma mais aberta e a publicidade de modo mais simplificado no que diz respeito ao objetivo de vender. Um aspecto fundamental é que ambas atingem diversas pessoas diariamente e ao seu público são postas novas formas de pensar como novas tendências e padrões. Os anúncios, tanto no texto quanto na imagem, procuram transmitir algo, podendo transformar o pensamento de alguém, “seja para consumir ou para fazer refletir sobre problemas sociais”<sup>83</sup>. Assim, a publicidade quer fazer crer, “de

---

<sup>79</sup> MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. Op. Cit., p.24. <sup>86</sup> Ibidem.

<sup>80</sup> MUNIZ, Eloá. “Publicidade e propaganda: origens históricas”. *Cadernos Universitários: Introdução à Publicidade e Propaganda*, Ulbra, Canoas, v. 1, n. 148, p.51-63, 2004, p.55.

<sup>81</sup> Ibidem.

<sup>82</sup> Ibidem.

<sup>83</sup> Ibidem, p. 56.

uma maneira geral, que o indivíduo só pode ter uma identidade social reconhecida se consumir determinados produtos”<sup>84</sup>.

Uma das características mais marcantes dos anúncios publicitários, de uma forma geral, é que, embora os significados produzidos sejam públicos, compartilhados, coletivos, o desejo de compra é despertado se, paradoxalmente, os anúncios atingirem a individualidade, ou seja, a compra deve ser percebida pelo consumidor como um ato de escolha, exercício da vontade e do livre controle<sup>85</sup>.

Tendo compreendido o papel das propagandas e anúncios, voltamos ao *Jornal das Moças* a fim de analisar como estes apareciam e como visavam influenciar as mulheres a partir de determinados papéis e padrões sociais.

Em 1914, encontramos anúncios de manicures e salões de beleza<sup>86</sup>, de atelier de costura e confecções<sup>87</sup> e de “romances publicados”<sup>88</sup>, indicando que as mulheres os comprassem. Sobre beleza, há, por exemplo, a propaganda da “Perfumaria Lopes: produtos de beleza”<sup>89</sup> que focalizava na “arte de ser bela”<sup>90</sup>. Eram bastante comuns anúncios de serviços de realização do processo de casamento: “Encarrega-se dos processos para a realização no civil e no religioso, com brevidade, por preços módicos”<sup>91</sup>. Encontramos também diversas publicidades da “Livraria Quaresma”<sup>92</sup> que traziam um “manual completo da arte de cozinhar”<sup>93</sup>. Esses anúncios, sobre culinária, eram bem grandes, ocupando uma página inteira do jornal, e traziam as receitas que as mulheres encontrariam no livro, além de informações sobre preços e o endereço da livraria.

Os anúncios dos institutos de beleza costumavam ocupar também uma página inteira do *Jornal das Moças*, como podemos perceber no anúncio do “Instituto de Beleza Mme Georgete”<sup>94</sup>, uma norte-americana que tinha fundado um instituto na Rua do Ouvidor, no centro do Rio. O texto da propaganda dizia: “Em todos os tempos a beleza da mulher tem sido objeto do mais fervoroso culto, preocupando artistas e poetas, os homens de gênio, todos os

<sup>84</sup> MUNIZ, Eloá. “Publicidade e propaganda: origens históricas”. *Cadernos Universitários: Introdução à Publicidade e Propaganda*, Ulbra, Canoas, v. 1, n. 148, p.51-63, 2004, p.56.

<sup>85</sup> WITZEL, Denise Gabriel. “Discurso, história e corpo feminino em antigos anúncios publicitários”. *Alfa*, São Paulo, 58 (3): 525-539, 2014, p.533.

<sup>86</sup> *Jornal das Moças*, Edição 01, 21/05/1914, p.22.

<sup>87</sup> *Ibidem*, p.4.

<sup>88</sup> *Jornal das Moças*, Edição 03, 15/06/1914, p.4.

<sup>89</sup> *Jornal das Moças*, Edição 02, 01/06/1914, p.21.

<sup>90</sup> *Ibidem*.

<sup>91</sup> *Jornal das Moças*, Edição: 06, 30/07/1914, p.35.

<sup>92</sup> *Jornal das Moças*, Edição 40, 01/01/1916, p.3.

<sup>93</sup> *Ibidem*.

<sup>94</sup> *Jornal das Moças*, Edição 42, 01/02//1916, p.3. <sup>102</sup>

*Ibidem*.

espíritos fortes e criadores”<sup>102</sup>. A publicidade era construída a partir da ideia da mulher se cuidar para os homens e dizia que nos Estados Unidos as mulheres que se cuidavam conseguiam grandes resultados, sendo este a obtenção de um casamento. Seguiu dizendo que a mulher se cuidar era importante para os homens: “[...] é em torno do encanto feminino que giram as generosas preocupações dos homens, tudo para conservar a formosura da mulher”<sup>95</sup>. Encontramos outro instituto de beleza chamado Institut Physioplastique<sup>96</sup>, sempre anunciado no jornal ocupando uma página inteira. A propaganda dizia ser este o único instituto que importava os produtos de Paris fabricados por um farmacêutico autorizado e que as mulheres que os utilizassem “nunca mais usariam outros produtos”<sup>97</sup>.

Muitas anunciantes eram lojas de vestidos e de artigos para noivas. Esses anúncios também eram grandes e ocupavam ou uma página inteira ou metade de uma página, como, por exemplo, o “Palacio da Noivas”<sup>98</sup>, que ocupava metade do jornal e trazia informações de vestidos de noiva, sempre contendo a imagem de uma noiva. Encontramos também anunciantes de lojas de joias, como a loja denominada “A Esmeralda”<sup>99</sup>, de joias e relógios importados. Eram comuns também pequenos anúncios de imobiliárias, como a “A. F. Costa”<sup>100</sup>. O anúncio dizia para as mulheres juntarem “bom gosto e economia no seu ninho de felicidade”<sup>101</sup>. Nele constavam o telefone, endereço e uma pergunta de destaque: “Vossa excelência é noiva?”<sup>102</sup>.

Alguns anunciantes bastante conhecidos também anunciaram em quase todos os anos de publicação do *Jornal das Moças*. Destacamos alguns deles:

“Camisaria Progresso”<sup>103</sup> – ocupava uma página inteira.

“Loteria Federal”<sup>104</sup> – possuía uma propaganda menor utilizando metade de uma página.

“Casa Guiomar”<sup>105</sup> – sapataria que ocupava uma página inteira.

“Sabão Aristolino”<sup>106</sup> – ocupava também uma página inteira e continha várias imagens de mulheres.

<sup>95</sup> *Jornal das Moças*, Edição 42, 01/02/1916, p.3.

<sup>96</sup> *Jornal das Moças*, Edição 08, 10/08/1914, p.16.

<sup>97</sup> *Ibidem*.

<sup>98</sup> *Jornal das Moças*, Edição 39, 15/12/1915, p.3.

<sup>99</sup> *Jornal das Moças*, Edição 26, 01/06/1915, p.35.

<sup>100</sup> *Jornal das Moças*, Edição 4, 01/05/1915, p.8.

<sup>101</sup> *Ibidem*.

<sup>102</sup> *Ibidem*.

<sup>103</sup> *Jornal das Moças*, Edição 176, 31/10/1918, p.2.

<sup>104</sup> *Jornal das Moças*, Edição: 157, 20/06/1918, p.2.

<sup>105</sup> *Jornal das Moças*, Edição: 161, 18/07/1918, p.2.

<sup>106</sup> *Jornal das Moças*, Edição: 163, 01/08/1918, p.9.

“Parc Royal”<sup>107</sup> – também ocupava uma página inteira com seu anúncio de vestidos de confecção original para meninas; dizia que as meninas deveriam saber se vestir como moças, pois seriam “Rainhas da elegância amanhã”; há também conselhos de como as mães já deveriam vestir suas filhas meninas como se as preparassem para serem damas e se vestirem bem.

“Vigoron”<sup>108</sup> – eram pastilhas que prometiam dar força e vigor aos homens; ocupava uma página e trazia como imagem um homem lutando contra um touro e vencendo. “Casa Lino”<sup>109</sup> – era um comerciante que ocupava também uma página inteira e fazia sapatos para mulheres, crianças e adultos.

“Filtro Fiel”<sup>110</sup> – publicidade de um filtro de água dizendo ser o mais “prático e mais eficiente”<sup>111</sup>; se tratava de um anúncio bastante amplo e que ocupava também uma página inteira do jornal.

“A Brasileira”<sup>112</sup> – loja de vestidos que também ocupava uma página inteira e trazia os valores de seus vestidos.

“Aveia Quaker”<sup>113</sup> – tomava metade de uma página do jornal e trazia receitas de como preparar o mingau.

“Casa Waldemar”<sup>114</sup> – era um anunciante de brinquedos; ocupava metade de uma página do jornal.

“Leite de Colônia”<sup>115</sup> – trazia um anúncio bem grande no Jornal e dizia que “completava o embelezamento da mulher”<sup>116</sup>; sempre trazia a imagem de uma mulher bonita e bem arrumada.

“Creme dental Colgate”<sup>117</sup> – apresentava um anúncio pequeno, porém sempre presente. “Pó Royal”<sup>126</sup> – trazia uma página inteira de propaganda e algumas vezes até duas, pois sempre publicava alguma receita.

“Cigarro Holywood”<sup>118</sup> – a propaganda ocupava metade da foto e trazia imagens de mulheres fumando; esse anúncio apareceu nos últimos anos de publicação do jornal.

---

<sup>107</sup> *Jornal das Moças*, Edição: 179, 21/11/1918, p.14.

<sup>108</sup> *Jornal das Moças*, Edição: 175, 25/10/1918, p.20.

<sup>109</sup> *Jornal das Moças*, Edição: 232, 27/11/1919, p.32.

<sup>110</sup> *Jornal das Moças*, Edição: 214, 24/07/1919, p.36.

<sup>111</sup> *Ibidem*.

<sup>112</sup> *Jornal das Moças*, Edição: 342, 05/01/1922, p.3.

<sup>113</sup> *Jornal das Moças*, Edição: 498, 01/01/1925, p.30.

<sup>114</sup> *Jornal das Moças*, Edição 651, 08/12/1927, p.45.

<sup>115</sup> *Jornal das Moças*, Edição 924, 02/10/1933, p.47.

<sup>116</sup> *Ibidem*.

<sup>117</sup> *Jornal das Moças*, Edição 1177, 06/01/1938, p.23. <sup>126</sup> *Jornal das Moças*, Edição 1352, 15/05/1941, p.6.

<sup>118</sup> *Jornal das Moças*, Edição 2098, 01/09/1955, p.49.

Destacaremos a partir de agora as propagandas vinculadas ao discurso médico e higienista no jornal, questão que será aprofundada no próximo capítulo. No *Jornal das Moças* havia muitos anúncios de vitaminas ou polivitamínicos que prometiam que as mulheres ficassem mais fortes. Alguns diziam que o leite materno também ficaria forte, como era o caso do “Vinho Biogênico”<sup>119</sup> que afirmava que as mulheres grávidas e as que amamentassem deveriam fazer uso dessa medicação e que somente assim “ficarão fortes e terão o leite aumentado e melhorado para robustecer também dos filhos”<sup>120</sup>. No anúncio, vemos a influência do discurso médico para que as mulheres ficassem fortes e tivessem um leite forte também. Encontramos ainda um anúncio que aparece em diversas edições com uma grande imagem de uma mulher amamentando o filho. Eram as “Gotas Salvadoras das Parturientes do Doutor Van Der Laan”<sup>121</sup>. Essa medicação faria com que os perigos do parto difícil desaparecessem e a mulher deveria fazer uso no último mês da gestação para ter um parto rápido e feliz. Dizia ainda que vários médicos aconselhavam as grávidas a usarem. Podemos, além disso, perceber como característica marcante nos anúncios que muitos dos medicamentos anunciados eram fabricados por médicos, que geralmente manipulavam a medicação e vendiam. Assim, temos mais um indício de como o discurso médico era forte no *Jornal das Moças* e no contexto em que ele circulou. Encontramos no jornal muitas medicações para o útero das mulheres. Entre elas, destacamos o “Elixir das moças”<sup>122</sup>, que era um tônico para o útero e o ovário das mulheres criado por um médico chamado Rodrigues dos Santos e que teria uma ação energética sobre eles atuando e corrigindo o “estado nervoso das senhoras”<sup>123</sup>. Este elixir faria com que as mulheres ficassem mais férteis e corrigiria seus nervos. Aqui vemos uma forte influência do discurso médico na relação entre útero, menstruação e histeria.

Como aponta Mary Del Priore, seria impossível não notar uma fixação pela natureza feminina. Desse modo, a menstruação, por muito tempo, foi considerada um fator endógeno que causaria alterações psíquicas. Segundo afirma a autora, no momento em que a “a ciência ocidental começou a construir a certeza de que poderia saber e afirmar sobre a natureza e os seres pelo método racional”<sup>124</sup> as mulheres passaram a ser definidas como “volúveis, perigosas, de vontade fraca, demonstrando ser de uma natureza misteriosa e incontrolável pelo fato de menstruarem”<sup>13</sup>

<sup>119</sup> *Jornal das Moças*, Edição 58, 27/07/1916, p.43.

<sup>120</sup> *Ibidem*.

<sup>121</sup> *Jornal das Moças*, Edição 117, 01/03/1917, p.24.

<sup>122</sup> *Jornal das Moças*, Edição 67, 28/09/1916, p.8.

<sup>123</sup> *Ibidem*.

<sup>124</sup> DEL PRIORE, Mary, Op. Cit., p.218. <sup>134</sup> *Ibidem*.

De acordo com Ana Maria Colling, desde a Antiguidade o conceito da fisiologia feminina vem sendo estudado. Nesse aspecto, tanto a sexualidade quanto a menstruação passariam por diversas compreensões na história. A autora aponta que, para Aristóteles, o nascimento de uma fêmea seria um desvio. Assim, ele define diversas características do corpo feminino como inferiores em comparação com os corpos masculinos. Ainda segundo Colling, Hipócrates, no tratado *A Doença das Virgens*, descrevia as alterações de comportamento e sintomas como alucinações e delírios como sendo resultantes da retenção de fluxo menstrual<sup>125</sup>. Assim, a medicina e a psiquiatria seriam influenciadas por essas teorias, resultando no enquadramento de um quadro mental no qual a mulher teria uma inclinação a transtornos psíquicos por sua natureza (no sentido de ter um útero e menstruar). Sendo assim, a menstruação era entendida como responsável por equilibrar tanto o físico quanto o psicológico da mulher<sup>126</sup>.

Outra medicação para o útero denomina-se “Uterosano”<sup>127</sup>. A propaganda apresenta seu objetivo: “torna saudável o útero doente”<sup>138</sup>. Promete ainda fortificar e rejuvenescer a mulher. Encontramos também o anúncio de um tonificante intitulado “Kola Cardinette”<sup>128</sup> que dizia alimentar, sustentar e tonificar, mas o que nos chamou a atenção é dizer que curava “qualquer debilidade mental das mulheres”<sup>140</sup>. Destacamos o anúncio de um remédio chamado “Saúde da mulher”<sup>129</sup> que ocupava uma ou duas páginas e dizia ser “o melhor para curar as doenças do útero e do ovário”<sup>142</sup>. Outro produto sempre anunciado para o útero das mulheres é o “Flora Medicinal Agoniada”<sup>130</sup>. O medicamento era indicado para “moléstias do útero, metrite e endometrite, cólicas e dificuldade de regras”<sup>144</sup>. Encontramos também outro anúncio do mesmo medicamento contendo o seguinte texto:

A saúde da mulher e o remédio das esposas. Porque atua beneficentemente sobre o Útero e os Ovários e prepara as esposas para a geração de filhos sadios e robustos. É o Remédio das Mães porque dando-lhes a saúde permanente e assegurando-lhes a normalidade de seus incômodos, permite as mães a continuidade de sua vigilância sobre a ordem da casa. É o remédio das filhas, isto é, das moças da casa porque já na mudança da idade atua sobre o organismo abalado pelo aparecimento das regras, fazendo com que as regras se manifestem normalmente, ou corrigindo toda e qualquer irregularidade da menstruação<sup>131</sup>.

<sup>125</sup> COLLING, Ana Maria. “A construção histórica do corpo feminino”. *Caderno Espaço Feminino* - Uberlândia-MG - v. 28, n. 2, p.44-56. – Jul/Dez. 2015.

<sup>126</sup> Ibidem.

<sup>127</sup> *Jornal das Moças*, Edição 736, 25/07/1929, p.39. <sup>138</sup> Ibidem.

<sup>128</sup> *Jornal das Moças*, Edição 114, 23/08/1917, p.10. <sup>140</sup> Ibidem.

<sup>129</sup> *Jornal das Moças*, Edição 319, 28/07/1921, p.36. <sup>142</sup> Ibidem.

<sup>130</sup> *Jornal das Moças*, Edição 630, 14/07/1927, p.44.

144

<sup>131</sup> *Jornal das Moças*, Edição 643, 13/10/1927, p.9.

O anúncio prometia que o medicamento faria as mulheres gerarem filhos saudáveis e não sentirem dor de cólica, podendo cumprir suas obrigações domésticas. Esses são alguns anúncios de medicamentos para as mulheres, para o útero, para que elas engravidassem e para que tivessem saúde. Cabe reforçar que eles eram extensos e apareceram em diversas edições.

Voltando a Mary Del Priore, nesse contexto em que a menstruação era entendida como responsável pelo desequilíbrio feminino, a autora acrescenta que dentro dessa perspectiva os homens passam a ser vistos como ocupantes de um lugar essencial na saúde da mulher, uma vez que por meio deles haveria a procriação. O homem teria uma causa eficiente para a saúde psíquica da mulher. Nesse mesmo contexto o corpo feminino era visto “como um palco nebuloso e obscuro no qual Deus e o Diabo se digladiavam”<sup>132</sup>; o “corpo masculino seria visto como a norma e o corpo feminino era encarado como suspeição”<sup>133</sup>. O sangue menstrual poderia estragar tanto o vinho quanto a colheita. A mulher saudável era a mulher que procriava, escapando dos males provenientes do útero, da menstruação. A mulher saudável era determinada por sua capacidade de parir. Desse modo, “a medicalização do corpo feminino e a medicalização da loucura são temas que se interpenetram”<sup>148</sup>.

Como mostra Magali Engel, o saber médico associava os sintomas de doenças mentais nas mulheres à natureza feminina. Portanto, as causas de problemas psíquicos femininos estariam ligadas à menstruação e a uma sexualidade anormal; enquanto aos homens eram atribuídos sintomas ligados à cultura, como o desinteresse pelo trabalho, por exemplo. Segundo Engel, o discurso da medicina higienista é a base dos argumentos para que a mulher permaneça em casa e desempenhe sua importante e mais nobre tarefa, sem prejudicar o filho e cuidando para que a criança não fique mal educada e, principalmente, para que tenha os cuidados com a saúde priorizados. Fundamentalmente, as mulheres deveriam ter filhos e, assim, cumprir com a mais importante tarefa da sua existência<sup>134</sup>.

Outros anúncios importantes e que sempre apareciam no jornal eram as indicações de remédios e produtos para os cuidados com filhos, como o “Talco Johnson para crianças”<sup>135</sup>. A imagem do anúncio trazia duas crianças, uma chorando e uma que não chorava e pedia a mãe para usar o talco Johnson como fazia com ele. O anúncio seguia dizendo: “especialmente para crianças e é feito com talco importado da Itália! Não use mais qualquer talco para o seu bebê

---

<sup>132</sup> DEL PRIORE, Mary. Op. Cit., p.78.

<sup>133</sup> Ibidem. <sup>148</sup> Ibidem.

<sup>134</sup> ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saberes médicos e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

<sup>135</sup> *Jornal das Moças*, Edição 1310, 25/07/1940, p.30.

— dê-lhe o conforto e o bem-estar que só poderá ter com o Talco Johnson”<sup>136</sup>. Assim, podemos perceber a forte influência do discurso higienista no qual a mulher é a principal personagem da família, responsável pelos cuidados higiênicos com o bebê. Esse anúncio cobria uma página inteira do jornal e no fim vinha com um papel para destacar e ganhar uma amostra grátis do talco. Também encontramos o anúncio de página inteira da “Malzbier”<sup>137</sup> que dizia: “é especialmente recomendada às Senhoras que amamentam, pois desenvolve a parte láctea, é a bebida que as mulheres devem utilizar”<sup>138</sup>. A cerveja Malzbier iria ajudar a mulher a produzir leite para amamentar. Destacamos também o anúncio do sabonete “Eucalol”<sup>139</sup>, sabonete a base de eucalipto, que sempre trazia a figura de um bebê dormindo e dizia:

É tão travesso que não para limpo. Também não se deve esperar que o bebê compreenda a higiene como nós. Por isso, antes de colocá-lo no berço, a mamãe lava-o cuidadosamente em água e com o sabonete EUCALOL, à base de eucalipto. O sabonete EUCALOL, puríssimo e deliciosamente perfumado, torna o banho do bebê uma delícia!<sup>140</sup>

O anúncio apresenta a mãe como responsável pela higiene da criança, já que está não possuía a compreensão necessária sobre o assunto. O papel social da boa mãe foi sendo construído no imaginário social e a medicina e os movimentos higienistas enfatizaram a importância da procriação e descreveram as características de uma mãe ideal. Dessa forma, à “santa mãezinha”<sup>141</sup>, cujo modelo de comportamento mais adequado era inspirado na imagem da Virgem Maria (aqui religião e medicina se misturam), caberia instruir e educar os filhos e cuidar do lar com total devoção. A mãe higiênica é aquela que amamenta o filho em seu próprio seio, cuida da higiene do filho de modo impecável e, assim, cumpre uma função não apenas nobre, mas considerada sagrada<sup>157</sup>.

Ressaltamos que o *Jornal das Moças* apresentava diversos anúncios de médicos. Não os citaremos aqui, mas cabe informar que eram pequenos e continham médicos de diversas especialidades, acompanhados do endereço do seu consultório. O anúncio do Doutor Samuel Kanitz<sup>142</sup>, urologista, por exemplo, sempre estava no jornal. Isso ilustra como era forte a influência da medicina social, que pensava as doenças adentrando as famílias. Como diz

---

<sup>136</sup> Ibidem.

<sup>137</sup> *Jornal das Moças*, Edição 839, 16/07/1931, p.47.

<sup>138</sup> Ibidem.

<sup>139</sup> *Jornal das Moças*, Edição 972, 1/02/1934, p.35.

<sup>140</sup> Ibidem.

<sup>141</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p.261.

<sup>157</sup>

<sup>142</sup> *Jornal das Moças*, Edição 953, 21/09/1933, p.56.

Elisabeth Badinter, os movimentos higienistas se caracterizam por ações que se expandem da saúde individual para o perfil familiar e buscam na mulher uma aliança para a construção de uma nova mentalidade que buscava cuidar da população educando e ensinando novos hábitos<sup>143</sup>.

Abordaremos mais sobre o corpo feminino no capítulo III desse trabalho. Porém, destacamos brevemente o contexto do início do século XX. No final do século XIX e início do século XX, a medicina criou um conjunto de saberes e poderes que investiram no corpo, voltados para a educação, a limpeza e a higienização<sup>144</sup>. Neste período, vemos muito presente a ideia de um corpo físico que deveria ter vigor e robustez. Michelle Perrot aponta as dificuldades de se tratar de modo mais amplo a interpretação do corpo feminino, principalmente no início do século XX, um período em que o pudor e o recato eram valores disseminados<sup>145</sup>. Mary Del Priore explica que no decorrer dos séculos, o corpo feminino mais cheio continuou a ser admirado. As curvas seguiam insinuando o poder feminino de gerar e a imagem das carnes cheias como padrão de beleza chegou até o século XX<sup>146</sup>.

Essa ideia pode ser percebida no *Jornal das Moças* que trazia o anúncio do “Elixir de Inhame”<sup>147</sup> que as mulheres deveriam tomar, pois fortalecia e engordava. Há também a propaganda do “Composto Ribott”<sup>148</sup>, que ocupava uma página inteira e trazia a imagem de um casal em que o homem e a mulher eram bem magros e outra de um casal que o homem e a mulher não eram magros e riam deles. Estes diziam: “Olhem para aquele par de raquíticos, porque não tomarão Composto Ribott para engordar e fortalecer-se”. O anúncio prometia que pessoas que não conseguiam engordar após tomar o composto ganhavam carne. Nele dizia-se, em caixa alta: “PESSOAS ROBUSTAS E DE BONITAS FORMAS SÃO ADMIRADAS EM TODAS AS PARTES”<sup>149</sup>.

A partir de 1932 não encontramos mais os anúncios desses compostos. Percebemos que começa a se modificar a ideia do corpo mais robusto da mulher e a partir da segunda metade do século aparece o ideal do corpo magro, um corpo feminino preocupado com exercícios e com o novo padrão ideal de beleza<sup>150</sup>. Isso pode ser percebido em um anúncio de

<sup>143</sup> BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>144</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

<sup>145</sup> PERROT, Michelle. “Os silêncios do corpo da mulher”. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Edunesp, 2003.

<sup>146</sup> DEL PRIORE, Mary. *Conversas e histórias de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

<sup>147</sup> *Jornal das Moças*, Edição 462, 24/04/1924, p.32.

<sup>148</sup> *Jornal das Moças*, Edição 125, 08/11/1917, p.22.

<sup>149</sup> *Jornal das Moças*, Edição 125, 08/11/1917, p.22.

<sup>150</sup> BONAN, Cláudia. “Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX”. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. v. 21, n. 2, p. 660-662, 2005.

cinta para as mulheres que tinha como título: “Quer ter o corpo impecável?”<sup>151</sup>. Para isso, a mulher devia usar a cinta de borracha que cobria “as deformações nos corpos deformados pelo excesso de gordura”<sup>152</sup>. Havia outro anúncio de cinta para mulheres que sempre aparecia no jornal: “Casa Mm Sara – a maior variedade de Cintas modeladoras”<sup>153</sup>.

Destacamos ainda que a respeito do corpo feminino três diferentes produtos foram anunciados em todas as publicações pesquisadas. O primeiro é a medicação chamada “Pílulas Fortificantes de Carlos Martins da Costa Cruz”<sup>154</sup>. O anúncio dizia ser aconselhado por todos os médicos e desenvolver “os músculos e conseqüentemente a reconstituição dos seios e a firmeza dos seios sem prejudicar a saúde”<sup>172</sup>. O segundo é o “Mamigeno”<sup>155</sup> que trazia a imagem do contorno do corpo de uma mulher e do seio da mulher, explicando ser uma fórmula de um médico polonês que vendia em diversas farmácias. E prometia: “A formosura da pele e dos seios só com Mamigeno, dá à mulher a perfeição clássica das estatuas gregas”<sup>156</sup>. O terceiro produto é “A Pasta Russa”<sup>157</sup> que teria sido criada pelo Doutor G. Ricabal e prometia que em menos de dois meses causaria “endurecimento e firmeza dos seios em qualquer idade sem causar danos à saúde da mulher”<sup>176</sup>. O produto seria vendido em diversas farmácias. Eram muito comuns também anúncios de produtos de beleza como batom, perfumes e tinturas de cabelo, além de produtos para as unhas e para a pele e, como já dissemos, diversos institutos de beleza.

Assim, concluímos os principais anúncios e anunciantes do *Jornal das Moças* e percebemos que eles seguiam o perfil de publicação do jornal situando a mulher nos padrões e papéis que a sociedade esperava que ela cumprisse.

Concluímos ainda que o *Jornal das Moças* apresenta uma posição crítica em relação às mudanças de costumes e às conquistas das mulheres. Como afirmam Marina Maluf e Maria Lucia Mott, a imprensa feminina possuía como missão modelar o pensamento, o comportamento e, de certo modo, o sujeito. Para as autoras, as revistas femininas compreendidas como ferramentas produziam algum tipo de orientação. Nesse sentido, o impresso voltado para o público feminino, como o que destacamos aqui, cumpriria um

---

<sup>151</sup> *Jornal das Moças*, Edição 745, 26/09/1929, p.21.

<sup>152</sup> *Ibidem*.

<sup>153</sup> *Jornal das Moças*, Edição 925, 09/03/1933, p.8.

<sup>154</sup> *Jornal das Moças*, Edição 106, 28/06/1917, p.34. <sup>172</sup> *Ibidem*.

<sup>155</sup> *Jornal das Moças*, Edição 956, 12/10/1933, p.54.

<sup>156</sup> *Ibidem*.

<sup>157</sup> *Jornal das Moças*, Edição 858, 26/11/1931, p.4. 176

importante papel social, o de capacitação como também o de manutenção da mulher como educadora dos filhos e organizadora da família<sup>158</sup>.

Desse modo, destacamos que a imprensa no início do século XX popularizou as informações através dos jornais e revistas buscando passar uma ideia de neutralidade. Nesse contexto, o *Jornal das Moças* assumiu um papel conservador e legitimou a imagem de mãe e esposa da mulher. Seus conteúdos e propagandas situavam-se nessa temática. O jornal reforçou também o discurso médico e religioso em suas publicações, abrindo sempre espaço para orientações relacionadas à moral e à higiene. No próximo capítulo, pensaremos como a identidade feminina ligada à maternidade foi sendo construída e o papel do jornal nesse processo.

---

<sup>158</sup> MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do mundo feminino”. In: NOVAES, F.; SEVCENKO, N. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p.367-422.

## 2 A CONDIÇÃO FEMININA E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE LIGADA À FIGURA MATERNA

Neste capítulo pensamos a condição da mulher no início do século XX e suas transformações em relação ao século XIX. Buscamos compreender como a identidade feminina era construída, os comportamentos ditados como exemplares e os processos históricos e culturais que interferiam no olhar sobre a mulher. Desse modo, pensamos o discurso médico e tangenciamos o discurso religioso e seus impactos na construção da identidade feminina a fim de compreender como esta foi sendo relacionada à figura materna. Mais especificamente, procuramos entender qual o papel do *Jornal das Moças* no reforço dos padrões idealizados para a mulher e na crítica à emancipação feminina no início do século XX.

Para falarmos da condição feminina, é necessário ressaltarmos que a história das mulheres vem sendo afetada por diferentes processos históricos, políticos e econômicos que modificam os papéis femininos ao longo do tempo<sup>159</sup>. Michelle Perrot questiona:

Por que as mulheres não pertencem a história? Tudo depende do sentido que se dá a palavra “história”. A história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato que se faz de tudo isso. Os ingleses distinguem story e history. As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas a obscuridade de uma inenarrável reprodução, estiveram fora do tempo ou fora dos acontecimentos. [...] Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. [...] Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais<sup>160</sup>.

Como destaca a autora, há uma dificuldade em contar a trajetória feminina, pois muitas vezes a mulher é excluída dos relatos da história. Assim, ao longo do tempo o ofício de historiador vem sendo “um ofício de homens que escrevem a história no masculino”<sup>161</sup>. Desse modo, temos uma visão parcial e marcada pelo patriarcado da história das mulheres<sup>181</sup>. Por isso, estudos como o que propomos contribuem para dar voz às mulheres, silenciadas por tanto tempo na historiografia.

<sup>159</sup> SILVA, Amanda Daniele. *Mãe/mulher atrás das grades: a realidade imposta pelo cárcere à família monoparental feminina*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p.59.

<sup>160</sup> PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012, p.16.

<sup>161</sup> Ibidem, p.185.

## 2.1 Esposa e mãe: A mulher nos discursos religioso e higienista através do *Jornal das Moças*.

O poder do patriarcado, como aponta Jurandir Freire Costa, predominava na história da família até o século XIX e a mulher exercia um papel secundário na sociedade. No que diz respeito à mulher e à criança, elas estavam sujeitas ao marido e ao pai. Todo o edifício familiar se baseava na autoridade do patriarcado. O discurso da Igreja no século XIX, associava a mulher à figura da Eva (pecadora). Por isso, a mulher não era considerada confiável. Logo, ela deveria obedecer ao marido ou ao pai. A autoridade do marido era legitimada pela Igreja como algo divino<sup>162</sup>.

Neste contexto, as mulheres e crianças eram consideradas inferiores. O filho era visto como um elemento a serviço do pai e sua imagem era despida de atrativos, de modo que a mulher deveria dedicar sua vida a cuidar do marido. A infância era vista como um período apenas de transição para a vida adulta<sup>183</sup>. Segundo Philippe Ariès, dois principais sentimentos surgem no fim do século XIX sobre a infância, a “paparicação e a exasperação”<sup>163</sup>. A criança agora é observada como possuidora de ingenuidade e gentileza tornando-se uma fonte de distração para o adulto. Não se hesita mais em paparicar as crianças. O segundo sentimento, o da exasperação, surge na família através dos eclesiásticos e moralistas, pois eles não admitiam que as crianças se misturassem com adultos, para que elas não ficassem mimadas e mal educadas. Eles acreditavam que as crianças eram criaturas frágeis de Deus e que precisavam ser disciplinadas. Esses sentimentos passaram a fazer parte da vida familiar modificando o modo de ver a criança e a própria infância<sup>185</sup>. Portanto, ocorrem modificações atreladas ao papel da mulher e à figura materna.

Como destaca Elizabeth Badinter, no início do século XX, o próprio conceito de infância já havia sido modificado e tudo com relação à criança passa a ser importante. Da mesma forma, a mulher no papel materno passa a ter uma nova conotação social, a responsabilidade de cuidar dessa nova infância<sup>164</sup>. Encontramos no *Jornal das Moças* em 1914, nas primeiras edições da publicação, a média de uma ou duas páginas reservadas às crianças com gravuras infantis, fotos de crianças e histórias para serem lidas para elas.

<sup>162</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. <sup>183</sup>

ARIÈS, Philippe. *História social da Criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2012, p.158.

<sup>163</sup> Ibidem. <sup>185</sup> Ibidem.

<sup>164</sup> BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Esta seção recebeu o nome de “Páginas Infantis”<sup>165</sup>. Desse modo, podemos perceber o quanto o conceito da infância já havia sido modificado. Ao mesmo tempo em que a infância é ressignificada, cresce também a ênfase na figura materna e o papel da mulher

na sociedade é atualizado. O discurso da Igreja também passa por transformações e a mulher casada e mãe se torna mais fortemente associada à figura da Virgem Maria, a mãe pura e não mais a Eva pecadora<sup>166</sup>.

Essas transformações do discurso da Igreja são perceptíveis no *Jornal das Moças*, como destacamos no artigo “A influência das mulheres”, publicado em 1914, que fazia uma crítica a um texto publicado anteriormente no qual a mulher é descrita como uma “influência maléfica”<sup>167</sup>. Porém, no mesmo artigo, aparece a ideia de que esse discurso seria inaceitável, pois a mulher seria soberana na vida doméstica. Além disso, “a vida doméstica do filho com a mãe, prepararia o menino para a vida adulta e social”<sup>168</sup>. Santo Agostinho teria dito que “tudo que havia sido devia a sua genitora”<sup>169</sup>. Dessa forma, a mulher não deveria mais ser descrita como maldosa ou associada a Eva, mas sim vista como sagrada, associada à maternidade e à Virgem Maria.

Como aponta Anna Marina Barbará Pinheiro sobre esse tema:

As duas primeiras intervenções (a promoção da Virgem Maria e o estatuto do matrimônio cristão) atuariam no sentido da criação de um dos polos a partir do qual não apenas o pensamento católico, mas também uma ampla gama do pensamento laico no Ocidente cristão, passaria a aprender a condição feminina: o polo positivo no qual se inscreveriam as mulheres tidas como legítimas, destinadas à reprodução da prole legítima, a perpetuação da linhagem (transmissão do nome de família) e a gestão do espaço doméstico, esposas e mães de famílias. Em direção ao polo oposto, o da ilegitimidade, estariam as concubinas e prostitutas, mulheres destinadas a garantir a satisfação das demandas masculinas relacionadas com a sexualidade e a afetividade, bem como com a preservação da honra daquelas percebidas como legítimas. Nas duas posições extremas, representando por um lado, a bondade e perfeição absolutas, impossíveis às mulheres verdadeiramente humanas temos: Maria, mãe que nunca conheceu o sexo, no outro extremo, unindo sexo e falha, pecado e maldade, Eva<sup>170</sup>.

Mary Del Priore acrescenta a esse respeito que a mãe deveria ser a “santa mãezinha”, tendo como modelo dado pela Igreja a mãe de Jesus, “modelo de pudor de severidade e castidade”<sup>171</sup>. No entanto, vale ressaltar que, para Margareth Rago, a associação da mulher à

<sup>165</sup> , Edição 001, 21/05/1914, p.23.

<sup>166</sup> BADINTER, Elizabeth. Op. Cit.

<sup>167</sup> *Jornal das Moças*, Edição 030, 01/08/1914, p.8.

<sup>168</sup> Ibidem.

<sup>169</sup> Ibidem.

<sup>170</sup> PINHEIRO, Anna Marina M. P. Barbará. Op. Cit., p.109.

<sup>171</sup> DEL PRIORE, Mary. Op. Cit., p.12.

imagem da Virgem Maria corresponderia à mulher mãe devotada, à casada e com filhos. As mulheres prostitutas, por exemplo, não estavam inseridas nesses padrões e continuavam associadas à imagem de Eva pecadora<sup>172</sup>.

Voltando ao *Jornal das Moças*, em 1914, no artigo “Marido e mulher”, encontramos a separação entre a mulher dita honrada e a mulher descrita como vadia. Esta última seria aquela que pensava em paixões e não guardava a sua honra para o casamento. Já a mulher sã e honrada seria aquela que cumpriria o papel do casamento e da maternidade, sendo esse um caminho dado por Deus, como podemos observar na seguinte frase: “A mulher ideal não é a nervosa, sentimental e vadia, a mulher verdadeira é ativa, alegre e sã e está prestes a seguir o caminho onde Deus a chamou”<sup>173</sup>. Margareth Rago diz:

Identificada à religiosa ou mesmo considerada como santa, a imagem de Maria, a mãe será totalmente dessexualizada e purificada, ainda mais que, ao contrário, a mulher sensual, pecadora, e principalmente a prostituta, será associada a figura do mal, do pecado e da Eva, razão de perdição do homem<sup>174</sup>.

Em poema, publicado também em 1914, intitulado “Confidências de um papelote”, que tem um homem como autor, frases como “Mãe és a imagem mais perfeita e mais Santa da Virgem Maria”<sup>175</sup> demonstram a influência do discurso religioso ao associar a mulher à Virgem Maria. Em todo o poema, a mulher aparece também como um anjo, uma figura de bondade: “A mulher és o anjo que se respeita e se ama”; “Divina caridade é a sua passagem sobre a terra”<sup>176</sup>. Mary Del Priore afirma que esse discurso religioso no início do século XX foi atrelado ao Estado. Dessa forma, o Estado definiu o papel da mulher na esfera doméstica. Pobre ou rica, a mulher passa a ser vista como aquela capaz de “fazer o trabalho de base de todo edifício familiar”<sup>177</sup>. “Tanto a Igreja como o Estado apostavam no papel feminino”<sup>178</sup>.

Em seu ano inaugural, portanto, o jornal mostra essa característica da mulher como edifício familiar em diversas publicações. Destacamos ainda o artigo intitulado “O que a mulher deve ser?”. Segundo ele, “a mulher é o primeiro funcionário do Estado Familiar [...] do bom desempenho desse cargo, depende o equilíbrio doméstico”<sup>179</sup>. Assim, a mulher é apresentada como fundamental no equilíbrio doméstico. O artigo traz diversos conselhos de

<sup>172</sup> RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

<sup>173</sup> *Jornal das Moças*, Edição 40, 01/01/1916, p.5.

<sup>174</sup> RAGO, Margareth. Op. Cit., p.82.

<sup>175</sup> *Jornal das Moças*, Edição 04, 01/07/1914, p.07.

<sup>176</sup> Ibidem.

<sup>177</sup> DEL PRIORE, Mary. Op. Cit., p.12.

<sup>178</sup> Ibidem, p.19.

<sup>179</sup> , Edição 02, 01/06/1914, p.14.

comportamento feminino e destaca que a mulher deveria se empenhar na construção do perfeito equilíbrio do lar, através do controle dos gastos, da organização e da educação dos filhos.

Na virada do século XIX para o XX, encontramos também a propagação do modelo de amor romântico. As revistas femininas e jornais no início do século XX traziam a ideia de felicidade eterna a ser conquistada através dele. O casamento com base no amor era o discurso da Igreja e do Estado<sup>180</sup>. Michelle Perrot diz que, se no século XIX ocorreu uma vagarosa expansão do ideal de casamento por amor, no século XX o amor romântico estaria dado como uma condição para o casamento bem sucedido. A ideia do amor romântico “anuncia o casal que triunfa”<sup>181</sup>. Para a mulher, o casamento por amor passa a ser a única opção honrosa e um abrigo seguro<sup>182</sup>. O *Jornal das Moças* traz em todas as suas edições poemas românticos voltados para as mulheres. Havia em todas elas uma média de duas a quatro folhas destinadas a poemas, versos e recados de amor que as leitoras poderiam mandar para os noivos ou maridos. Esse espaço do jornal era denominado “Bilhetes Postais”<sup>183</sup>. Aqui podemos perceber que espaços abertos à fala do público, que em sua grande maioria era formado por mulheres, destinavam-se apenas a poemas e versos, ou seja, tratava-se de uma abertura limitada para as leitoras.

Como aponta Jurandir Freire Costa, o amor romântico como valor de padrão moral familiar também será utilizado e apropriado pelo discurso higienista. O amor se tornou indispensável na ordem médica, pois se o casamento fosse baseado apenas na sexualidade do casal, seria frágil na proteção das crianças. Controlar o casamento através do amor serviria para combater doenças como a sífilis que, para o discurso da medicina social, seria resultado de uma sexualidade considerada descontrolada. O objetivo da medicina social não seria mais a família fecunda apenas, mas sim a família responsável. As campanhas de educação sexual para prevenção de doenças sexuais crescem na década de 1920 e, desse modo, o movimento higienista se apoiava na construção do casamento nos moldes higiênicos. Assim, o amor passa a ser utilizado na execução de novos papéis sociais masculinos e femininos no casamento<sup>184</sup>.

Dessa forma, o amor é utilizado para fixar as supostas características de cada sexo, servindo de referência para a construção da conduta social masculina e feminina. A mulher é,

---

<sup>180</sup> Ibidem.

<sup>181</sup> PERROT, Michelle. Op. Cit., p.47.

<sup>182</sup> Ibidem.

<sup>183</sup> *Jornal das Moças*, Edição 095, 07/10/1916, p.36.

<sup>184</sup> COSTA, Jurandir F. Op. Cit. <sup>207</sup> Ibidem.

então, descrita como possuidora de um amor que é naturalmente mais meigo e devotado<sup>207</sup>.

Jurandir Freire Costa afirma que:

Havia naturalmente, o argumento da atração sexual e da complementaridade das almas e corpos. Mas a higiene terminou por enfraquecer estes impulsos naturais na ânsia de criar diferenças entre homens e mulheres. A mulher amava mais que o homem. Devia, além do mais, ser passiva, submissa, coquete, caprichosa, doce, meiga, devotada, etc. O homem devia ser mais seco, racional, autoritário, altivo, menos amoroso, mais duro, etc.<sup>185</sup>

Assim, o amor permitiu ao movimento higienista, “realizar sua manobra mais ambiciosa e, talvez, mais bem sucedida junto a família: converter quase completamente a figura sentimental do homem ao personagem do pai, e a da mulher ao personagem da mãe”<sup>186</sup>. No *Jornal das Moças*, já em 1920, encontramos um artigo denominado “O amor e o ciúme” que afirma que homens e mulheres teriam modos diferentes de amar. Segundo ele: “A mulher tem mais amor que o homem porque nela os sentimentos de dedicação e de afetividade, regados pela sua organização cerebral e princípios da infância, são mais pronunciados e firmes”<sup>187</sup>. Do lado oposto, “o homem raramente tem amor, porque o amor não pode existir sem a dedicação e o afeto”<sup>188</sup>. O artigo também demonstra que o amor da mulher não deveria ser dotado de ciúmes e que ela deveria sempre perdoar, pois seu amor seria capaz de perdoar mais do que o dos homens. E complementa: “O ciúme que mata e não o amor, e tanto é isso uma verdade, que a mulher perdoa mais facilmente que o homem. Ela tem o amor e a dedicação”<sup>189</sup>.

Em 1923, o *Jornal das Moças* publica o artigo intitulado “Justa defesa” no qual se diz: “A mulher tem a mais sublime e nobre missão na terra a cumprir: Ser mãe!” e “[...] a mulher foi criada pela graça divina para ser a fiel companheira do homem”<sup>190</sup>. Desse modo, ocorreu a redução da mulher ao papel de mãe e esposa devotada e ela passa a ser “propriedade higiênico-amorosa do homem”<sup>191</sup> e a ter sua identidade cada vez mais relacionada à maternidade. A maternidade se transforma numa nobre função e torna-se um papel gratificante<sup>192</sup>. Como observamos num poema denominado “Mãe, publicado em 1927, a palavra mãe e a maternidade são vistas como sagradas: “Mãe, adoro extremosamente esta

<sup>185</sup> Ibidem, p. 237.

<sup>186</sup> Ibidem, p. 239.

<sup>187</sup> *Jornal das Moças*, Edição 237, 01/01/1920, p. 32.

<sup>188</sup> Ibidem.

<sup>189</sup> Ibidem.

<sup>190</sup> *Jornal das Moças*, Edição 402, 01/03/1923, p.11.

<sup>191</sup> COSTA, Jurandir F. Op. Cit., p. 252.

<sup>192</sup> Ibidem.

palavra santa, este vocábulo glorioso, está silaba bendita e sentimental, porque ela é o símbolo real das grandezas infinitas e o conjunto harmonioso de tudo quanto é belo e virtuoso!”<sup>193</sup>

Para Elisabeth Badinter o discurso médico passa a ajudar a confinar a feminilidade ideal: a mulher sã e feliz é a mãe de família. A maternidade passa a designar um lugar para as mulheres na sociedade; um lugar de respeito e poder desde que não ultrapassasse os limites domésticos. Como mostra Michelle Perrot, a mulher casada deveria amar o marido e o lar estaria associado ao casamento. Portanto, a casa deveria estar sempre limpa e bem cuidada. Com a preocupação do Estado e da medicina com as famílias, a mulher deveria estar presente em casa<sup>194</sup>.

Desse modo, o movimento higienista ou sanitarista que havia se desenrolado no país a partir de meados do século XIX, continua a ganhar força no início do século XX, caracterizando-se por ações que se expandem da saúde individual para o perfil familiar. Surge uma nova mentalidade que buscava cuidar da população educando e ensinando novos hábitos. Isto envolvia uma grande preocupação com a saúde e com a educação. Esse era um novo ramo da medicina, que teria a finalidade não apenas de justificar as causas das doenças no corpo, mas também o papel do meio nesse processo<sup>195</sup>.

Gilberto Hochman define o movimento higienista como a era do saneamento, que foi caracterizada, segundo ele, em dois sentidos. O primeiro, “iniciado na década de 1910 e encerrado com o crepúsculo da Primeira República”<sup>196</sup>, seria um período de conscientização da elite sobre os problemas sanitários e no qual o Estado deveria se responsabilizar pela saúde individual e do território. O segundo sentido seria o de um conjunto de médicos, cientistas e profissionais de serviços sanitários que reunidos “são capazes de transformar os efeitos externos da doença em consciência da interdependência social”<sup>197</sup>. Assim, o movimento critica as condições sanitárias do país, difundindo novos hábitos de higiene por a toda população. Seu objetivo era educar a população através de normas e hábitos para a saúde coletiva e não apenas a individual<sup>198</sup>.

Como mostra Magali Engel, o médico penetrava o espaço familiar e aos poucos modificava as relações familiares, através do estabelecimento de uma relação de confiança e mais íntima. Sendo assim, a mulher vista como mãe higiênica, se por um lado se emancipava

<sup>193</sup> Edição 610, 24/02/1927, p. 4.

<sup>194</sup> PERROT, Michelle. Op. Cit.

<sup>195</sup> SILVA, Poliana Moreira. *Movimento higienista: construção da figura feminina*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017, p.13.

<sup>196</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A Era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 40.

<sup>197</sup> Ibidem.

<sup>198</sup> Ibidem.

do “poder patriarcal”<sup>199</sup>, por outro lado tinha “a colonização pelo poder médico”<sup>200</sup>; “transformada em mãe higiênica, a mulher tornava-se aliada do médico na viabilização do projeto higiênico das relações familiares”<sup>201</sup>.

Voltando a Gilberto Hochman, a fim de reforçar a educação para novos hábitos, o higienismo se utilizou da mulher enquanto mãe e das professoras como alvos das políticas públicas. A mulher era cobrada como mãe para os cuidados com os filhos impedindo que as crianças ficassem doentes e proliferassem doenças. As professoras deveriam completar a educação higiênica recebida em casa. A mulher enfim se tornou aliada dos progressos e avanços do movimento higienista<sup>202</sup>. O higienismo também está presente nas páginas do *Jornal das Moças*. Como observamos no artigo “A mulher e sua cultura intelectual”, a mulher deveria se “educar dos preceitos da higiene para preservar a saúde própria e dos filhos e designar as suas funções de esposa e mãe”<sup>203</sup>.

Como aponta Margareth Rago, a função das mulheres na esfera doméstica era importante para a manutenção dos hábitos higiênicos, sendo enaltecida como um ofício sagrado, como dissemos. E quanto mais a mulher buscava escapar dessa esfera privada, mais era julgada e considerada imoral. Isto ocorria especialmente com aquelas que buscavam emancipação. Dessa forma, as mulheres eram controladas e vigiadas, esperando-se que cumprissem o papel de dona de casa e mãe para serem socialmente aceitas<sup>227</sup>. O *Jornal das Moças* reforça essas ideias. Isto pode ser percebido através do artigo “A mulher” que descreve a maternidade como uma das funções femininas mais dignas, sendo as mulheres seres divinos. O artigo diz: “As mulheres em relação aos seus filhos, são criaturas sem sexo, são antes semidivinos, são anjos”<sup>204</sup>. E complementa: “[...] a missão que a mulher desempenha como sacerdotisa por certo é uma das funções que mais dignificam e exaltam”<sup>205</sup>.

No entanto, é importante destacar, como aponta Lucila Scavone, que as implicações e experiências da maternidade não atingem do mesmo modo as mulheres de diferentes culturas e classes sociais. Assim, a maternidade é um “fenômeno social marcado pelas desigualdades sociais, raciais/étnicas, e pela questão de gênero que lhe é subjacente”<sup>206</sup>. A maternidade vai

---

<sup>199</sup> ENGEL, Magali. Op. Cit., p.44.

<sup>200</sup> Ibidem.

<sup>201</sup> Ibidem.

<sup>202</sup> HOCHMAN, Gilberto. Op. Cit.

<sup>203</sup> *Jornal das Moças*. Edição 008, 29/08/1914, p.09. <sup>227</sup> RAGO, Margareth. Op. Cit.

<sup>204</sup> *Jornal das Moças*, Edição 673, 10/05/1928, p.10.

<sup>205</sup> Ibidem.

<sup>206</sup> SCAVONE, Lucila. “Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero”. *Interface*, Botucatu, v. 5, n. 8, p.47-59, Feb. 2001, p.52.

sendo colocada como um elemento cultural e da identidade feminina e se torna cada vez mais um modo de justificar as desigualdades das mulheres em relação aos homens.

## **2.2 A construção social de uma identidade feminina materna: padronização X resistência**

A maternidade não era um papel valorizado até o século XVIII. No século XIX, passa-se a valorizar a devoção ao lar. No século XX, o ideal da mãe amorosa e higiênica transforma a mulher na rainha do lar. Assim, a maternidade e todas as exigências do bem estar do filho foram bases fundamentais para que o amor materno fosse naturalizado e se tornasse um “elemento definidor da condição de feminilidade”<sup>207</sup>.

O reforço da mulher no papel materno se torna cada vez maior, o que acreditamos que se relacione com o fato do movimento feminista também ter se tornado mais expressivo no Brasil. No artigo “Feminismo”, de 1919, encontramos uma crítica ao suposto desprezo sofrido pelas mulheres. O artigo diz que os homens que ridicularizavam o feminismo dizendo que a mulher seria inferior, eram injustos, pois eles foram criados por suas mães e a mulher mãe não mereceria ser desprezada: “Não há um só homem que não tenha dito: Minha mãe era a mais inteligente e a mais honrada das mulheres, sem ela eu não seria o que sou e todos os homens tiveram mãe e todas as mães tem educado, tem conduzido e tem influído na vida de seus filhos”<sup>208</sup>. Aqui percebemos que ao citar o feminismo, o artigo diz que a mulher teria um papel fundamental na criação dos homens. Mesmo pela função da maternidade, a mulher deveria ser valorizada a partir da figura masculina. Percebemos também a responsabilidade sobre a educação e o futuro dos filhos sendo direcionada à mulher, pois defende-se que toda mulher deveria educar e conduzir o filho. Os discursos sobre a naturalização da maternidade contribuíram para limitar as mulheres ao lar e impedir que os direitos políticos, sociais e econômicos fossem exercidos por elas<sup>209</sup>.

De acordo com Tzvetan Todorov, o reconhecimento marca a entrada do indivíduo na existência, sendo o obrigatório de tudo. A “aspiração ao reconhecimento”, como o autor

---

<sup>207</sup> MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida; PENNA, Cláudia Maria de Mattos; CALEIRO, Regina Célia Lima. “Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres”. *Saúde debate*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 123, p.1120-1131, Oct. 2019, p.1129.

<sup>208</sup> *Jornal das Moças*, Edição 220, 04/09/1919, p.06.

<sup>209</sup> MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida; PENNA, Cláudia Maria de Mattos; CALEIRO, Regina Célia Lima. Op. Cit.

trabalha, pode se dar de diversas formas “conscientes e inconscientes, racionais e irracionais”<sup>210</sup>. Portanto, a existência humana estaria marcada pelo reconhecimento e a “alteridade se daria a partir da relação com o outro”<sup>211</sup>. Apropriando-nos do que diz Todorov, podemos dizer que a maternidade estaria dada a mulher como “um caminho fundamental para a constituição de sua identidade”<sup>212</sup>. Assim, a função materna, segundo Perrot, por ser um “ pilar da sociedade e da força dos estados”<sup>213</sup>, se torna um elemento social. A política investe no corpo da mulher que é mãe, havendo todo um controle da natalidade. A maternidade seria, portanto, uma das funções mais relevantes na vida da mulher<sup>214</sup>. Para Machado, Penna e Caleiro:

[...] deve-se considerar que as identidades são construções discursivas e culturais, e não fixas ou imutáveis. A identidade de gênero também é construída historicamente, e os discursos constituem o sujeito, em uma versão foucaultiana em que este sujeito é o efeito das relações entre saber e poder. O sujeito é constituído, é fundado nas relações que se organizam em torno dele, e pode-se falar, portanto, em uma construção cotidiana do feminino<sup>215</sup>.

Portanto, a maternidade é um fato social e também socialmente produzido. Assim, se pensarmos que a identidade feminina é resultado dos “processos históricos, pelas vivências singulares e coletivas”<sup>216</sup>, a construção do feminino faz-se no social, na sexualidade e também nas relações de gênero. Vale destacar o artigo intitulado “A mulher só tem um direito: Ser mulher”, publicado no *Jornal das Moças* em outubro de 1919. O texto é estruturado a partir do diálogo entre um homem e uma mulher:

A mulher — Por que não me deixas subir?  
 O homem — Porque não podes ocupar a minha posição na vida.  
 A mulher — Serei porventura menos inteligente?  
 O homem — Não. Porque és mulher! E a mulher nasceu para ser adorada e venerada pelo homem e para amar os seus filhos<sup>217</sup>.

No texto, a mulher ocuparia o lugar social de mãe e esposa, não sendo permitido alcançar a mesma posição do homem. Haveria um encantamento em torno da mulher que a colocaria como adorada e venerada, o que serve para limitá-la e submetê-la. Desse modo, a

<sup>210</sup> TODOROV, Tzvetan. Op. Cit., p.116.

<sup>211</sup> Ibidem.

<sup>212</sup> PERROT, Michelle. Op. Cit., p. 68.

<sup>213</sup> Ibidem, p. 69.

<sup>214</sup> Ibidem.

<sup>215</sup> MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida; PENNA, Cláudia Maria de Mattos; CALEIRO, Regina Célia Lima, Op. Cit., p.1121.

<sup>216</sup> Ibidem, p.1122.

<sup>217</sup> *Jornal das Moças*, Edição 224,02/10/1919, p.22.

identidade e sua construção não estão reduzidas ao individual, sendo parte de um todo social. Assim, devemos considerar que a vida social “é feita de emoções, sentimentos e afetos compartilhados, em que a subjetividade tanto se ancora como interioriza os valores coletivos”<sup>218</sup>.

De acordo com Pierre Bourdieu, a família seria o primeiro grupo de socialização a partir do qual são transmitidas as características culturais. A família seria a primeira identidade social do indivíduo e nela a mulher busca reconhecimento. Para Bourdieu, a dominação masculina se impõe nas estruturas, nas atividades produtivas, bem como nas reprodutivas. A mulher foi socialmente tratada como objeto estético, com destaque para tudo que se refere à beleza, ao comportamento, à postura, às roupas e também ao trabalho doméstico. A dominação não seria um efeito direto e simples, mas seria disfarçada a tal ponto que os que sofrem não percebem.

O *Jornal das Moças* demonstra inúmeras vezes ser um reforçador dessas ideias de dominação masculina. Em 1919, o artigo “A cultura intelectual na mulher” diz: “O remédio está nas próprias mãos femininas: não vos desleixeis no cuidado que deveis ter assiduamente, para alentar o ânimo desse batalhador heroico e infatigável que se chama – o HOMEM”<sup>219</sup>. Podemos observar nessa frase o homem sendo colocado num lugar de herói e batalhador, enquanto a mulher ocupa o lugar de responsável por seu bem estar. Até mesmo a palavra homem é apresentada toda em caixa alta como um modo de colocar em evidência.

Podemos fazer a mesma observação no artigo “O paralelo entre homem e mulher”, de 1922, que aponta também essas ideias de dominação masculina. O texto contém afirmativas como:

O homem é a mais elevada das criaturas.  
 A mulher o mais sublime dos ideais.  
 Deus fez para o homem um trono.  
 Para a mulher um altar. O trono exalta, o altar santifica.  
 [...]  
 O homem é um gênio. A mulher é anjo.  
 O gênio é incomensurável, o anjo é indefinível.  
 A aspiração do homem é a suprema gloria.  
 A aspiração da mulher é a virtude extrema.  
 A gloria faz o imortal, a virtude faz o divino.  
 [...]  
 O homem tem um farol - a consciência.  
 A mulher tem uma estrela - a esperança.  
 A consciência guia, a esperança salva.

<sup>218</sup> MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida; PENNA, Cláudia Maria de Mattos; CALEIRO, Regina Célia Lima, Op. Cit., p.1123.

<sup>219</sup> *Jornal das Moças*, Edição 226, 16/10/1919, p.16. <sup>244</sup> *Jornal das Moças*, Edição 352, 16/03/1922, p.27.

Enfim: O homem está colocado onde termina a terra, a mulher onde começa o céu<sup>244</sup>.

A mulher é apresentada como santificada, como alguém que possui virtudes e atributos divinos. Ao homem caberia um lugar elevado, um trono, a inteligência e a consciência. Ele teria a razão e por isso seria o guia.

Portanto, como aponta Bourdieu, a dominação sobre as mulheres é reforçada cada vez mais no espaço social – na família, na escola, no trabalho, na mídia<sup>220</sup>. Como destaca Josênia Antunes Vieira, a identidade da mulher não pode ser vista exclusivamente e limitada pelo gênero, pois a “identidade de gênero é produto de comportamentos sociais aprendidos com a família e com outras instituições sociais como a escola”<sup>221</sup>. Isto também condiz com o que afirma Todorov sobre os meios para se obter o reconhecimento, relacionados diretamente à cultura e aos grupos aos quais o sujeito pertence. No início do século XX, para a mulher obter reconhecimento, deveria estar de acordo com os padrões conservadores da sociedade. E exercer o trabalho materno, como sendo uma função sagrada, era parte dessa conquista por reconhecimento. O reconhecimento alcançaria todas as esferas da relação humana, estando ligado ao modo de atrair o outro. Essa atração pode se dar através do comportamento. Nas palavras de Todorov:

A satisfação obtida nas conformidades das normas com os grupos explica também, em grande parte, o poder dos sentimentos comunitários, a necessidade de pertencimento a um grupo, a um país, a uma comunidade religiosa. Seguir escrupulosamente os hábitos do seu meio trará a satisfação de sentir-se existir através do grupo<sup>222223</sup>.

Os papéis sociais imputados à mulher ditavam o comportamento feminino ideal e gerariam reconhecimento nesse contexto social. Através do papel de dona de casa, de esposa e de mãe, as mulheres eram bem vistas dentro dessa realidade, ganhando um *status* social desde que não ultrapassassem essa esfera, esses espaços. A atuação doméstica era essencial para o funcionamento da sociedade no início século XX e é enfatizada como parte da vida e da rotina dessas mulheres. No *Jornal das Moças*, em 1922, no artigo “Como devemos julgar as mulheres”, percebemos como a mulher é situada nessa função social de educar os filhos para

---

<sup>220</sup> BORDIEU, Pierre. Op. Cit.

<sup>221</sup> VIEIRA, Josênia Antunes. “A identidade da mulher na modernidade”. *DELTA*, São Paulo. v. 21, p.207238, 2005, p.226.

<sup>222</sup> TODOROV, Tzvetan. Op. Cit., p.120.

<sup>223</sup> *Jornal das Moças*, Edição 354, 30/03/1922, p.27.

a sociedade. Nesse artigo, a mulher é destacada como esposa, como mãe, como irmã e como educadora:

A mulher é a companheira das dores e das alegrias do homem; é o ente mais perfeito e criado por Deus para florir e perfumar nossos lares. [...] A mulher como irmã é a nossa confidente, como esposa a companheira eterna das nossas alegrias e tristezas, quando mãe é a mestre incansável do nosso berço á mesa e que nos educa para o lar e para a sociedade e nos ensina o caminho do bem<sup>224</sup>.

Então, como aponta Michelle Perrot, o trabalho doméstico não só é um peso nos “ombros das mulheres como também um peso na sua identidade, pois a dona de casa perfeita havia se transformado num ideal não somente da sociedade, mas também dos homens na busca por uma esposa<sup>224</sup>. Como o casamento era um destino ideal para as mulheres, havia uma busca obsessiva em alcançar esse ideal, de esposa exemplar<sup>225</sup>.

Michelle Perrot diz:

O trabalho doméstico resiste as evoluções igualitárias. Praticamente, nesse trabalho, as tarefas não são compartilhadas entre homens e mulheres. Ele é invisível, fluído, elástico. [...] É um trabalho que parece continuar o mesmo desde a origem dos tempos, da noite das cavernas a alvorada dos conjuntos habitacionais. No entanto, ele muda em suas práticas e em seus agentes<sup>226</sup>.

As mulheres deveriam ser boas donas de casa, para obterem reconhecimento dentro de suas casas pela família e pelo marido. Com isso, se tornariam também treinadoras de suas filhas, formando novas donas de casa. Portanto, as filhas teriam o reconhecimento das figuras de autoridade que a cercavam, na medida em que aprendessem o trabalho doméstico<sup>227</sup>. O reconhecimento se estabelece também através da aprovação das figuras de autoridade e pela confirmação do próprio valor do sujeito. Assim, quanto mais a filha aprendia os afazeres domésticos, mais obtinha reconhecimento dos pais, dos avós e das figuras de autoridade que a cercavam. De igual modo, quanto mais a mulher se tornava uma boa dona de casa e uma boa mãe, mais se sentia reconhecida e socialmente aceita. O reconhecimento “constrói-se como uma relação assimétrica: o agente confere o reconhecimento, o paciente recebe”<sup>228</sup>. Portanto, o ser humano, desde o seu nascimento, estaria inserido em algum tipo de relação e as mulheres se encontram diretamente envolvidas nesses papéis e funções<sup>229</sup>.

<sup>224</sup> PERROT, Michelle. Op. Cit., p.114.

<sup>225</sup> Ibidem.

<sup>226</sup> Ibidem, p.115.

<sup>227</sup> Ibidem.

<sup>228</sup> TODOROV, Tzvetan. Op. Cit., p.124.

<sup>229</sup> Ibidem.

Como ressalta Tzvetan Todorov, o sentimento de rejeição é difícil de ser enfrentado. Sermos ignorados provocaria a “sensação de estarmos sendo anulados”<sup>230</sup>. As mulheres que não correspondiam a esses papéis imputados a elas socialmente eram muitas vezes vistas como histéricas, como doentes e como imorais. Como lembra Rachel Soihet, aquelas que participavam do movimento feminista eram ridicularizadas, sendo apresentadas como feias, masculinizadas e despeitadas<sup>231</sup>.

As mulheres que desejavam estudar no início do século XX, eram mal vistas e pouco interessantes aos homens, pois seu conhecimento desagradava-lhes. Os homens preferiam as mulheres recatadas e dedicadas ao lar. Segundo Mary Del Piore, o discurso dos médicos afirmava que “as mulheres honestas que quisessem se educar corriam o risco de se tornarem prostitutas ou suicidas, porque homens não se casariam com elas – o conhecimento lhes causava repugnância”<sup>232</sup>. A autora complementa:

E as revistas tinham um papel modelar no que diz respeito a vida familiar. Querida, Vida Doméstica, Você, Jornal das Moças ou seções femininas de O Cruzeiro impactavam como formadoras de opinião. E o que elas diziam? Que ser mãe e dona de casa era o destino natural das mulheres, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade<sup>233</sup>.

Para muitas mulheres no início do século XX, não importava como elas queriam agir; o mais relevante era manter as aparências. A casa e a rua as definiam. A moça de família era o modelo de mulher a ser seguido. Embora alguns comportamentos condenáveis pudessem variar de um lugar para o outro, de um modo geral, o que importava era a reputação de boa esposa e o bem estar do marido e dos filhos. Além disso, na identidade feminina se exigia aspectos como se vestir sobriamente, limitar passeios sem o marido, não ser vaidosa demais e manter boa aparência. No caso da mulher solteira, deveria “dar-se ao respeito”<sup>234</sup>, e a opinião do grupo, da família, tinha muita importância.

Caso não se casasse, isto seria considerado um fracasso<sup>235</sup>.

No *Jornal das Moças*, percebemos orientações sobre o modo de ser e se comportar das mulheres, de forma a se diferenciarem dos homens. Nesse sentido, chama-nos a atenção o texto escrito por uma mulher, filha de um Major do exército, intitulado “Uma Gentil

---

<sup>230</sup> Ibidem.

<sup>231</sup> SOIHET, Rachel. “A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz”. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 15, p.97-117, Dec. 2000.

<sup>232</sup> DEL PRIORE, Mary. Op. Cit., p.66.

<sup>233</sup> Ibidem, p.67.

<sup>234</sup> Ibidem, p.71.

<sup>235</sup> Ibidem.

Colaboração do *Jornal das Moças*”. Sua autora diz: “O homem pode e deve mesmo ser elegante, procurar vestir-se bem e a mulher brasileira deve ser a criatura despida de vaidades”<sup>236</sup>. Os conselhos continuam incluindo o modo da mulher se vestir e a importância de não se maquiar:

Qual o intuito da mulher que se pinta? Fazer-se bela para si mesma? O intuito é outro. Ela procura enganar o sexo contrário para melhor atraí-lo. Ela é, portanto, uma leviana, uma mentirosa. Pinta-se também a messalina. Porém, a moça distinta honesta e boa não deve imitar a messalina<sup>237</sup>.

Foram séculos modelando a figura da mulher e da esposa. “Não a real, mas a ideal. Submissa, obediente, discreta. A mulher certa. Somente ela poderia ser mãe sacralizada no altar doméstico”<sup>238</sup>. Para Rubia Giordani:

A identidade social feminina envolve o desempenho de diferentes papéis relacionados às experiências específicas nas quais a mulher se engaja cotidianamente. Essa identificação com papéis é dinâmica e pressupõe uma classificação, a qual permitirá diferenciar, marcar fronteiras e relacionar<sup>239</sup>.

A construção da identidade se estabelece através da descoberta de si mesma, mas também da descoberta de pertencimento a uma sociedade, a um grupo. Desse modo, como aponta Rubia Giordani, a identidade se modifica e é suscetível a autoavaliações e julgamentos. Assim, diferentes processos sociais se articulam na definição e na redefinição da identidade feminina – os afazeres cotidianos, a vivência da amamentação e os lugares ocupados socialmente. A identificação da mulher com os papéis de mãe e esposa foi conduzindo-a, no início do século XX, a uma identificação de “valores, posturas e práticas corporais”<sup>265</sup>.

Como destaca Ana Lúcia Machado, na construção da identidade da mulher, a maternidade tem muito valor e funcionaria como uma forma de “coerção social”. A autora entende a identidade como um “processo dinâmico, como fluxo criador, como memória social aberta, o que significa que sua construção é histórica e integra uma nova síntese que certamente agregará outros setores da sociedade”<sup>240</sup>. Desse modo, a maternidade e o papel de esposa idealizado socialmente é construído intensamente e incentivado como marca principal

<sup>236</sup> *Jornal das Moças*, Edição 245, 20/02/1920, p.15.

<sup>237</sup> *Ibidem*.

<sup>238</sup> DEL PRIORE, Mary. Op. Cit., p.72.

<sup>239</sup> GIORDANI, Rubia Carla Formighieri et al. “Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero”. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 8, p.2731-2739, agosto de 2018, p.2733. <sup>265</sup> *Ibidem*.

<sup>240</sup> MACHADO, Ana Lúcia. “A maternidade, o trabalho doméstico e a identidade feminina: um estudo particular”. *Linhas*. 2007; 2(1):1-9, p.02.

na identidade feminina, e o “olhar feminino é treinado para o papel de maternidade”<sup>241</sup>.

Segundo Ana Lúcia Machado:

O imaginário feminino povoado de mitos que reforçam como mais importante função da mulher a maternidade só torna mais ambíguo um discurso em que ser mãe é mais que um direito, é acima de tudo um dever, não importando o seu peso. Talvez o não exercício da maternidade simbolize incompetência, aleijamento, sem importância, sem utilidade, sem função, dispensa. E se não for mãe o que vale a pena uma mulher ser?<sup>242</sup>

Os discursos que foram propagados como ideais eram de que a mulher deveria ter “olhar aguçado”<sup>243</sup> para os afazeres domésticos e este olhar acabou sendo visto como natural, como pertencente ao universo feminino. O homem era responsabilizado pelo “mundo público das conquistas, das economias, das bem-feitorias”<sup>244</sup>. E a imagem propagada dos homens é o reflexo da imagem que a sociedade “dominada pelos ideais masculinos”<sup>245</sup> vem propagando e afirmando nos discursos e nos espaços.

Em 1923, o *Jornal das Moças* publicou um artigo com o título “A margem do feminino”. Nele há uma tentativa de estudar a mulher e tudo o que ela tem “de mais nobre, mais impressionante e sublime”<sup>246</sup>. Para isso, descreve como a mulher é mãe e esposa, tendo o “espírito mais elevado e mais iluminado”<sup>247</sup>. Isto porque, enquanto mãe, a “mulher encontra no coração todo tesouro inesgotável do amor”<sup>248</sup> e, enquanto esposa, possui uma delicada função: “[...] a missão que o papel na sociedade lhe permite que são as responsabilidades inerentes aos encantos do lar, só ela sabe entretecer, fazendo a felicidade do esposo e da prole”<sup>249</sup>. Nessas frases podemos perceber o quanto a identidade da mulher estava atrelada ao papel de dona de casa e à função materna.

Assim, como destaca Pierre Bourdieu, a percepção do pensamento e da ação interfere nas escolhas que muitas vezes estão naturalizadas. Portanto, o que parece ser natural no modo de pensar e agir estaria alicerçado na cultura e nos costumes, fazendo parte de uma construção social. A relação de dominação entre homens e mulheres se estabelece na família, na escola, no trabalho, na mídia, fazendo propagar a “ideia fantasiosa de um eterno feminino”<sup>250</sup>, a fim

<sup>241</sup> Ibidem.

<sup>242</sup> Ibidem, p.05.

<sup>243</sup> Ibidem.

<sup>244</sup> Ibidem.

<sup>245</sup> Ibidem, p.06.

<sup>246</sup> *Jornal das Moças*, Edição 419, 23/06/1923, p.05.

<sup>247</sup> Ibidem.

<sup>248</sup> Ibidem.

<sup>249</sup> Ibidem.

<sup>250</sup> BOURDIEU, Pierre. Op. Cit., p.118.

de reforçar cada vez mais a estrutura de dominação dos homens, ligada à história e ao espaço social. No entanto, as características estabelecidas não são específicas de cada sexo, foram construídas socialmente, e esse modo de pensar exprime o “longo processo de condicionamento a que foram submetidas”<sup>251</sup>. A naturalização dessa dominação masculina se reflete como “algo divino pronto e acabado”<sup>278</sup>. As filhas naturalmente deveriam repetir os destinos das mães, se casarem, terem filhos, serem boas esposas, fazerem bem as tarefas domésticas, sem perderem tempo para não dificultar o encontro de um marido e serem consideradas fracassadas por não casarem<sup>252</sup>.

No entanto, é importante considerar que as mulheres no início do século XX também lutavam por mudanças através do movimento feminista. Trabalhamos com uma abordagem historiográfica que o divide em três períodos: o feminismo de primeira onda, o de segunda onda e o de terceira onda. A primeira onda surge no final do século XIX e início do século XX com a organização das mulheres em busca, principalmente, do direito ao voto. Essa primeira onda perde força após a conquista do voto feminino, surgindo a considerada segunda onda na década de 1960. No recorte cronológico desta pesquisa, como sabemos, analisamos apenas a chamada primeira onda, ocorrida até a década de 1930<sup>253</sup>.

Como aponta Céli Pinto, a primeira onda do feminismo se deu no final do século XIX, quando as mulheres na Inglaterra se reuniram para lutar pelo direito ao voto. Eram as chamadas sufragistas que organizavam manifestações, greves de fome e foram presas inúmeras vezes. O primeiro país a aprovar o voto feminino foi o Reino Unido em 1918<sup>254</sup>. A primeira onda do feminismo no Brasil teve como principal representante Bertha Lutz. Lutz era brasileira, porém, por ter vivido na Europa, esteve próxima às feministas europeias. Assim, quando volta ao Brasil em 1918, se une às lutas feministas, agregando forças políticas e se tornando uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Essa organização foi importante, pois levou em 1927 um abaixo-assinado ao Senado, solicitando a aprovação do Projeto de Lei do Senador Juvenal Lamartine, que possibilitaria o direito de voto às mulheres<sup>255</sup>.

Portanto, é preciso entender que ainda existia um caminho a ser percorrido pelas mulheres. Suas pretensões na busca por igualdade de direitos não eram bem vistas pelos

<sup>251</sup> MACHADO Ana Lucia. Op. Cit., p.06. <sup>278</sup> Ibidem.

<sup>252</sup> Ibidem.

<sup>253</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. “Feminismo, história e poder”. *Rev. Sociol. Polít.* Curitiba, v.18, n.36, p.15-23, June 2010.

<sup>254</sup> Ibidem.

<sup>255</sup> COSTA, Suely Gomes. “Um estimulante encontro com Michel de Certeau: o feminismo tático de Bertha Lutz”. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 27, p.449-454, dezembro de 2006. <sup>283</sup> SOIHET, Rachel. Op. Cit.

políticos e juristas, que tinham o respaldo do discurso médico. Os higienistas falavam de prejuízos que as mulheres fora do espaço privado poderiam trazer às famílias. De acordo com Rachel Soihet, era comum que as peças de teatro, a literatura, as crônicas e a imprensa ridicularizassem as mulheres dos movimentos. Como vimos, estas eram consideradas feias, masculinizadas e despeitadas<sup>283</sup>.

No entanto, numa tentativa de romper com esses papéis definidos para a mulher, o movimento feminista continuou a se expandir. Como aponta Soihet, o movimento se aproveita do contexto social que buscava o progresso brasileiro, dizendo que a posição ocupada pela mulher na sociedade era humilhante e faria com que o país ficasse preso no passado, sendo incoerente com os planos de progresso da nação. É nesse contexto que o movimento feminista pressiona pelos direitos da mulher; apropriando-se desse cenário<sup>256</sup>.

Uma crônica de 1918 do *Jornal das Moças* destaca que o voto feminino já havia sido conquistado na Inglaterra e nos Estados Unidos como uma “justíssima causa em defesa de liberdade e justiça”<sup>257</sup>. Após esses países, os próximos seriam França, Itália e Portugal e o Brasil deveria vir em seguida: “Então, teremos de ver o Brasil seguir a esteira gloriosa, permitindo também o voto feminino”<sup>286</sup>. Nesse contexto, podemos observar a ideia de que se os outros países já em progresso haviam aprovado o voto das mulheres, para que o Brasil também conseguisse ser uma nação civilizada, deveria fazer o mesmo.

Assim, podemos observar que o jornal também traz em suas páginas um discurso de que a mulher deveria estudar para contribuir no processo civilizatório. Portanto, vemos que o discurso do *Jornal das Moças*, defende que, mesmo que a mulher estudasse, deveria dar conta de seus afazeres domésticos. No artigo “A cultura intelectual da mulher”, de 1919, afirma-se que seria importante a mulher estudar para “adquirir cultura intelectual, porém após os afazeres do lar, ela deveria encontrar espaço para se instruir”<sup>258</sup>. O jornal também afirma que seria importante a mulher estudar, pois uma mãe estudiosa formaria filhos sábios, assim como aponta o artigo “As mães”, de 1933: “A mãe estudiosa, que ama os livros, dá ao mundo escritores, oradores e sábios. A mãe ignorante não dará senão seres medíocres e parasitas da sociedade”<sup>259</sup>. O artigo também afirma que ser uma boa mãe era uma questão de consciência para dar “filhos dignos ao mundo”<sup>260</sup>. Assim, a mãe deveria se educar, pois seriam

---

<sup>256</sup> Ibidem.

<sup>257</sup> *Jornal das Moças*, Edição 135, 01/12/1918, p.11. <sup>286</sup> Ibidem.

<sup>258</sup> *Jornal das Moças*, Edição 226, 16/10/1919, p.16.

<sup>259</sup> *Jornal das Moças*, Edição 943, 13/07/1933, p.33.

<sup>260</sup> Ibidem.

“responsáveis pelos filhos: se são bons, é a elas a quem cabe o triunfo, e a culpa se são desviados e maus”<sup>261</sup>.

Anos depois, com avanço do movimento, ocorreram diversas manifestações da FBPF, porque o direito ao voto ainda não havia sido conquistado. Assim, as mulheres realizaram o II Congresso Internacional Feminista em junho de 1931. Encaminharam para Getúlio Vargas o que havia sido tratado no congresso, ressaltando o direito ao voto feminino e a defesa da mulher casada não precisar de autorização do marido para votar. Com o Decreto 21.076 de 24 de fevereiro de 1932 estabeleceram-se o voto feminino e o voto secreto<sup>262</sup>, o que foi incorporado à Constituição de 1934<sup>263</sup>.

O *Jornal das Moças*, em 1932, publica um texto intitulado “Para as feministas”. Nele afirma que seria aceitável a mulher ter o direito ao voto, mas esse voto deveria ser pensado de diversas formas. O artigo destaca ser “natural que a mulher queira ter os mesmos direitos que o homem, mas, não em todos os pontos. Porém querer ir para as eleições e dar o seu voto para ser este ou aquele o presidente, seria uma banalidade”<sup>264</sup>. O artigo descreve que a finalidade do voto da mulher seria em prol de agradar ao marido.

“O voto da mulher é dado somente para embelezar o seu lar, procurar tornar agradável a vida do homem a quem ligou o seu destino e velar pela saúde de seus filhos para que sejam bons cidadãos”<sup>265</sup>. O artigo também aconselha as mulheres solteiras a não votarem, pois não seria bem visto pelos homens que buscavam casamento: “um aspirante ao matrimônio não ficará satisfeito em ver que sua noiva em vez de pensar no modo de embelezar seu futuro lar, de torna-lo um céu de felicidade, pensa em ir para as eleições dar o seu voto. A mulher foi feita para o lar, é lá que ela deve reinar”<sup>266</sup>. O artigo segue dizendo como a mulher ser uma eleitora seria mal visto e um problema: “Para a mulher ocupar um lugar de destaque na sociedade, não é absolutamente necessário que seja eleitora. Este progresso que dizem que o sexo feminino tem conquistado, tem causado muita desarmonia e é por isto que hoje são raros os lares felizes”<sup>267</sup>. Além do artigo criticar a mulher eleitora, destaca também que a maternidade e as funções do lar deveriam ser os maiores orgulhos e conquistas das mulheres e não o direito ao voto, como nessa frase: “Mulher! Ouve bem; não nasceste para futilidades,

---

<sup>261</sup> Ibidem.

<sup>262</sup> SOIHET, Rachel. Op. Cit.

<sup>263</sup> COSTA, Suelly Gomes. Op. Cit.

<sup>264</sup> *Jornal das Moças*, Edição 907, 3/11/1932, p.40.

<sup>265</sup> Ibidem.

<sup>266</sup> Ibidem.

<sup>267</sup> Ibidem.

sua missão é mais santa, é mais sublime; nasceste para ser alegria, para consolar os corações, para seres o anjo do lar, para seres, enfim: — esposa e mãe”<sup>268</sup>.

As mulheres reivindicavam o direito ao voto, o que se tornou um grande marco para o movimento. Contudo, a emancipação da mulher deveria ser limitada de alguma forma. Ressaltamos que o reforço das políticas de amamentação, contribuiu para limitar a mulher ao espaço privado. As mulheres deveriam dedicar-se à função de amamentar. A amamentação faria a mãe estar mais próxima do seu bebê e estreitaria os laços familiares.

Segundo o discurso médico, a mãe que não amamentasse seria “desnaturada”<sup>269</sup>; reforçando a figura da mulher enquanto mãe amorosa que amamenta o filho em seu próprio seio<sup>270</sup>. Por meio da imprensa e com respaldo dos argumentos médicos, a mulher foi alvo das mais diversas propostas de intervenção<sup>271</sup>.

Como afirma Jurandir Freire Costa, no início do século XX, as políticas de amamentação cresciam na mesma medida em que avançavam o movimento feminista e a luta por emancipação das mulheres. A amamentação foi sendo representada como um comportamento natural e instintivo da mulher e o processo do aleitamento estaria ligado à condição feminina. O ato de amamentar passa a ser valorizado socialmente.

### 2.3 Políticas de amamentação frente à emancipação feminina

Como defende Margareth Rago, o discurso “médico normativo e masculino”<sup>272</sup> fornece suporte para delimitar o lugar da mulher na sociedade e a construção de sua identidade. Assim, a valorização da amamentação era baseada em diversos elementos. Os médicos diziam que amamentar “seria uma vocação natural que deixaria a mulher mais atraente e bonita e que não deformaria o corpo pois fazia parte da natureza feminina”<sup>273</sup>. As mulheres deviam dedicar-se à função de amamentar, considerada como nobre. A amamentação faria a mãe estar mais próxima do bebê e estreitaria os laços entre mãe e filho.

---

<sup>268</sup> Ibidem.

<sup>269</sup> Ibidem, p. 258.

<sup>270</sup> Ibidem.

<sup>271</sup> ENGEL, Magali. Op. Cit.

<sup>272</sup> RAGO, Margareth. Op. Cit., p.76.

<sup>273</sup> Ibidem.

Segundo o discurso médico, a mãe que não amamentasse seria “desnaturada”<sup>274</sup>, reforçando-se a figura da mulher enquanto mãe amorosa que amamenta o filho em seu próprio seio<sup>275</sup>.

Segundo Mary Del Priore, o discurso sobre amamentação teria se iniciado em meados do século XIX com o movimento higienista, que combatia as amas de leite, alegando que elas poderiam passar doenças para as crianças<sup>276</sup>. Para Margareth Rago, o argumento em favor da amamentação tinha também o objetivo de reduzir a elevada taxa de mortalidade infantil. Nesse aspecto, a medicina e o saber médico criticavam “as mães de todas as classes sociais que não amamentavam seus pobres filhinhos”<sup>277</sup>. Dessa forma, diversos artigos e teses em favor da amamentação foram escritos na passagem do século XIX para o XX, estendendo-a “tanto a mulher de classe alta como das camadas baixas”<sup>278</sup>. Rago diz:

Assim, aquela que não preenchesse os requisitos estipulados pela natureza, inscrevia-se no campo sombrio da anormalidade do pecado e do crime. Não amamentar e não ser esposa significava desobedecer a ordem natural das coisas ao mesmo tempo que se punha em risco o futuro da nação<sup>279</sup>.

Portanto, essa nova mãe higiênica e saudável que é exaltada pela medicina deveria se ocupar com a amamentação. Com isso, além de proteger os filhos, essa medicina social teria a função de “prender a mulher no universo doméstico”<sup>280</sup>.

Já no contexto dos anos 1930, a partir de 1933, logo após a conquista do voto feminino, o *Jornal das Moças* passa a publicar uma coluna intitulada “Evangelho das Mães” que apresenta a maternidade como função sagrada, como indica o próprio título. A coluna trazia conselhos para mães: o modo como elas deveriam preparar o ambiente para o filho, cuidados higiênicos e conselhos médicos para lidar com o bebê e uma forte campanha para amamentação do filho em seu próprio seio, o que pode ser percebido no trecho a seguir: “Como já havemos referido a imprescindibilidade do leite materno para o recém-nascido”<sup>281</sup>.

Assim, as instruções estão ligadas ao controle do corpo feminino e a como se tornar boa mãe para cumprir um dever social. Nesse contexto, a função de amamentar se articula como a ordem social, ditando comportamentos<sup>282</sup>. Para Rubia Giordani:

<sup>274</sup> COSTA, Jurandir F. Op. Cit., p.258.

<sup>275</sup> Ibidem.

<sup>276</sup> DEL PRIORE, Mary. Op. Cit.

<sup>277</sup> RAGO, Margareth. Op. Cit., p.76.

<sup>278</sup> Ibidem, p.78.

<sup>279</sup> Ibidem, p.79.

<sup>280</sup> DEL PRIORE, Mary. Op. Cit., p.141.

<sup>281</sup> *Jornal das Moças*, Edição 967, 28/12/1933, p.37.

<sup>282</sup> GIORDANI, Rubia Carla. Op. Cit. <sup>312</sup> Ibidem, p.2738.

[...] na amamentação se nota o feminino rotulado como sujeito que alimenta, condicionado biologicamente com sua anatomia e fisiologia para a amamentação. A maternidade e a amamentação como papéis sociais atrelam-se, portanto, às questões de gênero e ao debate sobre a condição feminina<sup>312</sup>.

A autora diz que a maternidade e a amamentação são eventos biológicos, porém, vão adquirindo através do simbólico e das construções sociais, valor e significado. Assim como foi orientado à mulher que a amamentação seria o modo mais indicado de alimentar o bebê, foi construída uma expectativa social que a define com uma habilidade, um instinto natural para estas funções e que oculta outros aspectos do trabalho materno e da amamentação. Dessa forma, a identidade social feminina vai sendo reduzida a diferentes papéis que a mulher ocupa e a diferentes funções que executa em seu cotidiano. A amamentação passa a exercer um peso social e cumprir com esse papel teria grande valor, não se tratando apenas de alimentar o bebê, mas de alimentá-lo em seu próprio seio.

Segundo Giordani:

A amamentação, em si, é representada como um comportamento natural e instintivo da mulher e socialmente vemos todo o processo do aleitamento muito ligado à esfera feminina. O ato de amamentar é um valor de *status* atribuído pela sociedade à maternidade e ao cuidado da criança, sendo o engajamento feminino construído e preparado pela socialização da mulher ao longo de sua vida. Sua subjetividade é integrada às dinâmicas sociais pelos papéis e espaços que ocupa, produzindo-se aí situações de aprendizado e experiências compartilhadas sobre o ser mulher, o ser mãe e a vivência da amamentação<sup>283</sup>.

Como defendem Irene Rocha Kalil e Adriana Cavalcanti Aguiar, a maternidade e o engajamento na amamentação não seriam determinados pela natureza da mulher ou uma vocação nata, mas principalmente construídas no contexto social. O modo como a mulher se compromete com a maternidade e a amamentação é construído socialmente. Ao agir diferente do que se espera a mulher passa a ser estigmatizada como uma mãe ruim ou como se não tivesse nascido para desempenhar a maternidade<sup>284</sup>.

Portanto, tanto no que diz respeito à maternidade quanto à amamentação, estas não são funções fixas que as mulheres se apropriam de modo natural e reproduzem de modo harmonioso. Na verdade, são desafios e tarefas construídas no âmbito social “que envolvem ressignificação, conflitos e redefinição da sua identidade social”<sup>285</sup>. A identidade das mulheres não é fixa e atende, muitas vezes, às demandas de papéis sociais, articulando-se

<sup>283</sup> GIORDANI, Rubia Carla. Op. Cit.

<sup>284</sup> KALIL, Irene Rocha; AGUIAR, Adriana Cavalcanti de. “Silêncios nos discursos pró-aleitamento materno: uma análise na perspectiva de gênero”. *Rev. Estud. Fem.* Florianópolis, v. 25, n. 2, p.637-660, agosto de 2017.

<sup>285</sup> *Ibidem*, p.639.

“processos sociais e culturais às trajetórias biográficas particulares”<sup>286</sup>. A construção da identidade feminina e suas relações com a maternidade e a amamentação não compreendem “experiências homogêneas e uniformes, pois dependem de mundos sociais e subjetividades específicas”<sup>317</sup>.

Outro fator importante sempre reforçado pelo “Evangelho das mães” era a responsabilidade feminina em cuidar dos filhos: “Existem em nossa sociedade mulheres que de mãe só tem o título, porque não sabem exercer o nobilíssimo fim a que são destinadas no mundo, negando-se mesmo a dizer o que são”<sup>287</sup>. Como podemos observar, a coluna do *Jornal das Moças* reafirma o discurso de que a maternidade seria o destino das mulheres. Chega a afirmar que ao terem filhos, elas deveriam amamentar e se dedicar total e exclusivamente a essa função, pois, não sendo desse modo, só teriam o título de mãe, mas não seriam mães. Percebemos que quanto mais o feminismo avançava e as mulheres alcançavam maior espaço social, maior era o papel de publicações como o *Jornal das Moças* em reforçar as funções sociais desejadas para as mulheres a partir de novas colunas ou de novos artigos<sup>288</sup>.

A psicanálise também contribuiu para que as políticas de amamentação fossem reforçadas. Sigmund Freud, na passagem do século XIX para o XX, afirmava que a mãe simboliza antes de tudo o amor e a ternura, e o pai, a lei e a autoridade. A mãe também representaria o primeiro objeto de amor do filho estabelecendo um vínculo entre feminilidade e maternidade. Desse modo, a psicanálise confirma a mãe como o personagem principal da família, exercendo uma relação de poder através desse discurso<sup>320</sup>.

Nesse contexto, vários psicanalistas se tornaram populares com seus livros e orientações de como ser a mãe perfeita. Entre os principais psicanalistas estavam Helena Deutsch<sup>289</sup>, Melanie Klein<sup>290</sup>, Ana Freud<sup>291</sup> e Donald Woods Winnicott. Entre eles, temos mulheres, professoras e pedagogas, que defenderam e deram prosseguimento ao discurso

<sup>286</sup> Ibidem, p.650. <sup>317</sup> Ibidem.

<sup>287</sup> *Jornal das Moças*, Edição 965, 14/12/1933, p.12.

<sup>288</sup> MORAES, Patrícia Canabarro Coelho de. “Jornal das Moças: as enunciações midiáticas e a noção de gênero e imaginário feminino no século XX”. *UNIOESTE, Brasil -EDUCAÇÃO*, v. 11, n. 3, p.1-19, 2017. <sup>320</sup> BADINTER, Elisabeth. Op. Cit.

<sup>289</sup> Psicanalista polonesa-americana e colega de Sigmund Freud. Fundou o Instituto Psicanalítico de Viena. Primeira psicanalista a se especializar em mulheres. Acreditava, como Freud, na atividade fálica da menina e na intensidade do seu apego a mãe.

<sup>290</sup> Em 1916, em Budapeste, teve o primeiro contato com a obra de Sigmund Freud e iniciou o atendimento de crianças. Em 1919, tornou-se membro da Sociedade de Psicanálise de Budapeste. Em 1924, no VIII Congresso Internacional de Psicanálise, Klein apresentou o trabalho *A técnica da análise de crianças pequenas*. A autora acreditava que entre o 3º e 4º mês de vida a distinção entre bom e mau não seria completa a, e, por isso, a inserção da antítese “Seio bom” e “Seio mal”. Para ela, a relação com a mãe é construída gradativamente através das experiências vividas desde os primeiros contatos.

<sup>291</sup> Anna Freud, filha de Sigmund Freud, era pedagoga e professora infantil. Psicanalista especializada em tratamento infantil. Em 1926, se destaca com seu livro principal *O tratamento psicanalítico de crianças*.

psicanalítico, além de se associarem à Sociedade Psicanalítica. No Brasil, a Sociedade Brasileira de Psicanálise foi fundada em 1927. Por isso, a psicanálise e o discurso psicanalítico assumem um papel mais incisivo no início da década de 1930. Eles traçavam o retrato da boa mãe e davam conselhos através de livros sobre a maternidade ou de veículos de comunicação. O *Jornal das Moças* reflete essa influência após a década de 1930, o que pode ser percebido através de artigos e matérias baseados na psicanálise<sup>292</sup>.

Destacamos aqui a teoria do psicanalista Donald Woods Winnicott que realizou um extenso trabalho com bebês e também era médico pediatra. Em 1927, se tornou membro da Sociedade Britânica de Psicanálise. Em sua teoria, o bebê compreende a mãe e o seio como parte do seu próprio corpo. Por isso, a mãe, ao adaptar-se às necessidades do bebê na amamentação, permite que ele tenha a ilusão do seio como parte do seu corpo. Somente desse modo a criança teria um desenvolvimento saudável. Baseado na teoria Winnicottiana, se a mãe estiver incapacitada de cuidar do bebê ou se estiver ausente, a criança não se desenvolverá bem, podendo ter tendências à depressão e condutas antissociais. O autor destaca que a função paterna seria dar apoio moral à mulher e sustentar a autoridade paterna frente ao filho, sendo o pai um representante da lei e da ordem<sup>293</sup>.

Como destaca Elisabeth Badinter, os argumentos do saber médico para que as mães amamentassem incluíam a saúde física e psíquica do filho<sup>294</sup>. A autora ainda diz que, segundo a teoria psicanalítica, a “mãe totalmente devotada seria definida pela capacidade de preocupação com o filho”<sup>295</sup>, se adaptando sempre à necessidade do bebê e excluindo qualquer outro interesse. A psicanálise afirma que, para o bebê se desenvolver melhor, o aleitamento materno deveria ser bem sucedido e se o bebê apresentasse algum problema de desenvolvimento e não fosse amamentado o quadro se agravaria<sup>296</sup>.

Desse modo, cabe destacar que encontramos no *Jornal das Moças* a indicação de leituras de conteúdo psicanalítico para as mulheres. No artigo “Fora de série”, publicado já em 1935, o autor explica que para que a mulher dita fútil se tornasse “inteligente e brilhante, seria aconselhável a leitura das obras de Freud”<sup>297</sup>. A psicanálise estava em seu apogeu, influenciando muito na análise dos comportamentos sociais. Daí essa recomendação. Sem a

---

<sup>292</sup> Ibidem.

<sup>293</sup> WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise. Obras Escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. Compilado de obras do autor escritas entre 1931 e 1934.

<sup>294</sup> BADINTER, Elizabeth. Op. Cit.

<sup>295</sup> Ibidem, p.312.

<sup>296</sup> Ibidem.

<sup>297</sup> *Jornal das Moças*, Edição 1069 12/12/1935, p.11. Embora publicado um ano após o fim do recorte cronológico desta dissertação, demarcado pela Constituição de 1934, consideramos relevante destacar esse artigo em razão da temática abordada.

experiência da amamentação, o filho poderia não chegar à integralidade da saúde mental, segundo a teoria psicanalítica. Diversos discursos se entrelaçavam em favor da amamentação. Os médicos afirmavam que uma série de doenças poderiam atacar as mulheres que não amamentassem seus filhos. O discurso religioso também se fazia presente, afirmando que a mãe que se negasse a amamentar estaria cometendo um pecado contra Deus. Os moralistas condenavam a mulher que não amamentasse, o que se configuraria numa injustiça materna cometida contra o filho. Todos – cientistas, religiosos e moralistas – reforçavam o aleitamento materno e a maior atenção e dedicação que a mãe deveria dar ao bebê<sup>298</sup>.

Com Freud e seus sucessores, a psicanálise atribui à mulher características como o amor e a ternura. O pai exerceria o papel de autoridade. A mãe seria o primeiro objeto de amor e o pai um representante da lei<sup>299</sup>. Para Elisabeth Badinter, “a perspectiva da psicanálise acentua a divisão sexual de papéis hegemônica, reforçando o lugar da mãe na alimentação e o cuidado com os filhos em seu início de vida e o relativo afastamento do pai desta função”<sup>332</sup>. Dessa forma, a psicanálise não apenas falou excessivamente do devotamento materno como pouco mencionou o papel do pai no cotidiano dos cuidados com o bebê. Assim, contribuiu para que as mulheres, no início do século XX, tivessem um lugar específico junto à criança, exercendo um papel fundamental que era justificado muitas vezes pelo biológico da mulher, como no caso da amamentação<sup>300</sup>. Nesse sentido,

Badinter afirma que “a presença do pai é muito menos essencial. Ele pode ausentar-se durante todo o dia, punir e amar de longe sem prejuízo para a criança”<sup>301</sup>.

Segundo Jurandir Freire Costa, a nova figura materna possui uma vigilância ilimitada, não havendo hora do dia ou da noite para cuidar carinhosamente do seu filho. As novas mães vivem incessantemente junto aos filhos; vigiam, amamentem, levam para passear, vestem e dão banho<sup>302</sup>. A boa mãe é terna e meiga, ou não seria uma boa mãe. Vão sendo configuradas novas definições dessa boa mãe. E ela não deveria ser impaciente, se aborrecer ou demonstrar agressividade<sup>303</sup>. A mãe é agora retratada como uma figura doce que amamenta e educa seus filhos com paciência, doçura e zelo. É ela também que deve se encarregar de preparar a filha menina para se tornar uma boa mãe. A maternidade se torna uma experiência definida pela

<sup>298</sup> BADINTER, Elisabeth. Op. Cit.

<sup>299</sup> COSTA, Therezinha. *Psicanálise com crianças*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, Passo-a-Passo; v.75. <sup>332</sup>

BADINTER, Elisabeth. Op. Cit., p.315.

<sup>300</sup> Ibidem, p.316.

<sup>301</sup> Ibidem, p.325.

<sup>302</sup> COSTA, Jurandir Freire. Op. Cit.

<sup>303</sup> ARIÉS, Philippe. Op. Cit.

felicidade que evoca sacrifícios e a vocação materna estaria em colocar a felicidade dos filhos acima de tudo. A mãe deveria sacrificar suas forças e tempo pelos filhos<sup>304</sup>.

Desse modo, como afirma Patrícia de Moraes, o perfil de mulher ideal que o *Jornal das Moças* destaca apresenta algumas funções como sendo específicas das mulheres: “As tarefas de dona de casa e mãe são reforçadas como imperativos ao gênero feminino, responsabilizando as mulheres pela manutenção de tudo estar em ordem no lar”<sup>305</sup>. A noção de mulher presente no *Jornal das Moças* revela o conservadorismo em relação ao gênero feminino, no qual o homem é visto como superior. Deste modo, como alerta Nukácia Almeida, não havia publicações no jornal que apontassem para as mulheres leitoras outro horizonte que não fosse o circunscrito ao lar, à maternidade, à esfera doméstica e à educadora dos filhos<sup>306</sup>. Em alguns momentos percebemos que o discurso do *Jornal das Moças* se modifica, como, por exemplo, em um artigo já citado anteriormente que incentivava as mulheres leitoras a se instruírem. Porém, a intenção dessa instrução era que elas pudessem educar melhor os filhos. Além disso, os estudos deveriam acontecer após os afazeres domésticos.

Portanto, o *Jornal das Moças* apresentou como característica de destaque a propagação de um discurso prescritivo em torno do papel social da mulher nos limites domésticos<sup>307</sup>. Este era um meio de chamar as mulheres de volta ao convívio da família e do lar. E a amamentação é parte disso. Embora em algumas situações o discurso do jornal mudasse em favor do progresso feminino, como vimos na conquista do voto feminino, de um modo geral era caracterizado pelo reforço do papel da mulher no ambiente privado, cuidando dos filhos ou amamentando.

Giordani diz que, embora muitas vezes assumir determinado *status* na sociedade seja uma responsabilidade do indivíduo, no que corresponde às mulheres e à construção da sua identidade, “prevaleceu o modelo de mulher mãe e que amamentava”<sup>308</sup>. Nas palavras da autora:

Embora, muitas vezes, seja de competência do indivíduo assumir determinado *status*, os padrões culturais são sistemas propícios e pertinentes para sua colocação. Nascer e viver os múltiplos papéis sociais como mulher advém de nascer em um mundo já previamente ordenado em que o feminino é representado pela capacidade de amar, se doar e cuidar<sup>342</sup>.

<sup>304</sup> BADINTER, Elisabeth. Op. Cit.

<sup>305</sup> MORAES, Patrícia Canabarro Coelho de. Op. Cit., p.09.

<sup>306</sup> ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo. Op. Cit.

<sup>307</sup> Ibidem.

<sup>308</sup> GIORDANI, Rubia Carla. Op. Cit. <sup>342</sup> Ibidem, p.2736.

Podemos desse modo compreender que funções como a maternidade e as tarefas domésticas foram sendo sustentadas e sacralizadas como correspondentes às mulheres e como condição para serem respeitadas socialmente. Machado, Penna e Caleiro afirmam que:

Desconstruir o ideal de mulher-mãe é algo complexo, pois demanda uma conscientização da sociedade e mudança nos valores partilhados. A maternidade possui diferentes significados, de acordo com o momento histórico e com a vivência de cada mulher<sup>309</sup>.

Porém, é importante destacar que por mais que as mulheres tenham sido pressionadas por esses discursos, muitas se tornaram desejosas da maternidade e não podemos desconsiderar esse desejo. A ausência da maternidade pode muitas vezes levar à vulnerabilidade emocional e à frustração. Esses valores foram vistos socialmente como tão importantes que acabam introjetados por elas e estão presentes até hoje. A mulher tem autonomia para fazer suas próprias escolhas e o desejo pela maternidade é uma escolha legítima. No entanto, as mulheres que não sentem esse desejo precisam ser respeitadas, entendendo-se a maternidade como construída e não como obrigatória<sup>344</sup>. Como afirma Tânia Maria Silva, o desejo da mulher pode ou não se desdobrar para a maternidade, não sendo esta uma condição necessária. Afinal, esse discurso é construído ao longo do tempo e marcado pelo controle e pela submissão<sup>310</sup>.

Portanto, sobre as mulheres, se “passarmos os olhos pela história da humanidade, percebemos que alguns períodos marcaram profundamente a construção da identidade”<sup>346</sup>. O olhar sobre elas no início do século XX foi marcado por diversas transformações sociais e diversos discursos de caráter normativo, destacando-se entre eles o discurso médico, que buscava legitimar os lugares e papéis que deveriam ocupar. Assim, através do saber produzido pela medicina social as mulheres que não se enquadravam nesses papéis eram mal vistas e estigmatizadas como loucas e histéricas. Dessa forma, ganha destaque no próximo capítulo a influência desse saber na definição das mulheres histéricas. Buscaremos compreender ainda o modo como o *Jornal das Moças* reforça esse discurso através de artigos de médicos sobre a histeria.

---

<sup>309</sup> MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida; PENNA, Cláudia Maria de Mattos; CALEIRO, Regina Célia Lima. Op. Cit., p.1129. <sup>344</sup> Ibidem.

<sup>310</sup> SILVA, Tânia Maria Gomes da Silva. “Mulheres, maternidade e identidade de gênero”. *Fazendo gênero 10: desafios atuais do feminismo*. Florianópolis, UFSC, p.1-10, 2013. <sup>346</sup> VIEIRA, Josênia Antunes. Op. Cit., p.210.

### 3 A MULHER E A PSICANÁLISE: HISTERIA E MATERNIDADE

Neste capítulo buscamos compreender a forma como as mulheres eram vistas muitas vezes como histéricas por não cumprirem os papéis sociais que lhes eram exigidos. Destacamos o discurso psicanalítico que, em seu início, era entrelaçado ao discurso médico. Pensamos ainda a maternidade compulsória e as teorias dos primeiros psicanalistas a respeito da maternidade. Analisamos artigos publicados no *Jornal das Moças* a partir dessa perspectiva, já que o jornal apresentava o discurso de psicanalistas que trataram da relação entre mãe e filho.

Como descreve Michel Foucault sobre o poder disciplinar e a maneira como este produz o indivíduo, a questão não é quem detém o poder, mas sobre quem o poder incide. Ao longo dos séculos XVII e XVIII no que tange às relações de poder, o poder da soberania é substituído gradativamente pelo poder disciplinar e as monarquias soberanas se convertem aos poucos em sociedades disciplinares. O poder não é mais atribuído à figura do soberano, mas sim age nas relações e esquematiza os modos de funcionamento das instituições. Essas práticas de poder estão sustentadas pelo saber. Isso não quer dizer que o poder venha após o saber; eles agem juntos e alimentam um ao outro, havendo uma relação intrínseca.

Dessa forma, o poder não se daria apenas pela violência; a disciplina seria fundamental, exercendo uma ação sobre o corpo do sujeito. O poder disciplinar produz o indivíduo, tornando-o docilizado, normatizado, controlado, e o que constitui o indivíduo foi produzido social, política e historicamente. Foucault mostra a loucura não como objeto natural do saber, mas enquanto estratégia que se opera sobre os corpos: “A loucura não pode ser encontrada no estado selvagem. A loucura só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isolam e das formas de repulsa que a excluem ou capturam”<sup>311</sup>.

Portanto, tratando-se da construção da loucura como aponta Magali Engel, desde meados do século XIX, tanto os “textos médicos em defesa da construção de um hospício, quanto as teses sobre alienação mental”<sup>312</sup>, que eram defendidas nas faculdades de medicina, “expressavam o objetivo de medicalizar a loucura”<sup>349</sup>. Desse modo, a medicina social e a

---

<sup>311</sup> FOUCAULT, Michel. “A loucura só existe em uma sociedade – 1961”. In: *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Coleção Ditos e escritos I*. Org. e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006, p.163.

<sup>312</sup> ENGEL, Magali. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001, p.236. <sup>349</sup> Ibidem.

psiquiatria, que se tornava autônoma, formulavam estratégias tanto no que diz respeito à loucura quanto à organização dos espaços, se apropriando de um modelo e de uma “ideologia higiênica”<sup>313</sup>.

Como destaca Jurandir Freire Costa, a loucura finalmente completaria a “punição higiênica da mulher”<sup>314</sup>. Portanto, para que as mulheres fugissem da loucura deveriam seguir os preceitos higiênicos e o saber médico. Para o autor, “a mulher nervosa foi em parte, uma criação médica”<sup>315</sup> contribuindo para que a higiene se implantasse na família. Os sintomas manifestados pelas mulheres nervosas só poderiam ter dentro do saber médico uma “etiologia social ou uma etiologia sexual”<sup>353</sup>. Na perspectiva da etiologia social, seriam provocados pelo “mundanismo”<sup>316</sup> nas mulheres já casadas, que corresponderia ao abuso de músicas e leituras de romances, à frequência em espetáculos, à preferência pelas artes, à falta de ocupação, aos gastos de energia em festas, entre outras práticas. “A correlação entre mundanismo e doença teve um papel fundamental na domesticação da mulher, fazendo do excesso social a causa de enfermidades”<sup>355</sup>. Já na etiologia sexual, seriam provocados pela insatisfação sexual das mulheres que ainda eram solteiras; “os higienistas apontavam a irritabilidade, as palpitações, a histeria e a loucura como consequências inevitáveis da continência nas mulheres”<sup>317</sup>. Assim, a mulher que manifestasse esses sintomas deveria casar-se o mais rápido possível, pois após o casamento “com alegria e tranquilidade reaparecerá a saúde”<sup>357</sup>. Segundo Costa:

O nervosismo feminino foi, deste modo, duplamente manipulado pelos médicos. Na mulher mundana, já casada, foram predominantemente referidos à etiologia social, com o objetivo de conservá-la na casa amamentando os filhos. Na mulher celibatária foi, sobretudo, vinculado à etiologia sexual, com vistas a levá-las ao casamento e à maternidade<sup>318</sup>.

A mulher histérica se torna personagem principal no discurso médico. Assim, o diagnóstico de histeria nas mulheres no final do século XIX e início do século XX estava atrelada ao dispositivo médico. Os médicos sanitaristas brasileiros “invadem o submundo da prostituição, classificam as mulheres degeneradas, investigam seus hábitos e gostos, diagnosticam suas doenças”<sup>319</sup>, buscando, com isso, acumular conhecimento sobre a “mulher

<sup>313</sup> Ibidem, p.238.

<sup>314</sup> COSTA, Jurandir Freire. Op. Cit., p.269.

<sup>315</sup> Ibidem, p.270. <sup>353</sup> Ibidem.

<sup>316</sup> Ibidem, p.269. <sup>355</sup> Ibidem.

<sup>317</sup> Ibidem, p.271. <sup>357</sup> Ibidem.

<sup>318</sup> Ibidem, p.270.

<sup>319</sup> RAGO, Margareth. Op. Cit., p.86.

pública”<sup>320</sup> e propagando estereótipos situados para fora do campo da normalidade. Neste processo, a mulher histérica vai sendo identificada e delimitada no saber médico. Para compreendermos melhor o assunto, cabe um percurso pela história da histeria e por sua construção como diagnóstico.

### 3.1 Um breve panorama sobre a histeria

No dicionário, a palavra histeria é derivada da palavra grega *hystera* que significa matriz. Matriz, no dicionário por sua vez, teria como significado o útero, lugar onde se gera o feto<sup>321</sup>. Em 460 a.C, na Grécia Antiga, Hipócrates entendia a histeria como uma doença orgânica de origem uterina, sendo, então, vista como algo exclusivo do universo feminino. O corpo feminino seria todo afetado por sufocações do próprio útero. Como nos mostra Giovani Belintane a respeito de Hipócrates, a histeria se desenvolveria pela privação de relações sexuais, fazendo com que o útero ficasse dessecado e perdesse peso, o que o faria se descolar do seu local de origem, buscando no corpo a umidade necessária.

Dessa forma, a paciente “teria sua respiração afetada, desenvolvendo convulsões se o útero subisse até o hipocôndrio e estacionasse nesse órgão e caso o útero prosseguisse sua subida e atingisse o coração, a paciente emitiria sinais de ansiedade, opressão e vômitos”<sup>322</sup>.

Na Idade Média como relata Zacaria Ramadam, a histeria passa a ser abordada como objeto da Teologia. As mulheres que não cumprissem seus deveres religiosos estariam sujeitas às tentações. Então, aquelas que apresentassem convulsões ou outros sintomas da histeria, seriam vistas como possuídas por um demônio. A Igreja Católica Romana, por meio da Inquisição, investigava e mandava para a fogueira as mulheres que se comportavam histericamente<sup>363</sup>.

No período clássico, a histeria passa a ser justificada nas causas sexuais. A histérica se “manifestaria por um calor que se propagaria por todo corpo causando as convulsões ou espasmos”<sup>364</sup>. Esse calor seria um “representante da paixão, entusiasmo ou ardor amoroso”<sup>323</sup>.

---

<sup>320</sup> Ibidem.

<sup>321</sup> FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo dicionário básico da Língua Portuguesa Folha/Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

<sup>322</sup> BELINTANI, Giovani. “Histeria”. *Psic*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 56-69, dez. 2003, p.57. <sup>363</sup> RAMADAM, Zacaria Borgi Ali. *A histeria*. São Paulo: Editora: Ática, 1985. <sup>364</sup> Ibidem, p.56.

<sup>323</sup> Ibidem.

Assim, a histeria passa a ser direcionada a moças solteiras que procuram namorados ou a mulheres que teriam ficado viúvas.

Nessa aproximação entre sexualidade e histeria, os médicos que de algum modo rompiam com as concepções baseadas no útero, traziam perspectivas bem similares, limitando as causas a comportamentos sexuais normais ou patológicos. Indo de um extremo a outro, os médicos justificavam as causas da histeria tanto a partir da ausência como dos excessos e das perversões nas práticas sexuais. Eles consideravam aspectos relevantes na etiologia da histeria práticas como: “excessos de masturbação, continência, onanismo, leituras eróticas ou lascivas ou eróticas, os espetáculos e conversações licenciosas, o abuso do coito ou dos prazeres venéreos etc.”<sup>324</sup>. Estes fatores, segundo o saber médico, gerariam predisposições ao desenvolvimento da histeria.

De acordo com Mary Del Priore, a relação entre a histeria e práticas sexuais seria fundamental para os médicos. O saber médico propagava que as mulheres poderiam se tornar histéricas pela ausência de relações sexuais, no caso das solteiras. Estariam também suscetíveis à histeria as mulheres casadas que eram estéreis e as que não teriam encontrado nos seus maridos o ideal que sonhavam quando eram solteiras. Desse modo, percebemos que “o desejo e o prazer sexuais femininos passariam a merecer uma atenção cada vez mais interessada e cuidadosa do médico”<sup>325</sup>.

Magali Engel afirma que não apenas a histeria, mas diversos fatores sexuais levariam os sujeitos a serem enquadrados como loucos. Para a autora, “a prostituição, o homossexualismo e a histeria passam a ser classificados no século XIX no âmbito da loucura”<sup>326</sup>. O interesse sexual da mulher casada ou a “paixão por outros homens, conduziram a mulher ao hospício”<sup>327</sup>. Desse modo, a manifestação sexual tanto na ideia de “excesso, como na ausência da finalidade reprodutora”<sup>370</sup> é demarcada como “irracionalidade e imoralidade”<sup>328</sup>. Como acrescenta Maud Mannoni, o século XIX “consagra a mulher na função reprodutora”<sup>329</sup>. Por isso, não é surpreendente que a doença feminina do século seja justamente a histeria “um modo, para o corpo recusar o confinamento ao qual a mulher é condenada”<sup>330</sup>. As mulheres, de acordo com os diagnósticos médicos, seriam, portanto, mais

<sup>324</sup> DEL PRIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997, p.289-290.

<sup>325</sup> Ibidem, p.290.

<sup>326</sup> ENGEL, Magali. Op. Cit., 2004, p.81.

<sup>327</sup> Ibidem, p.88. <sup>370</sup> Ibidem.

<sup>328</sup> Ibidem, p.82.

<sup>329</sup> MANNONI, Maud. *Elas não sabem o que dizem: Virginia Woolf, as mulheres e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p.51.

<sup>330</sup> Ibidem.

propensas a “perder a razão pois elas viveriam mais dos sentidos”<sup>331</sup>. Assim, a ausência da racionalidade feminina seria incapacitante para o controle das paixões e dos pecados. A histeria, enquadrada como loucura, tendo como causa principal a origem sexual, passa a “ser vista como um estado primitivo e selvagem nas mulheres”<sup>375</sup>. Mannoni afirma que:

O instinto sexual não controlado geraria a perversão e/ou a depravação comprometendo não só a capacidade orgânica, mas também a capacidade moral da mulher para conceber e gerar filhos. [...] O interesse médico pelo corpo feminino, visto como palco da concepção e da gestação, expressa o objetivo de controlá-lo através de uma política de higienização que abrangia tanto os aspectos físicos e morais<sup>332</sup>.

Voltando a Margareth Rago, a autora aponta como a valorização do papel materno foi difundida pelo saber médico, buscando convencer as mulheres de que esta seria sua vocação natural, devendo se casar e cumprir suas “obrigações naturais e morais”<sup>333</sup>.

Sendo assim, a mulher que de algum modo não preenchesse ou correspondesse, “aos requisitos estipulados pela natureza, inscrevia-se no campo sombrio da anormalidade”<sup>334</sup>. O *Jornal das Moças* mostra como as mulheres deveriam cumprir seus papéis para não se tornarem histéricas. Como observamos no artigo intitulado “As moças”, “a mulher inteligente e a mulher sensata é aquela que cumpre com os exercícios dela” e, assim, ela estaria obtendo um “guia elaborado do próprio elemento cerebral”<sup>335</sup>. O artigo segue dizendo que a mulher casada deveria cumprir com suas tarefas e as moças não deveriam ficar se exibindo nos “bondes ou praças trançando as pernas”<sup>336</sup> para que o seu cérebro não adoecesse como o das histéricas. Prossegue dizendo: “[...] de toda espécie de mulheres prefiro aquelas que não apresentam como primeiro dote de moral a histérica vaidade, tentando atrair os homens por meio da exibição”<sup>337</sup>. Nesse trecho percebemos como as mulheres vaidosas demais ou que se exibiam para os homens tanto eram comparadas com as histéricas como eram vistas como propensas a “adoecerem dos nervos”<sup>338</sup>. Ou seja, os princípios morais estão entrelaçados ao discurso médico e servem como orientações para que as mulheres não adoecessem como as mulheres histéricas.

---

<sup>331</sup> Ibidem, p.83. <sup>375</sup> Ibidem.

<sup>332</sup> Ibidem, p.84.

<sup>333</sup> RAGO, Margareth. Op. Cit., p.79.

<sup>334</sup> Ibidem.

<sup>335</sup> Ibidem.

<sup>336</sup> Ibidem.

<sup>337</sup> Ibidem.

<sup>338</sup> Ibidem.

Assim, como pudemos observar até agora, a ideia e a definição de histeria adquiriram significados distintos ao longo do tempo. Como destaca Rafael Alves a respeito da histeria e de seus significados distintos na história:

Durante muito tempo, a histeria representou um grande fantasma para a medicina. A dificuldade é decorrente da impossibilidade objetiva de obtenção de uma causa. Uma aporia, posto que não existe lesão neurológica correspondente aos sintomas e que pudesse ser identificada como causa. Seria um transtorno das sensações? Transtorno da alma ou do humor? Como um mal “feminino”, haveria algum vínculo entre a histeria e a menstruação? Mal sem causa, com leis próprias, a histeria fez vacilar a inteligibilidade médica<sup>339</sup>.

Porém, com a figura da autoridade médica em evidência, iniciam-se as descrições da histeria como patologia, sendo formalizada como objeto do saber. Segundo Giovanni Belintani, a histeria deixa de ser investigação exclusiva da Igreja, passando a ser estudada e pesquisada pela medicina<sup>340</sup>. No entanto, vale ressaltar que a noção de pecado não é abandonada pelos médicos. Tanto a loucura quanto o pecado estão “diluídos num mesmo universo”<sup>341</sup> e o pecado é “incorporado como substância básica para a construção do sentido moral do corpo doente”<sup>342</sup>.

Magali Engels informa que entre meados do século XIX e início do século XX “a construção da loucura como doença mental”<sup>343</sup> envolvia políticas públicas que formulavam tanto tratamento quanto a repressão dos doentes mentais. A histeria passa a ser estudada e definida na medicina justamente em meados do século XIX, e o médico Jean Martin Charcot<sup>344</sup> ocupou posição principal nos estudos sobre o tema. Trabalhando em La Salpêtrière<sup>389</sup> desde 1862, se tornou professor de anatomia patológica em 1872 e, em 1881, conseguiu apoio político para a criação da primeira cátedra de doenças nervosas. Sua atuação

<sup>339</sup> PINTO JUNIOR, Rafael Alves. “A invenção da histeria”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. v. 16, n. 3, 2009, p.819.

<sup>340</sup> BELINTANI, Giovanni. Op. Cit.

<sup>341</sup> ENGEL, Magali. Op. Cit., 2004, p.82.

<sup>342</sup> Ibidem.

<sup>343</sup> ENGEL, Magali. Op. Cit., 2001, p.330.

<sup>344</sup> Jean-Martin Charcot foi um médico e cientista francês. Alcançou fama na psiquiatria e na neurologia na segunda metade do século XIX. Foi um dos maiores clínicos e professores de medicina da França. <sup>389</sup> O Hospital da Salpêtrière ou Pitié-Salpêtrière está localizado em Paris. Projetado por Louis Le Vau, foi construído no século XVII num local onde anteriormente existia uma fábrica de pólvora (o nome deriva do francês *salpêtre*; em português, salitre, um ingrediente da pólvora). O prédio foi projetado para deter pobres, mendigos, desocupados e marginais diversos que pudessem perturbar a ordem da cidade de Paris. Eventualmente, serviu de prisão para prostitutas e local para manter afastados da sociedade os doentes mentais, os criminosos insanos, epiléticos e os desvalidos em geral. O lugar também era famoso pela sua grande população de ratos. No período da Revolução Francesa, foi tomado pela multidão, que libertou as prostitutas. Outras (provavelmente mulheres doentes mentais) foram assassinadas. Desde a revolução, *Salpêtrière* serviu como asilo e hospital psiquiátrico para mulheres. Um dos seus mais famosos professores, Jean-Martin Charcot é conhecido como o pai da neurologia moderna e mentor de Sigmund Freud.

fundamentava-se numa clínica do visível. Charcot diferenciou a histeria da epilepsia e criou o seu próprio conceito nosológico de histeria<sup>345</sup>.

No *Jornal das Moças*, encontramos um artigo sobre o assunto intitulado “A histeria”<sup>346</sup>. Nele é apresentada a diferença entre crises de histeria e epilepsia: “[...] os sintomas histéricos apresentam sintomas diferentes de um ataque de epilepsia, a perda da consciência não é completa, não morde a língua e não há emissão de fezes”<sup>347</sup>. São descritas também as convulsões se dizendo que “os ataques musculares são muito intensos e que se mordem a língua”<sup>348</sup>. Assim, percebemos como o discurso médico está bastante presente nas publicações do jornal para respaldar as orientações direcionadas às mulheres.

Retornando a Charcot, após diferenciar a histeria da epilepsia, ele atribuiu uma identidade visual às mulheres histéricas e criou um serviço de fotografia em La Salpêtrière no qual contava com a colaboração de seus discípulos médicos para registrar através da fotografia seus experimentos. Por meio das imagens, ele buscava fundamentar seu projeto científico, pedagógico e terapêutico. Nesse sentido, segundo Rafael Alves, estas fotografias teriam a seguinte função:

A fotografia era ao mesmo tempo procedimento experimental (laboratorial) e museográfico (arquivo científico) e meio de ensino (transmissão de conhecimento). Nesse sentido, as imagens das histéricas de La Salpêtrière foram resultado das posições existenciais comuns à histeria (pacientes) e ao corpo clínico (médicos), operação que envolveu uma aproximação imaginária transformada em ódio recíproco: expressão de temporalidade simultânea da dialética de uma estrutura histérica (o corpo para a imagem e para o desejo) e de uma estrutura perversa (o corpo como instrumento para o conhecimento médico)<sup>349</sup>.

Esse corpo fotografado das histéricas foi utilizado como instrumento para o conhecimento médico, resultou no estabelecimento de um protocolo e na instrumentação de uma prática: a hipnose. A hipnose passa a ser tanto “um instrumento como o protocolo nos estudos da histeria, sendo o aparato tecnológico e institucional de La Salpêtrière”<sup>395</sup>.

De acordo com Rafael Pinto Junior:

Charcot utilizava a *hipnose* para fundamentar as suas hipóteses. Ele utilizava a hipnose para demonstrar o caráter neurótico da mulher histérica. A hipnose representou, para Charcot, um ideal da fisionomia patológica, ao fazer coincidirem o elemento virtual da representação e o elemento identificável da sintomatologia. A

<sup>345</sup> BELINTANI, Giovanni. Op. Cit.

<sup>346</sup> *Jornal das Moças*, Edição 2126, 15/03/1956, p.52.

<sup>347</sup> Ibidem.

<sup>348</sup> Ibidem.

<sup>349</sup> PINTO JUNIOR, Rafael Alves. Op. Cit., p.820. <sup>395</sup> Ibidem.

técnica da hipnose permitia a Charcot a liberdade da intervenção própria de um artista, ferramenta de materialidade absolutamente entregue a sua manipulação autoral. Tratava-se de um mecanismo de submissão plástica por parte do paciente, que permitia autêntica “pintura” dos dois fenômenos, fosse o próprio transe hipnótico ou o ataque histérico<sup>350</sup>.

Os médicos de La Salpêtrière hipnotizavam as histéricas e as fotografavam. Assim, o corpo histérico “converteu-se, para os médicos, num corpo experimental e experimentável, ideal para a expressão de seu padecimento”<sup>351</sup>. Charcot cristalizou a imagem do corpo histérico sem se preocupar em encontrar uma solução. A ele importava pesquisar, estudar e fazer a ciência da histeria. Como acrescenta Maud Mannoni, “os esforços de Charcot tendem ao refinamento do diagnóstico, apoiado numa experimentação a serviço quase exclusivo da ciência”<sup>352</sup>. Portanto, os objetivos de Charcot não seriam tratar ou curar a histeria, mas “cultivá-la para as necessidades da pesquisa”<sup>353</sup>.

Segundo Mary Del Priore, os psiquiatras não demonstravam preocupações com as questões éticas de seus procedimentos médicos. Charcot exibia e fazia demonstrações de suas técnicas expondo “suas pacientes perante um público de artistas, escritores, publicistas, homens públicos no teatro da Salpêtrière”<sup>354</sup>, se apropriando do corpo da mulher histérica. Sobre isso, Mannoni diz que:

O ideal científico que rege a medicina do século XIX faz com que ele privilegie o discurso no qual ele não entra como sujeito: na relação com o doente, o médico é primeiramente espectador. [...] Nas apresentações de doentes, a mulher dita histérica é dada como espetáculo. Não se teme agravar o seu estado, fixando-a no roteiro que supostamente representa a sua cena traumatizante<sup>355</sup>.

Utilizando-se dos estudos de Charcot, Sigmund Freud encontrou o tema da histeria quando frequentou Salpêtrière. Freud foi fundador da psicanálise e podemos dizer que seus estudos sobre a histeria a legitimam como um saber. A partir de Freud e da psicanálise, a histeria se desloca do campo do olhar para o campo da escuta e do tratamento. Em Charcot, o trabalho se dava no campo da observação; em Freud o foco passou a ser a escuta<sup>356</sup>.

Freud não recua frente à hipótese da sexualidade no caso da histeria. Para ele, a mulher histérica ou teria sofrido algum abuso ou não teria encontrado a satisfação sexual que idealizava no casamento, por exemplo. Porém, ele não compactua com as práticas de

<sup>350</sup> Ibidem, p.822.

<sup>351</sup> Ibidem, p.820.

<sup>352</sup> MANNONI, Maud. Op. Cit., p.82.

<sup>353</sup> Ibidem, p.83.

<sup>354</sup> DEL PRIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). Op. Cit., p.291.

<sup>355</sup> MANNONI, Maud. Op. Cit., p.82-83.

<sup>356</sup> MELMAN, Charles. *Novos estudos sobre a histeria* (D. Levy, trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1985.

fotografar e fazer da histeria um espetáculo com os pacientes hipnotizados. Ele passa a buscar o entendimento das mulheres histéricas através da escuta. Como informa Maud Mannoni, em ruptura com Charcot, “Freud deixa ao sintoma a possibilidade de falar”<sup>357</sup> e reconhece um “saber que fala sozinho, o saber da histeria”<sup>404</sup>. Assim, a psicanálise nasce na tentativa de dar uma nova resposta à histeria. Buscando criar uma ideia estrutural da histeria, Freud produz a sua formulação do aparelho psíquico<sup>358</sup>. Nas palavras do próprio Freud:

Qualquer que seja o caso e qualquer que seja o sintoma que tomemos como ponto de partida, no fim chegamos invariavelmente ao campo da experiência sexual. Portanto, aqui, pela primeira vez, parece que descobrimos uma precondição etiológica dos sintomas histéricos<sup>359</sup>.

Freud, em 1893, defendeu que o trauma vivido pelo paciente histérico se originava de um abuso sexual. Porém, logo ele abandona a ideia do real e passa a trazer a ideia da fantasia. Deixando de lado a possibilidade do abuso real, ele introduz agora o trauma, não de ordem física, mas sim de ordem psíquica. O trauma na concepção de uma fantasia. Embora Freud ainda não apresentasse os fundamentos da teoria psicanalítica de forma bem esquematizada, como as noções do inconsciente, recalque e transferência, por exemplo, ele traz uma reflexão importante composta pelo relato de cinco casos clínicos – quatro deles atendidos por ele mesmo. As pacientes de Freud foram Frau Emmy von N., Miss Lucy R., Katharina e Fraulein Elisabeth von R.; Anna O. também foi importante em suas análises, mas foi paciente de Josef Breuer, médico austríaco que teve com Freud uma relação bastante significativa<sup>360</sup>.

Josef Breuer foi um médico psiquiatra e fisiologista que lecionou no Instituto de Fisiologia da Universidade de Viena onde conheceu e se tornou amigo de Freud. Ao contrário de Charcot, Breuer começou a usar a hipnose com a finalidade de ajudar a sua paciente Anna O. a trazer à luz pensamentos e representações. Breuer criou o método catártico ou chamado de teoria de conversão. Freud ficou fascinado com o método e acompanhou o caso da paciente durante anos para conhecê-lo melhor. O método catártico seria um modo da paciente em hipnose falar das lembranças dos acontecimentos passados de modo a reviver com intensidade as emoções do trauma, do acontecimento. Assim, a emoção revivida durante a hipnose faria com que o paciente escoasse a emoção através da fala. No

<sup>357</sup> MANNONI, Maud. Op. Cit. <sup>404</sup> Ibidem.

<sup>358</sup> ALMEIDA, Ronaldo Monte. “Sedução, tradução e cura”. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. v. III, jan/jun 2000, n.1, p.97-113.

<sup>359</sup> FREUD, Sigmund. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. *Estudos sobre a histeria*, vol. II. 1893–1895. p.199.

<sup>360</sup> BOCCA, Francisco Verardi. “Histeria: primeiras formulações teóricas de Freud”. *Psicologia USP*, v. 22, n. 4, p.879-906, 2011.

entanto, Freud levanta a questão se seria possível trazer uma recordação inconsciente para o fluxo do pensamento sem a hipnose, pois a recordação, junto com a emoção revivida em hipnose, era esquecida após a paciente acordar. Assim, ele abandona a hipnose e inicia o método de associação livre. Para ele, não seria suficiente um alívio relativo do sintoma pelo método catártico; seria preciso que a paciente compreendesse a experiência traumática. Desse modo, Freud e Breuer se separaram a partir dessas diferenças de métodos<sup>361</sup>.

Freud constrói a teoria psicanalítica a partir desses relatos de pacientes. Emmy von N. pedia que ele parasse de perguntar e a deixasse falar. Assim, a escuta terapêutica e a fala do paciente foram ganhando espaço e reconhecimento e a hipnose como técnica foi perdendo valor. As mulheres pediam que Freud não as colocasse para dormir e, então, ele cria a técnica de associação livre<sup>362</sup>, que é utilizada até hoje pelos psicanalistas. Vale ressaltar também que a hipnose ainda é uma técnica utilizada e reconhecida pelo Conselho Regional de Psicologia.

Desse modo, Freud conclui que os sintomas histéricos devem ser estudados a partir da parte psíquica e sexual do sujeito. Os sintomas histéricos seriam as manifestações dos seus desejos mais secretos que, estando no inconsciente do paciente, retornariam para o corpo em forma de sintoma<sup>363</sup>. Esses desejos do inconsciente foram recalçados pelos valores morais da consciência, mas continuam a ter força; então seriam convertidos para o corpo em forma de sintomas, no caso da patologia histérica<sup>411</sup>.

O discurso psicanalítico, e, principalmente, o de Sigmund Freud, deve ser aqui considerado, pois, como já dissemos anteriormente, o autor é citado no *Jornal das Moças* como uma leitura indicada para as mulheres. Destacamos que o nome de Freud, em 1933, aparece em uma referência à obra *A Interpretação dos sonhos* na qual ele defende que os sonhos seriam manifestações de desejos inconscientes. Em outro artigo denominado “Uma noite em Babilônia”, vemos essa mesma referência em trecho que diz: “O sonho é a mensagem do subconsciente disse Freud”<sup>364</sup>.

---

<sup>361</sup> PAIM, Fernando Free; IBERTIS, Carlota Maria. “A hipnose e o método catártico como primeiros caminhos à descoberta da associação livre.” *Disc. Scientia*. Série: Ciências da Saúde, Santa Maria, v. 7, n. 1, p. 139-152, 2006.

<sup>362</sup> O método de associação livre é um método no qual o paciente fala livremente e o psicanalista procura encontrar o inconsciente. Assim, o paciente fala sem ser julgado enquanto o psicanalista faz correlações da ordem do inconsciente.

<sup>363</sup> Vale lembrar que esta era a primeira estrutura freudiana, a estrutura neurótica. Ele ainda não havia aprofundado os estudos nas outras duas estruturas: a psicótica e a perversa. <sup>411</sup> FREUD, Sigmund. Op. Cit.

<sup>364</sup> *Jornal das Moças*, Edição 961, 16/11/1933, p.36.

Encontramos ainda outro artigo, de 1934, denominado “O amor de Carlos”<sup>365</sup>. Este apresentava um homem chamado Carlos que era apaixonado por uma mulher chamada Clarissa. Carlos queria que Clarissa sentisse ciúmes dele. Então, o médico de

Carlos dizia a ele que ele precisava “procurar o Freud para resolver o tal complexo de Édipo que não o tinha recalcado dentro dele”<sup>414</sup>. Encontramos também outro artigo denominado “O século do empirismo”<sup>366</sup>, datado do mesmo ano, que dizia que o século XX era a origem do empirismo e os homens seriam “uns eternos mentirosos de si mesmos, dominados pelo verme da ignorância, da inveja e da ambição”<sup>367</sup>. Estes homens queriam analisar tudo e seriam ignorantes por querer “estrangular Freud”<sup>368</sup>. Desse modo, percebemos a importância dada a teoria freudiana pelo *Jornal das Moças*.

Em outro artigo intitulado “Caminhos”<sup>369</sup>, de 1937, o jornal faz novamente uma referência a Freud. O artigo dizia que “as mulheres inteligentes e modernas leem o Freud”<sup>419</sup>. Em outra edição do jornal, já em 1943, Freud é mencionado como “uma tabua de salvação, para os altos e baixos da vida”<sup>370</sup>. Destacamos estas duas edições que estão fora do nosso recorte cronológico para demonstrar que durante os anos seguintes o jornal continuou a propagar o nome de Freud e a fazer referência a sua teoria como uma orientação importante para as mulheres.

Buscaremos compreender a partir de agora a posição que a mulher ocupou na psicanálise, pois, como vimos, foi através da escuta das mulheres consideradas histéricas que Freud construiu sua teoria e descreveu as tensões e os caminhos do feminino.

### 3.2 O saber psicanalítico e a mulher no início do século XX

A respeito da construção do pensamento psicanalítico, que se estabelece através do estudo da histeria, podemos dizer que, se ele avança no sentido de ter dado às mulheres um espaço de fala, também retrocede nas explicações a respeito do percurso da menina para tornar-se mulher. Para a psicanálise, das três possibilidades de saída da mulher do complexo

---

<sup>365</sup> *Jornal das Moças*, Edição 1016, 06/12/1934, p.38. <sup>414</sup> *Ibidem*.

<sup>366</sup> *Jornal das Moças*, Edição 1018, 20/12/1934, p.41.

<sup>367</sup> *Ibidem*.

<sup>368</sup> *Ibidem*.

<sup>369</sup> *Jornal das Moças*, Edição 1156, 12/08/1937, p.29. <sup>419</sup> *Ibidem*.

<sup>370</sup> *Jornal das Moças*, Edição 1457, 20/05/1943, p.03.

de Édipo, apenas uma seria considerada normal: a maternidade<sup>371</sup>. Não querer ter filhos, ser homossexual, ou não se dedicar e amar os filhos era visto no início da psicanálise como comportamentos desviantes de pessoas que não eram bem resolvidas com as questões da saída do complexo de Édipo. Segundo Demes, Chatelard e Celes:

É sob a sintomatologia histérica que a mulher ousa falar e é ouvida. Um grito lhe escapa das entranhas, frente às limitações impostas por uma vida dominada pela repressão social e psíquica. O contexto, até então, ameaçador dava sinais de uma disposição para escuta<sup>372</sup>.

A base de todo o pensamento psicanalítico está sustentada pelo complexo de Édipo e pelo complexo de castração. O complexo de Édipo foi esquematizado por Freud como um processo inicial pelo qual todo indivíduo passaria. Freud retirou o nome de sua teoria da peça *Édipo Rei* – tragédia de Sófocles de 406 a.C. Nela, Édipo teria recebido a profecia de que mataria seu pai para casar-se com sua mãe. A partir do complexo de Édipo a criança é compreendida como um corpo pulsional, ou seja, um corpo com zonas erógenas. Teresinha Costa afirma, a respeito das características da sexualidade infantil, que a criança é entendida por Freud como “um ser perverso-polimorfo com pulsões parciais emanando de zonas erógenas”<sup>423</sup> que são vitais para a constituição das funções da sexualidade infantil. Desse modo, o primeiro objeto de amor da criança seria o seio materno e a primeira marca na formação do seu aparelho psíquico se daria na primeira vez que se alimenta. Segundo a autora:

Com o conceito de pulsão, Freud demonstra que a criança usa uma parte de seu próprio corpo como fonte de prazer. Freud utiliza a amamentação do bebê para exemplificar a separação do instinto da pulsão. Se em termos instintivos, a sucção do peito tem por finalidade a obtenção do alimento, a pulsão – apesar de se apoiar nessa função nutritiva – dela se afasta, na medida em que visa o prazer que foi experimentado pela excitação dos lábios e da língua, no contato com o peito no momento da primeira amamentação<sup>373</sup>.

No entanto, de acordo com Beatriz Nora Miguelez, como o objeto de prazer é incestuoso, esse desejo se desloca para outro objeto, o que se constituiria para a psicanálise como a saída do complexo edipiano. É justamente nessa saída que Freud formula o complexo

---

<sup>371</sup> Ibidem.

<sup>372</sup> DEMES, Jacqueline Reis; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CELES, Luiz Augusto M. “O feminino como metáfora do sujeito na psicanálise”. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 11, n. 2, 2011, p.651. <sup>423</sup> COSTA, Teresinha. *Psicanálise com crianças*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p.15.

<sup>373</sup> Ibidem, p.15-16.

de castração e defende que as meninas e os meninos saem do complexo de Édipo de formas distintas<sup>374</sup>.

Maud Mannoni, tratando do complexo de castração, afirma que este seria vivido de modo diferente no menino e na menina. No que se refere ao menino, este fantasiaria ser o corpo feminino um corpo castrado e, por sentir medo da castração, se deslocaria da mãe como objeto de amor e se inclinaria para o pai – entendendo que na fantasia sexual da criança o pai teria sido quem castrou a mãe. O menino então procura na esposa a mãe que foi o primeiro objeto de amor interdito<sup>375</sup>. Existiriam, portanto, três relações inevitáveis do homem com a mulher: “a geradora, a companheira e a destruidora”<sup>376</sup>. Assim, para Freud, o homem encontraria a figura da mãe na companheira e está deveria “substituir a imagem da mãe ideal da primeira infância”<sup>377</sup> do homem. Essa mulher deve “ser dócil, é de um dono que ela precisa”<sup>378</sup>, pois se essa mulher sofrer com “más influências pode se tornar uma ameaça para o homem”<sup>379</sup>.

No caso da menina, que também teria como primeiro objeto de amor a mãe, ela já teria uma estrutura de falta que Freud chamou de estrutura fálica<sup>380</sup>. Nesse sentido, sob a lógica fálica, “uma primeira resposta ao o que quer uma mulher? é dada: elas desejam o que lhes falta, o pênis; é o que será chamado *Penisneid*, inveja do pênis”<sup>381</sup>. Assim, por essa estrutura de falta, a menina desloca o objeto de amor (que era a mãe) para o pai na esperança fantasiosa que este lhe dê o que falta. Porém, como essa falta não é preenchida, ela precisará retornar para a mãe. A mãe, mesmo não preenchendo a estrutura de falta da menina, lhe ensinaria a feminilidade. Através da construção dessa feminilidade, a menina se tornaria mãe. Sendo assim, para a teoria psicanalítica, é a maternidade que preenche a falta feminina<sup>433</sup>.

Na teoria da inveja do pênis, a menina se sentiria em desvantagem e desejaria ter um órgão semelhante, sendo justamente os traços dessa inveja que se revelariam num desejo futuro da mulher por um homem. Nas palavras de Freud:

Nas meninas, a descoberta do pênis dá origem a uma inveja desse órgão, que depois se transforma em desejo por um homem, como possuidor do pênis. Ainda antes disso, o desejo de um pênis foi convertido num desejo de um bebê, ou este último tomou o lugar do primeiro. Uma analogia orgânica entre pênis e bebê (linha

<sup>374</sup> MIGUELEZ, Nora Beatriz Susmansky de. *Complexo de Édipo, hoje?* Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

<sup>375</sup> MANNONI, Maud. Op. Cit., p.79.

<sup>376</sup> Ibidem.

<sup>377</sup> Ibidem.

<sup>378</sup> Ibidem.

<sup>379</sup> Ibidem.

<sup>380</sup> FREUD, Sigmund. Op. Cit.

<sup>381</sup> MANNONI, Maud. Op. Cit., p.90. <sup>433</sup> Ibidem.

tracejada) é expressa pela existência de um símbolo (“o pequeno”) comum a ambos. Um desejo racional (linha dupla) conduz, então, do desejo por um bebê ao desejo por um homem: já avaliamos a importância dessa transformação instintual<sup>382</sup>.

Esta inveja de possuir um pênis se estenderia à vida da menina e à construção da sua feminilidade. Sendo assim, restos desse desejo<sup>435</sup> surgem na análise da mulher adulta. A feminilidade se estabelece, para Freud, quando o desejo pelo bebê substitui o desejo pelo pênis. O complexo de Édipo para a menina seria, portanto, fruto de um desenvolvimento longo e difícil. Como percebemos no discurso psicanalítico, a estrutura feminina é dada como muito mais complexa<sup>383</sup>. A respeito do feminino e de sua constituição na psicanálise é possível compreender que:

O feminino se constitui a partir de tensões. Novos olhares, atravessados pelas dimensões social, psíquica e física, se acrescentam e convivem com velhas insígnias. Estas dão seguimento a uma vertente estereotipada, engessando-a em imagens. Psicicamente, é dado ao ser feminino um único referencial: um contraponto ao masculino-fálico. Sustentam-se, inclusive psicicamente, as funções de mãe e de esposa como únicas normais para o registro da feminilidade<sup>384</sup>.

Portanto, tanto a medicina quanto a psicanálise justificavam que as mulheres seriam mais dispostas a distúrbios emocionais. A histeria configura-se dentro da psicanálise como um estudo quase que totalmente de casos femininos. A partir da perspectiva médica, a maternidade seria capaz de “prevenir e curar distúrbios psíquicos relacionados direta ou indiretamente à sexualidade e à própria fisiologia feminina”<sup>385</sup>. Por outro lado, “a gravidez, o parto e o pós-parto seriam vistos como momentos extremamente propícios ao aparecimento ou à manifestação de tais distúrbios”<sup>386</sup>. A maternidade seria vista como a essência feminina, inscrita na sua natureza, e aos olhos do médico a mulher que não quisesse ou não pudesse ser mãe acabaria “cedo ou tarde, afogada nas águas turvas da insanidade”<sup>387</sup>.

<sup>382</sup> FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)*, 1918 [1914] Volume XVII - As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. Rio de Janeiro: Imago, p.165. <sup>435</sup> Vistos na clínica como manifestações do inconsciente que se apresentam através de atos falhos ou chistes na análise, trabalhando-se pelo método de associação livre.

<sup>383</sup> FREUD, Sigmund. Op. Cit.

<sup>384</sup> DEMES, Jacqueline Reis; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CELES, Luiz Augusto M. Op. Cit., p.663.

<sup>385</sup> DEL PRIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). Op. Cit., p.281.

<sup>386</sup> Ibidem.

<sup>387</sup> Ibidem, p.283.

No *Jornal das Moças*, já na década de 1910, encontramos um artigo publicado pelo Doutor F. Cardim, com o título “Nervosismo das senhoras”<sup>388</sup>, que explicava que as mulheres estariam “sujeitas a distúrbios nervosos pela constituição da natureza feminina”<sup>389</sup>.

Esses distúrbios se manifestariam de modos diversos, “desde os simples fogachos até as mais amplas manifestações histéricas”<sup>390</sup>. Cardim afirma que as mulheres não deveriam se exaltar ou discutir por qualquer motivo, pois isso as levaria a adoecerem dos nervos e se tornarem histéricas, já que haveria uma propensão natural a isso. Em outro artigo do jornal no mesmo período, intitulado “Marido e mulher”<sup>391</sup>, que destacava os meios para se obter sucesso no casamento, afirma-se que as mulheres não deveriam ser ciumentas e deveriam se livrar da fúria da sexualidade. Além disso, para ser considerada “ideal a mulher não poderia ser altamente nervosa”<sup>392</sup> e para conservar o casamento deveria se manter “sã e alegre”<sup>446</sup>, se livrando do nervosismo para não se tornar histérica e estar sempre com saúde mental.

Observamos, então, no jornal como as mulheres eram alertadas e recebiam orientações para não desenvolverem a histeria. No artigo que apresenta dicas para um casamento feliz, embora o título se refira a marido e mulher, somente as mulheres eram aconselhadas a não ficarem nervosas e evitarem a histeria. O artigo também aponta para uma sexualidade feminina contida. Se a sexualidade feminina fosse intensa, essas mulheres também poderiam se tornar histéricas. Aqui percebemos a influência do discurso médico e psicanalítico que justificava a histeria por uma origem sexual. Como já mencionamos acima, para ambos os discursos, tanto as mulheres que não se casassem quanto as que se deixavam levar pelas paixões sexuais poderiam se tornar histéricas.

O saber médico concentra sua análise da mulher diagnosticada como doente mental nas esferas da natureza e da sexualidade. Ao mesmo tempo, o homem visto como doente mental é explicado pelos papéis que lhe foram atribuídos socialmente, “como de provedor, trabalhador e etc.”<sup>393</sup>. “A predisposição masculina aos distúrbios mentais seria relacionada, sobretudo, às implicações decorrentes do desempenho desses papéis ou à recusa de incorporá-los”<sup>394</sup>. Porém, em se tratando das justificativas femininas, o corpo e a sexualidade, que já eram alvos de intervenção normatizadora na medicina, são reforçados pela psicanálise<sup>395</sup>.

<sup>388</sup> *Jornal das Moças*, Edição 77, 07/12/1916, p.11.

<sup>389</sup> *Ibidem*.

<sup>390</sup> *Ibidem*.

<sup>391</sup> *Jornal das Moças*, Edição 40, 01/01/1916, p.05.

<sup>392</sup> *Ibidem*.<sup>446</sup> *Ibidem*.

<sup>393</sup> DEMES, Jacqueline Reis; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CELES, Luiz Augusto M. Op. Cit., p.278.

<sup>394</sup> *Ibidem*, p.279.

<sup>395</sup> CUNHA, Maria Clementina P. “Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, nº 18, ago./set. 1989, p.130.

A psicanálise em seu nascimento repete as contradições e os impasses ligados às mulheres, pois a teoria freudiana não concebia a existência de um feminino fora da referência do falo; fora dessa linguagem simbólica do falo como ponto de partida para toda subjetividade feminina. Quer seja pela falta fálica, quer seja pela tentativa de se completar com o nascimento do filho ou pela orientação homossexual, Freud dá às mulheres “soluções falhas que retornam sempre à manutenção dessa posição fálica e narcísica”<sup>396</sup>, através da qual estarão sempre buscando, na perspectiva psicanalítica, “uma restauração do que foi perdido no momento em que elas se descobriram castradas”<sup>397</sup>. De acordo com Vera Iaconelli, o fato de Freud ter colocado “o bebê num lugar de destaque entre os objetos que poderiam satisfazer as mulheres”<sup>398</sup>, sendo o meio pelo qual ela teria sua saída do Édipo, o torna o objeto que “comutaria a falta na mulher, como uma espécie de consolo”<sup>399</sup> diante da inveja do pênis.

Durante o século XIX e início do século XX se considerava que os distúrbios mentais femininos estariam também associados à fisiologia humana, associados ao aparelho genital feminino. Desse modo, os tratamentos asilares para as mulheres internadas eram invasivos, cruéis e tortuosos. Entre esses procedimentos terapêuticos, que seriam destinados a controlar as “sexualidades inconvenientes das mulheres estariam a extirpação do clitóris e a introdução de gelo na vagina”<sup>400</sup>. Este método foi defendido por médicos brasileiros, como o Doutor Urbano Garcia, que alegava sua eficácia a partir de relatos de suas experiências na casa de Saúde Dr. Eiras, em 1896, e que foram apresentados à cadeira de clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1901. Como aponta Rafael Leopoldo, as primeiras formulações da psicanálise até o início do século XX não teriam inovado em relação ao discurso médico, mas sim complementado o que a psiquiatria do século XIX havia começado. Trata-se de uma “moralização e uma patologização da doença”<sup>401</sup>. Destacamos que após Freud muitos outros psicanalistas, como Jacques Lacan, por exemplo, aprofundam seus estudos sobre a teoria freudiana, acrescentando-lhe novas formulações. Porém, neste trabalho, nos limitamos ao início da psicanálise e às formulações freudianas, seguindo nosso recorte cronológico.

<sup>396</sup> RIBEIRO, Alessandra Monachesi. “O corpo e o feminino enquanto lugares de subjetivação possível: o aporte das artes visuais”. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 2013, v. 16, n. 1, p.95.

<sup>397</sup> Ibidem.

<sup>398</sup> IACONELLI, Vera. *Mal estar na maternidade: do infanticídio à função materna*. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de concentração Psicologia Social) – São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012, p.86.

<sup>399</sup> Ibidem.

<sup>400</sup> DEL PRIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). Op. Cit., p.283.

<sup>401</sup> LEOPOLDO, Rafael. “Análise d'O anti-Édipo: críticas de Deleuze e Guattari a Sigmund Freud”. *Rev. psicol. polít.* [online]. vol.17, n.39, p.293-303, 2017.

Destacamos também que toda a explicação a respeito da saída do complexo de Édipo situa-se na primeira estrutura psicanalítica. Freud, como dissemos, construiu três estruturas psíquicas: a neurose, a psicose e a perversão. Dentro de cada estrutura encontram-se diagnósticos diferentes, assim como para cada estrutura a saída edipiana se constitui de modo distinto. Nesse trabalho, explicamos a saída edipiana da estrutura neurótica, pois o diagnóstico de histeria situa-se nessa estrutura. Freud depois segue seu trabalho explicando a estrutura psicótica e apenas inicia o estudo e o esboço da estrutura

### 3.3 A psicanálise e a construção da maternidade

Já tratamos da figura materna em capítulo anterior. Neste último tópico retomaremos a questão a partir da ideia da maternidade compulsória. Destacamos o modo como o discurso psicanalítico define como deveria ser o comportamento da mulher ao se tornar mãe. Maria Amélia Campos afirma que:

A maternidade não é uma questão apenas social, de mercado ou regida pelos meios de comunicação. Ela é contaminada pelo funcionamento da sociedade, mas extrapola os ditames sociais. Há algo que está na ordem da natureza e da satisfação feminina, do modo da mulher lidar com a sua própria condição sexual que compõe um território complexo pelo qual a maternidade transita<sup>402</sup>.

Assim, tratando da maternidade como uma questão social vale destacarmos a maternidade compulsória que é definida como um conjunto de práticas que levam as mulheres a uma maternidade não pensada, fazendo com que elas acreditem que o caminho biológico da mulher é ser mãe. Essas práticas seriam socioculturais e políticas e levariam à maternidade sem que ela seja de fato uma escolha. Deste modo, considerando-se que a maternidade, assim como o amor materno, são “construções ideológicas, percebemos que as mulheres contemporâneas são acometidas pela maternidade compulsória”<sup>403</sup>.

A visão social é limitada no que tange a singularidade da mulher, não respeitando as condições que a levam a não querer/poder ser mãe, assim como a não permanência

---

<sup>402</sup> CAMPOS, Maria Amélia Tostes Filgueiras. *A maternidade para as mulheres comuns contemporâneas*. Tese de doutorado - Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Medicina, Belo Horizonte, 2013, p.17.

<sup>403</sup> SOUZA, Andressa da Silva; FRANCA, Kamilla Matos Cardoso; DEUS, Yasmim Ellen Rodrigues. “Maternidade Compulsória: Implicações na vida da mulher contemporânea”. *17º Congresso de Iniciação Científica da FASB*, 2019, Barreiras, p.03.

com a criança, seja por falta de condições ou por não desejar está acarretando danos graves para a mãe e para a criança, tanto a níveis físicos quanto psicológicos. A complexidade inerente ao desejo de ter ou não filho gera uma gama de sentimentos divergentes difíceis de precisar, considerando a individualidade da mulher. Logo, o que é necessário entender é que o desejo da maternidade não é inerente à condição de ser mulher, e não é por gestar que o amor incondicional e a vontade de cuidar irá emergir neste indivíduo<sup>404</sup>.

Como apontam Livia Cretton Pereira e Alexandra Cleopatre Tsallis, colocar em debate uma discussão acerca da maternidade é se “dispor a discutir a vida, a política, a ciência, a biologia, os nascimentos”<sup>460</sup>. Dessa forma, encontramos uma “política de romantização e idealização da maternidade”<sup>461</sup> que a cada momento histórico ganha novas roupagens por meio de uma “produção discursiva”<sup>405</sup>. A imposição da maternidade e o modo de ser mãe, de criar os filhos, de tornar esses filhos “saudáveis e felizes”<sup>406</sup> detém um saber nas configurações das famílias. E essas configurações são pensadas e dirigidas com “enfoque dirigido às crianças”<sup>407</sup> e não ao que poderia ser possível ou viável para as mães. Nesse sentido, as autoras destacam que a “vasta produção discursiva sobre maternidade”<sup>408</sup> não contempla a realidade de muitas famílias brasileiras e nem as diversas formas e possibilidades de maternar.

O *Jornal das Moças* contribui com a construção dessa maternidade. Em 1931, no artigo “Mulher”<sup>409</sup> defendia que a mulher não seria apenas “apreciada por sua beleza”<sup>410</sup>, mas também por suas nobres funções de maternidade sendo “útil a sociedade”<sup>411</sup>. Seguiu dizendo: “Mulher! Concepção máxima do criador, a ela está entregue a educação do lar, quer como mãe quer como esposa”<sup>412</sup>. A mulher, portanto, é vista como útil a partir do papel de mãe. Destacamos ainda outra frase de artigo de 1933, intitulado “Ser mãe”: “A maternidade é a missão mais sublime da mulher”<sup>413</sup>.

Como aponta Vera Iaconelli, “a capacidade e o controle sobre o corpo das mulheres, sempre foi a maneira pela qual a reprodução pode ser manipulada”<sup>471</sup>. A fertilidade feminina

---

<sup>404</sup> Ibidem. <sup>460</sup> PEREIRA, Livia Cretton; TSALLIS, Alexandra Cleopatre. “Maternidade versus sacrifício: uma análise do efeito moral dos discursos e práticas sobre a maternidade comumente engendrados nos corpos das mulheres”. *Pesqui. prá. psicossociais*, São João del Rei, v. 15, n. 3, set. 2020, p.06. <sup>461</sup> Ibidem, p.03.

<sup>405</sup> Ibidem, p.04.

<sup>406</sup> Ibidem, p.05.

<sup>407</sup> Ibidem.

<sup>408</sup> Ibidem.

<sup>409</sup> *Jornal das Moças*, Edição 826, 16/04/1931, p.34.

<sup>410</sup> Ibidem.

<sup>411</sup> Ibidem.

<sup>412</sup> Ibidem.

<sup>413</sup> *Jornal das Moças*, Edição 948, 17/08/1933, p.47. <sup>471</sup> IACONELLI, Vera. Op. Cit., 2012, p.28. 472

foi sendo “importante ou abandonada”<sup>472</sup>, “vigiada ou administrada”<sup>414</sup> no decorrer da história dependendo de qual seria o contexto social em que essa mulher está inserida<sup>415</sup>.

Em 1933, encontramos no jornal um artigo intitulado “Perturbações sexuais”<sup>416</sup> que solicitava às mulheres que sofressem de quaisquer problemas sexuais, como “prostração, desânimo, indiferença afetiva, acabrunhamentos”<sup>417</sup>, que procurassem ajuda profissional, pois poderiam estar sofrendo de “neurastenia sexual”<sup>418</sup>, um transtorno psicológico resultante de um enfraquecimento do sistema nervoso que causaria desânimo sexual. O artigo seguia dizendo que tem a “hipnose se mostrado eficaz”<sup>419</sup> e trazia alguns contatos de clínicas psicanalíticas. Do mesmo modo, encontramos outro artigo no jornal no mesmo ano, intitulado “O homem da caverna e a ciência moderna”<sup>420</sup>, que dizia que “depressão nervosa, friezas injustificadas, indisposição para atividades e frieza sexual deveriam ser tratadas”<sup>421</sup> e que existiam tratamentos de “terapia racionais”<sup>422</sup>, fazendo uma referência à análise. Nesse artigo tanto homens quanto mulheres são orientados a buscar tratamento. Percebemos que quando o assunto era alguma disfunção sexual os homens também eram citados, mas quando se tratava de nervos ou perturbações sexuais apenas as mulheres eram citadas.

É interessante notar como o discurso psicanalítico passa a aparecer no *Jornal das Moças* nesse período, defendendo a maternidade como essencial para a mulher e para um desenvolvimento psíquico saudável. Como aponta Elisabeth Badinter, a respeito do discurso médico herdado por Freud, “o discurso psicanalítico contribui muito para tornar a mãe a personagem central da família”<sup>423</sup>. Após a descoberta do inconsciente, das fantasias psíquicas da criança e da teoria da castração, “os psicanalistas adquiriram o hábito de interrogar a mãe ou questionar a mãe frente a menor perturbação psíquica da criança”<sup>483</sup>.

Mesmo compreendendo que para a psicanálise a mãe não seria a única responsável pelo inconsciente dos filhos, ela era considerada a primeira causa do equilíbrio psíquico da criança. Para a psicanálise durante bastante tempo, e principalmente em seu início, “uma criança afetivamente infeliz é filho ou filha de uma má mãe, mesmo que o termo má não tenha aqui uma conotação moral”<sup>424</sup>.

---

<sup>414</sup> Ibidem.

<sup>415</sup> Ibidem.

<sup>416</sup> *Jornal das Moças*, Edição 949, 24/08/1933, p.03.

<sup>417</sup> Ibidem.

<sup>418</sup> Ibidem.

<sup>419</sup> Ibidem.

<sup>420</sup> *Jornal das Moças*, Edição 951, 07/09/1933, p.03.

<sup>421</sup> Ibidem.

<sup>422</sup> Ibidem.

<sup>423</sup> BADINTER, Elizabeth. Op. Cit., 1980, p.295. 483

<sup>424</sup> Ibidem.

No “EvangELHO das mães”<sup>425</sup>, publicado no *Jornal das Moças* e já citado neste trabalho, percebemos essa cobrança sobre a mãe. Em 1934, destacamos alguns trechos:

“Não cansamos de lembrar que as mães não se devem descuidar, um só momento dos cuidados, que devem dispensar a seus filhos”<sup>426</sup>. E segue o mesmo artigo ensinando como a mãe deveria saber contar a respiração do bebê: “é de grande importância para a mulher que é mãe saber quantas vezes respira normalmente por minuto a criança”<sup>427</sup>. Diz também que as mães deveriam se preocupar em fazer rir a criança: “não devem as mulheres que são mães se esquecer da alegria das crianças”<sup>428</sup>. As mães deveriam se preocupar com o estado de espírito e com o psicológico do seu bebê se dedicando totalmente a ele.

De acordo com Elisabeth Badinter<sup>429</sup>, para que uma mulher se torne uma “boa mãe”, na visão da psicanálise, é fundamental que ela tenha tido e experimentado uma infância com uma “mãe também relativamente equilibrada”<sup>430</sup>. Sendo assim, uma mulher que tenha sido educada por uma “mãe perturbada”<sup>431</sup>, terá uma “grande probabilidade de que sinta dificuldade em assumir sua feminilidade e sua maternidade, quando for mãe reproduzirá as atitudes inadequadas que foram da sua própria mãe”<sup>492</sup>. Para a autora:

A mãe má não é mais, portanto, pessoalmente responsável, no sentido moral da palavra, pois uma espécie de maldição psicopatológica pode pesar sobre ela. Será antes uma mãe inadequada a assumir seu papel, uma espécie de doente hereditária, mesmo que os genes nada tenham a ver com tal situação. Isso é tão verdade que muitos psicanalistas sugerem hoje as mães que os filhos tem problemas que se submetam elas mesmas a um tratamento analítico. A ideia essencial é de que não basta tratar a criança, se não se combate, ao mesmo tempo, a raiz do mal, isto é, a má condição da mãe. Portanto, a psicanálise não só aumentou a importância atribuída a mãe, como medicalizou o problema da mãe má, sem conseguir anular as posições moralizadoras do século anterior<sup>493</sup>.

Vera Iaconelli diz, também a respeito do discurso psicanalítico, que este não escapou de colocar a mulher em um lugar central no que se refere à criança. A nova ciência criada por Sigmund Freud afirmava que o papel da mãe se tratava de uma conservação moral e também psíquica. A boa mãe no padrão psicanalítico do início da psicanálise, “aleita, zela pela criança, mantendo-a junto de si e evita que está se torne um psicótico ou, no mínimo um

<sup>425</sup> *Jornal das Moças*, Edição 986, 10/05/1934, p.10.

<sup>426</sup> *Ibidem*.

<sup>427</sup> *Ibidem*.

<sup>428</sup> *Ibidem*.

<sup>429</sup> BADINTER, Elisabeth. Op. Cit., 1980, p.295.

<sup>430</sup> *Ibidem*.

<sup>431</sup> *Ibidem*, p.296. <sup>492</sup> *Ibidem*. 493

infeliz”<sup>432</sup>. Frente à essa perspectiva, as mães “não poderiam combater os conselhos dos médicos, do educador e do psicanalista”<sup>433</sup>. Iaconelli afirma:

Se por um lado coube à psicologia e à psicanálise o mérito de definir os cuidados imprescindíveis para a mínima garantia da saúde mental das crianças, por outro lhes cabe a crítica por reiterar a escolha da mulher como sujeito privilegiado dessa operação, sem questionar o quão contingencial pode ser essa escolha. Algo privilegiado de um suposto saber sobre a função de semelhante para um bebê o que leva a criação da expressão função materna. [...] A aliança da mulher com a psicanálise não deixa de ser paralela à proximidade da mulher com o médico da família<sup>434</sup>.

Sendo assim, a psicanálise “demarca a origem de um pensamento novo que se propagou rapidamente, graças à vulgarização produzida pelos meios de comunicação de massa”<sup>435</sup>. É importante ressaltar como a psicanálise e os assuntos a respeito do psíquico e da saúde psíquica aparecem no *Jornal das Moças*. Isso demonstra como o tema do psíquico passa a se popularizar. Destacamos nesse ponto o artigo denominado “A questão feminina”<sup>436</sup> que defendia o quanto era importante cuidar do “psicológico da mulher”<sup>437</sup>, segundo estudos feitos pela “mentalidade moderna”<sup>438</sup>. Para manter o psíquico saudável, a mulher deveria “não se afastar do lar por uma questão de princípios”<sup>439</sup>. Outro artigo, denominado “Morrera o amor”<sup>440</sup>, também ressalta o psíquico feminino, trazendo sempre orientações para a mulher ter o psicológico sem danos e enfatizando que essa ciência moderna, a psicanálise, conseguiu entender “a alma feminina”<sup>503</sup>.

Em outro artigo denominado “O amor”<sup>441</sup>, no qual são descritas várias diferenças entre homens e mulheres, é reforçado o discurso sobre o psíquico feminino: “[...] a psicologia da mulher é inteiramente dominada pelas suas funções de reprodução, é mais nervosa e irritada sujeita a inúmeros males, pelo que chama de eterna doente”<sup>505</sup>. Assim, as mulheres seriam mais propensas a problemas psíquicos. Com isso, mais uma vez, demonstramos como Freud e o discurso psíquico aparecem diversas vezes no *Jornal das Moças* e como estava em evidência falar do psíquico, do psicológico e de todos os assuntos que se entrelaçavam com questões emocionais no jornal.

<sup>432</sup> IACONELLI, Vera. Op. Cit., 2012, p.44.

<sup>433</sup> Ibidem.

<sup>434</sup> Ibidem.

<sup>435</sup> BADINTER, Elisabeth. Op. Cit., 1980, p.296.

<sup>436</sup> *Jornal das Moças*, Edição 809, 18/12/1930, p.07.

<sup>437</sup> Ibidem.

<sup>438</sup> Ibidem.

<sup>439</sup> Ibidem.

<sup>440</sup> *Jornal das Moças*, Edição 965, 14/12/1933, p.41. <sup>503</sup> Ibidem.

<sup>441</sup> *Jornal das Moças*, Edição 978, 15/03/1934, p.40. 505

Como aponta Therezinha Costa, no contexto histórico de construção da psicanálise, às “mulheres coube o papel de analisar crianças”<sup>442</sup>. Como não era permitido que ingressassem nas faculdades para seguir carreira médica, a psicanálise com crianças se constrói com as pedagogas que utilizam a “escola para praticar a análise com crianças”<sup>443</sup>. Isto ocorre entre 1920 e 1940 quando Hermine von Hug-Helmuth, Ana Freud, Melanie Klein e Donald Woods Winnicott, todos já mencionados, se tornam os principais psicanalistas a descreverem a infância e a relação materna<sup>444</sup>. Destacaremos aqui aqueles que se situam em nosso recorte cronológico, que contribuem para a construção da psicanálise e que continuam os estudos de Freud descrevendo a mulher e o seu papel na maternidade.

A psicanalista Anna Freud estudou o comportamento de crianças no jardim de infância, desempenhando um papel na psicanálise bastante influenciado pela pedagogia. Segundo ela, não seria possível estabelecer uma relação de análise com uma criança. Então, os pais precisariam passar por diversas entrevistas preliminares para que esta pudesse ser atendida. Ela introduzia medidas pedagógicas nas analíticas, com o objetivo de educar a criança. Para ela, os filhos deveriam ficar o máximo de tempo com suas mães a fim de que se tornassem adultos psicologicamente saudáveis. Por isso, as mães não deveriam colocar os filhos cedo nas escolas. Anna Freud sustentou toda sua teoria com um maior foco na educação das crianças. Através da análise das crianças, ela buscava educar as mães para criarem filhos saudáveis emocionalmente. Porém, vale destacar que, ao longo dos anos e de sua experiência clínica, ela modificou sua técnica e reduziu a idade de início da análise da criança para 2 anos<sup>445</sup>. perversa que é continuada e aprofundada por Jaques Lacan<sup>446</sup>.

A respeito da psicanalista Melanie Klein, embora já tenhamos tratado dela no capítulo anterior, o foco foi o tema da amamentação. Agora revisitaremos a psicanalista a fim de apresentar como ela construiu sua teoria e descreveu a criança e a mulher no papel materno. Melanie Klein se aprofundou na relação entre mãe e filho. Para ela, o mundo interno do bebê se constituiria desde o nascimento e se daria com a mãe, sem a intervenção do pai. Ela também abandona as formulações a respeito do complexo de Édipo de Freud<sup>447</sup>. Klein descreve duas posições na construção psíquica do bebê: a esquizoparanóide e a depressiva. A posição esquizóide vai do nascimento até por volta de seis meses de vida, se caracteriza pelo desenvolvimento do eu que se estabelece através do contato do bebê com o seio, existindo

---

<sup>442</sup> COSTA, Terezinha. Op. Cit., 2007, p.16.

<sup>443</sup> Ibidem, p.17.

<sup>444</sup> Ibidem.

<sup>445</sup> FREUD, Anna. *Infância normal e patológica*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1971.

<sup>446</sup> QUINET, Antônio. *As 4+1 Condições da análise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

<sup>447</sup> KLEIN, Melanie. *Contribuições à psicanálise*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.

para o bebê um seio bom e um seio mau. Nessa fase, a criança não teria a concepção de pessoas totais, a criança se relacionaria com objetos parciais, pois para a autora a criança não compreenderia o corpo dela como uma totalidade que seria separado do corpo da mãe, dos objetos dela. A posição depressiva se inicia por volta de um ano e três meses de vida. Nessa fase, a criança obteve um pequeno desenvolvimento do eu e a relação do bebê com o mundo se torna diferente, de modo que ele não entende mais de modo parcial as pessoas que o cercam. O bebê reconhece a mãe como uma pessoa total. Para Klein, a criança, então, percebe que ama e odeia a mesma pessoa, sua mãe, dando a ela uma experiência de culpa e luto. Desse modo, somente a partir dessas duas fases é que se estabelece o complexo de Édipo para Melanie Klein<sup>448</sup>.

Para Klein, será somente a partir das experiências maternas gratificantes, que a criança poderá remover ou reparar a percepção da mãe cindida, ou seja, da mãe boa e da mãe má<sup>449</sup>. Therezinha Costa afirma, a respeito da abordagem kleiniana, que “a mãe ocupa um lugar central, o corpo da mãe é origem de alimento e vida”<sup>450</sup> e seria através dessa relação com ela que se daria o desenvolvimento psíquico saudável do bebê.

Também sobre Melanie Klein, Maud Mannoni considera que ela “aprofunda precocemente a relação mãe e bebê”<sup>451</sup>, evidenciando a importância da mãe na história do bebê e esvaziando a relevância da figura paterna no início do desenvolvimento psíquico do bebê<sup>452</sup>. Ao mesmo tempo, Therezinha Costa acrescenta que Melanie Klein teve importantes contribuições no percurso da psicanálise com crianças. A autora resgata o lugar da criança na análise, rompendo e desvinculando-a de um modelo pedagógico:

Embora a psicologia e a pedagogia tenham sempre mantido a crença de que uma criança é um ser feliz e sem conflitos e tenham suposto que os sofrimentos dos adultos resultam dos encargos e das durezas da realidade, devemos afirmar que justamente o oposto é verdadeiro. O que aprendemos sobre a criança e sobre o adulto através da psicanálise, é que todos os sofrimentos da vida ulterior são, em sua maior parte, repetições dos sofrimentos infantis, e que toda criança nos primeiros anos de vida, passa por um grau incomensurável de sofrimento<sup>453</sup>.

Em sua prática clínica, Melanie Klein interpreta as ações da criança dando-lhes voz na análise<sup>454</sup>. Porém, no que diz respeito à mulher e a sua posição maternal ela seguiu o mesmo

---

<sup>448</sup> Ibidem.

<sup>449</sup> Ibidem.

<sup>450</sup> COSTA, Therezinha. Op. Cit., 2007, p.35.

<sup>451</sup> MANNONI, Maud. Op. Cit., p.30.

<sup>452</sup> Ibidem.

<sup>453</sup> COSTA, Therezinha. Op. Cit., 2007, p.41.

<sup>454</sup> Ibidem, p.35.

discurso psicanalista normatizador, que o colocava como sendo fundamental para o desenvolvimento psíquico saudável do bebê<sup>455</sup>.

Chegamos, portanto, em Donald Woods Winnicott, um dos mais expressivos psicanalistas nos estudos sobre a maternidade. Lembramos que também já citamos o autor no capítulo anterior com o mesmo propósito das psicanalistas anteriores de demonstrar o que defendeu a respeito da amamentação. Agora destacamos sua teoria acerca da posição feminina. O psicanalista e pediatra Winnicott, ao contrário de Melanie Klein, que tratou da estrutura interna, enfatiza a dependência do sujeito em relação ao ambiente. Para ele, o ambiente seria determinante para o desenvolvimento psíquico infantil e sinônimo de cuidados maternos. A mãe seria, inclusive, a principal responsável pela boa paternidade. Se o pai era presente, a criança tinha sorte, porém os pais jamais poderiam substituir as mães. E por mais que fossem pais, eles não poderiam ser mães, e os bebês preferem as mães. Ele também dizia, como Freud, que o pai encarnaria a lei, mas teria apenas uma função: fazer a mãe se sentir bem e feliz para cuidar do filho<sup>456</sup>.

Em sua teoria, Winnicott destaca que a fase inicial do bebê que vai do nascimento até os seis meses seria um estado de dependência absoluta. Assim, nessa fase o bebê depende inteiramente do mundo que a mãe lhe oferece e não diferencia seu próprio corpo e o meio. Na segunda fase, que vai de seis meses aos dois anos aproximadamente, ocorre um estado de dependência relativa. Nessa fase, a criança descobre que ela e sua mãe são separadas. Winnicott criou o termo “mãe suficientemente boa”<sup>457</sup> que seria a mãe que faria uma adaptação ativa às necessidades do bebê. Ele acreditava que o ato de maternar e de cuidar do bebê era algo espontâneo<sup>521</sup>. Como podemos ver em suas palavras:

O cientista se assim o desejar, pode olhar com admiração para o conhecimento intuitivo da mãe, que a torna capaz de cuidar do seu bebê, independentemente de qualquer aprendizado. Na verdade, eu diria que a riqueza essencial deste conhecimento intuitivo é o fato de ser natural e não conspurcado pelo aprendizado<sup>458</sup>.

Desse modo, na teoria psicanalítica winnicottiana, a mãe deve dedicar toda sua atenção ao filho, podendo falhar minimamente com suas demandas. O filho deve ser suprido de forma suficientemente boa<sup>459</sup>.

<sup>455</sup> RAGO, Margareth. Op. Cit., 1987.

<sup>456</sup> WINICOTT, Donald Woods. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

<sup>457</sup> Ibidem, p.51 <sup>521</sup> Ibidem.

<sup>458</sup> Ibidem, p.14.

<sup>459</sup> BRASIL, Marina Valentim; COSTA, Angelo Brandelli. “Psicanálise, feminismo e os caminhos para a maternidade: diálogos possíveis?” *Psicol. clín.*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, dez. 2018, p.442.

Assim, Winnicott reforça a existência de um instinto materno que daria conta da maternidade e o papel da mulher como fundamental para o desenvolvimento psíquico do bebê. Considera ainda que a falta do pai não traria prejuízos ao bebê nas primeiras fases do seu desenvolvimento<sup>460</sup>. Como acrescenta Vera Iaconelli, muitas vezes a facilidade que a mulher demonstra ao lidar com o trabalho materno é proveniente de uma aprendizagem a qual as mulheres são expostas desde a infância, podendo dar uma “falsa impressão quando vista de fora de que se trata de uma mãe natural ou em contrapartida desnaturada”<sup>461</sup>.

A respeito da influência do discurso psicanalítico de Winnicott, de que o meio seria fundamental para o desenvolvimento psíquico saudável do bebê e a mãe seria a principal responsável por tornar esse meio favorável, encontramos, em 1934, um artigo do *Jornal das Moças* intitulado “Conselhos maternos”<sup>462</sup>. Nele são apresentados conselhos para as mães de como ter filhos saudáveis psiquicamente e um deles tratava de como deveria ser o ambiente para a criança: “a criança revela o meio onde vive, isto é, se priva onde existe harmonia”<sup>463</sup>; “quem estuda psicologia infantil observa perfeitamente a impressão que o meio reflete na criança”<sup>464</sup>; as mães deveriam manter o ambiente “alegre, calmo e harmonioso”, construindo “na atmosfera do lar um ambiente acolhedor”<sup>465</sup>. Ainda que Winnicott não seja citado, podemos observar sua influência, entre outros psicanalistas – como vimos demonstrando –, nas edições do *Jornal das Moças*.

Segundo Elisabeth Badinter, o mal estar de algumas mulheres se tornou ainda mais agudo “pela teoria psicanalítica da distinção necessária entre os papéis materno e paterno”<sup>466</sup>. Afinal, para a psicanálise, aos olhos de Freud e de seus sucessores, a mãe simboliza antes de tudo “amor e ternura e o pai a lei e a autoridade”<sup>467</sup>. Para a psicanálise, em seu início, se o pai precisasse substituir a mãe, isso seria fonte de perturbação para a criança, pois a “indistinção dos papéis é fonte possível de confusão”<sup>468</sup>.

Como destaca Teresinha Costa, o início século XX é o século da “preocupação mais ampla e sistemática com o estudo da criança, sendo assim a pedagogia, a pediatria e as especializações em torno da criança desenvolvem-se rapidamente”<sup>469</sup>. Desse modo, o discurso

---

<sup>460</sup> Ibidem.

<sup>461</sup> IACONELLI, Vera. Op. Cit., 2012, p.56.

<sup>462</sup> *Jornal das Moças*, Edição 1013, 15/11/1934, p.13.

<sup>463</sup> Ibidem.

<sup>464</sup> Ibidem.

<sup>465</sup> Ibidem.

<sup>466</sup> BADINTER, Elisabeth. Op. Cit., 1980, p.314.

<sup>467</sup> Ibidem.

<sup>468</sup> Ibidem, p.323.

<sup>469</sup> COSTA, Therezinha. Op. Cit., 2007, p.13.

psicanalítico se destaca como sendo capaz de produzir um discurso científico a respeito da infância, proporcionando e popularizando um estudo sobre a criança e acaba por incluir a mãe por ser ela a responsável pelos seus cuidados. Portanto, o discurso psicanalítico ganha cada vez mais força e propaga suas formulações nesse contexto histórico<sup>470</sup>.

Assim, como vemos a respeito das primeiras postulações da psicanálise, a feminilidade da mulher estava atrelada à maternidade, bem como a mãe considerada dentro da normalidade psíquica era aquela que se dispusesse a renunciar a outros papéis para dedicar integral atenção ao seu bebê. Portanto, para a psicanálise, a mãe considerada “normal é a mãe sacrificada, a mãe que reconhece sua missão materna como a mais importante de sua vida, que conta com um marido para suprir suas necessidades para que não se ocupe com mais nada”<sup>471</sup>.

O *Jornal das Moças*, no “Evangelho das mães”<sup>536</sup>, em 1934, mostra a força desse discurso que diferencia os papéis do homem e da mulher: “cada homem e cada mulher trazem o seu destino prescrito e aquele que foge, foge da sua própria felicidade”<sup>472</sup>.

Seguia dizendo que “a mulher como em todas as coisas escolhe sempre o lar”<sup>473</sup>. Assim, é colocada no papel de dona de casa e educadora do filho. Para a psicanálise em seu início, como já pudemos observar, mudar esses papéis poderia trazer perturbações e comprometimentos à criança. No jornal essas funções são colocadas como um destino que já estava escrito de modo diferente para a mulher e para o homem e fugir dele os faria infelizes.

Constatamos nesse capítulo que o *Jornal das Moças* manteve um discurso moralizador e normatizador, se apropriando, além do discurso médico, do discurso psicanalítico, principalmente pelo fator determinante da psicanálise em suas origens ter sido criada por homens médicos e estar associada ao discurso médico e higienista. Percebemos também que o jornal contribuiu para popularizar as questões psíquicas, seus tratamentos e recomendações, sobretudo no que se refere ao papel feminino de mãe devotada, esposa e dona de casa. Lembramos o que diz Anna Marina Barbará Pinheiro, a respeito do *Jornal das Moças* e outras publicações direcionadas às mulheres, a mulher aqui tratada ocupa um lugar legitimado para elas no ocidente cristão<sup>474</sup>.

---

<sup>470</sup> Ibidem.

<sup>471</sup> BRASIL, Marina Valentim; COSTA, Angelo Brandelli. Op. Cit., 20018, p.443-444. <sup>536</sup> *Jornal das Moças*, Edição 972, 01/02/1934, p.18.

<sup>472</sup> Ibidem.

<sup>473</sup> Ibidem.

<sup>474</sup> PINHEIRO, Anna Marina M. P. Barbará. Op. Cit.

Retornando a Elisabeth Badinter, “não há um comportamento materno suficientemente unificado para que se possa falar de instinto ou atitude materna”<sup>475</sup>. Esta frase serve a uma reflexão a respeito do chamado amor materno, entendendo-se que a maternidade é vivenciada diferentemente por cada mulher, em cada realidade social, em cada história de vida e em cada momento da história. Dessa forma, não podemos pensar que a mulher seja portadora de um instinto materno e que ao se tornar mãe dará conta de toda a complexidade e trabalho envolvidos no ato de maternar. Menos ainda podemos admitir que por apenas ser mulher ela irá desejar a maternidade. Ainda segundo Badinter:

O amor materno é apenas um sentimento humano como outro qualquer e como tal é incerto, frágil e imperfeito. Pode existir ou não, pode aparecer e desaparecer, mostrar-se forte ou frágil, preferir um filho ou ser de todos. Contrariando a crença generalizada em nossos dias ele não está profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, verifica-se que o interesse e a dedicação à criança não existiram em todas as épocas e em todos os meios sociais. As diferentes maneiras de expressar o amor vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou quase nada. O amor materno não constitui um sentimento inerente à condição de mulher, ele não é um determinismo, mas algo que se adquire. Tal como o vemos hoje é produto da evolução social desde princípios do século XIX, já que como o exame dos dados históricos mostra, nos séculos XVII e XVIII o próprio conceito do amor de mãe aos filhos era outro: as crianças eram normalmente entregues desde a tenra idade, as amas, para que as criassem e só voltavam ao lar depois dos cinco anos. Dessa maneira, como todos os sentimentos humanos, ele varia de acordo com as flutuações socioeconômicas da história. [...] O amor materno não é um sentimento inato, ele não faz parte intrínseca da natureza feminina: é um sentimento que se desenvolve ao sabor das variações socioeconômicas da história, e pode existir, ou não, dependendo da época e das circunstâncias materiais em que vivem as mães<sup>541</sup>.

---

<sup>475</sup> BADINTER, Elisabeth. Op. Cit., 1980, p.346. <sup>541</sup> Ibidem, p.21-22.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do *Jornal das Moças* nos permitiu compreender que os conselhos para as mulheres, os artigos publicados, os modelos de roupas, as propagandas de medicamentos e cosméticos, os espaços e os temas destacados moldavam um tipo de mulher com um tipo de comportamento e educação que se pretendia que fosse o padrão no início do século XX. Nesse sentido, as funções femininas de mãe, de esposa, de dona de casa eram constantemente reafirmadas. Por se tratar de um jornal que circulou durante um bom período e que alcançou diversos estados brasileiros, podemos dizer também que esse foi um projeto amplamente divulgado como parte de uma civilidade feminina.

Diante do exposto nesse trabalho, concluímos que a mulher ideal propagada no jornal era reflexo de uma sociedade conservadora que não permitia igualdade entre homens e mulheres. Assim, a publicação era um instrumento de imposição para as mulheres de um modelo único de comportamento, criando uma mulher padrão que executasse os papéis de boa mãe e boa esposa. Esta mulher ideal deveria ser submissa, resignada, recatada e adequada aos moldes higiênicos. As mulheres deveriam se preocupar com os maridos, os filhos e o lar, exercendo sua contribuição social de formadora de outros homens e mulheres. Com isto, seguindo as tendências da época, os discursos médico, psicanalista e da Igreja estavam presentes em seus artigos com o objetivo de lembrá-las, num contexto de avanço do feminismo, que estavam ultrapassando os limites aceitáveis. Afinal, ser esposa e mãe eram parte da sua natureza e do seu destino. Isto lhes garantiria não apenas reconhecimento social, mas também saúde física e mental.

Desse modo, consideramos o *Jornal das Moças* uma fonte privilegiada para a análise de como a imprensa reforçou o papel da mulher no lugar materno e no espaço doméstico. Além disso, possibilita pensar que esses papéis femininos idealizados não marcavam apenas o início do século XX, mas estão presentes na atualidade. As mulheres ainda esbarram nesse discurso e precisam lidar com as cobranças de casamento e maternidade. A maternidade compulsória leva as mulheres a uma maternidade muitas vezes não pensada, pois isto representa uma aprovação social muito maior do que a escolha pela não maternidade.

Ao longo da trajetória como psicóloga clínica, tendo estagiado em maternidade e UTI infantil, pude perceber que as mulheres que acabaram de ter um bebê muitas vezes não se sentem tão felizes e realizadas quanto o esperado socialmente. Ao compararem suas próprias maternidades com a maternidade idealizada frequentemente propagada, elas acreditam

estarem depressivas ou com depressão pós-parto, pois entendem haver algo de errado com elas. Porém, muitas vezes estavam apenas exaustas pelo trabalho materno e pela nova rotina de adaptação ao bebê, o que não configura um transtorno psicológico. Vale destacar que também encontramos mulheres já medicadas por psiquiatras ou por neurologistas com diagnósticos de depressão ou depressão pós-parto que, no entanto, a partir de uma avaliação psicológica, não se enquadravam nos sintomas de um transtorno psicológico.

Como diz Mary Del Priore, a respeito das mulheres e dos diagnósticos de depressão:

As depressivas recorrem a inúmeros remédios. Qualquer médico pode recomendar antidepressivos, pois, desde os anos 1980, eles se multiplicaram e estão em toda parte. A tristeza mais passageira, sem maiores danos físicos, incentiva o diagnóstico de depressão. Lutos, dores de amor, fracassos profissionais ou as provas da existência são, hoje, apenas medicalizados. Nessa ótica, muitas mulheres passam de tristes a doentes.<sup>476</sup>

Evidentemente, não pretendemos anular ou invalidar um diagnóstico da depressão pós-parto. Porém, vale ressaltar que muitas mulheres são diagnosticadas sem ter os sintomas compatíveis com o transtorno. Percebemos que ao se tratar da maternidade as mulheres não teriam o direito de reclamar, pois há um imaginário social de que o instinto materno daria conta de toda a complexidade desse momento. Sendo assim, quando uma mulher reclama ou não se enquadra no modelo de mãe esperado, logo se conclui que ela possui algum problema psicológico. Quando uma nova mãe se queixa dos sentimentos que podem surgir com a maternidade, como medo, angústia, culpa, insegurança, etc., o saber médico muitas vezes compreende como uma doença, como um transtorno psíquico, já que não é isso que a sociedade espera ouvir de uma mulher que se tornou mãe. Afinal, foi construída uma ideia de que a maternidade compõe sacrifícios sem reclamações. Sacrifícios que devem colocar os filhos como prioridades. Por isso, é importante destacar, a partir do relato de uma prática de psicologia clínica na atualidade, que é muito comum que as mulheres se sintam culpadas após a maternidade, por se colocarem em alguns momentos em primeiro plano ou por terem objetivos e metas individuais. Desse modo, podemos perceber que a maternidade como um exercício que requer sempre sacrifícios da mãe ainda está muito presente em nossa sociedade.

Ainda como mostra Mary Del Priore, o assunto é delicado e se fala pouco dele, “existem mães que odeiam os filhos e vice e versa”<sup>477</sup>. O nascimento de um bebê não traz apenas “euforia ou plenitude; os berros do recém-nascido, a dependência absoluta do adulto,

<sup>476</sup> DEL PRIORE, Mary. Op. Cit., p.273.

<sup>477</sup> Ibidem, p.166.

estão longes de provocar as mesmas reações. A mulher pode viver essa experiência como fonte de prazer ou...um fardo”<sup>478</sup>.

Concluindo este trabalho, acreditamos que, olhando para a história das mulheres no século XX, embora em muito já tenhamos avançado – inclusive na produção acadêmica – percebemos que ainda precisamos continuar avançando no debate de um tema tão relevante socialmente para o acolhimento destas mulheres.

---

<sup>478</sup> Ibidem, p.167.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo de. *Jornal das Moças: Leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945)*. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2008.
- ALMEIDA, Ronaldo. “Monte Sedução, tradução e cura: Estudos em Teoria Psicanalítica”. *Ágora* v. III, n.1, p. 97-113, jan/jun 2000.
- ALVES, Alexandre. “A imprensa na cidade de Santos: 1849-1930”. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 39-62, dez. 2007.
- ARIÉS, Philippe. *História social da Criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa – Brasil 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BASTOS, Natalia de Sousa. *Elas por Elas: trajetórias de uma geração de mulheres de esquerda. Brasil - anos 1960-1980*. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Estudos Gerais, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- BELINTANI, Giovani. “Histeria”. *Psic*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 56-69, dez. 2003.
- BOCCA, Francisco Verardi, “Histeria: primeiras formulações teóricas de Freud”. *Psicologia USP*, v. 22, n. 4, p. 879-906, 2011.
- BONAN, Claudia. “Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX”. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. v. 21, n. 2, p. 660-662, 2005.
- BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRASIL, Marina Valentim; COSTA, Angelo Brandelli. “Psicanálise, feminismo e os caminhos para a maternidade: diálogos possíveis?” *Psicol. clín.*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 427-446, dez. 2018.
- CAMPOS, Maria Amélia Tostes Filgueiras. *A maternidade para as mulheres comuns contemporâneas*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina, Belo Horizonte, 2013.
- CARDOSO, Elizabeth. “Imprensa feminista brasileira pós-1974”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, p. 37-55, dez. 2004.
- COLLING, Ana Maria. “A construção histórica do corpo feminino”. *Caderno Espaço Feminino* - Uberlândia-MG - v. 28, p. 180-200, n. 2 – Jul./Dez. 2015.

COSTA, Suely Gomes. “Um estimulante encontro com Michel de Certeau: o feminismo tático de Bertha Lutz”. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 27, p. 449-454, dezembro de 2006.

COSTA, Therezinha. *Psicanalise com crianças*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

CUNHA, Maria Clementina P. “Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, p.121-144, ago./set. 1989.

DEMES, Jacqueline Reis; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CELES, Luiz Augusto M. “O feminino como metáfora do sujeito na psicanálise”. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 645-667, 2011.

DEL PRIORE, Mary (Org.) & BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997.

DEL PRIORE, Mary. *Conversas e histórias de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

DIEGUEZ, Priscila. *Lugar de mulher é na sala de aula ou na cozinha? A inserção feminina no ensino superior durante os Anos Dourados: um olhar através do Jornal das Moças*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2019.

ENGEL, Magali. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

\_\_\_\_\_. *Meretrizes e doutores: saberes médicos e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário básico da Língua Portuguesa Folha/Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Coleção *Ditos e escritos I*. Org. e seleção de textos Manoel Barros da Motta 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund; Breuer J. *Estudos sobre histeria*. ESB, vol. II. Rio de Janeiro Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. *A dissolução do Complexo de Édipo*. ESB, V. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1924.

FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)*, 1918 [1914] Volume XVII. *As Transformações Do Instinto Exemplificadas No Erotismo Anal*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri et al. “Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero”. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 8, p. 2731-2739, agosto de 2018.

HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2006.

IACONELLI, Vera. *Mal estar na maternidade: do infanticídio à função materna*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de concentração Psicologia Social - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

KALIL, Irene Rocha; AGUIAR, Adriana Cavalcanti de. “Silêncios nos discursos próaleitamento materno: uma análise na perspectiva de gênero”. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 637-660, agosto de 2017.

KLEIN, Melanie. *Contribuições à psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

LEOPOLDO, Rafael. “Análise d'O anti-Édipo: críticas de Deleuze e Guattari a Sigmund Freud”. *Rev. psicol. polít.* [online]. vol.17, n.39, p. 293-303, 2017.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCA, Tania Regina de. “Mulheres em revista”. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida; PENNA, Cláudia Maria de Mattos; CALEIRO, Regina Célia Lima. “Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres”. *Saúde debate*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 123, p.1120-1131, Oct. 2019.

MACHADO, Ana Lúcia. “A maternidade, o trabalho doméstico e a identidade feminina: um estudo particular”. *Linhas*. 2(1). p.1-9., 2007.

FIDELIS, Daiana Quadros; MOSMANN, Clarisse Pereira. “A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos”. *Aletheia*, Canoas, n. 42, p. 122-135, dez. 2013.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do mundo feminino”. In: NOVAES, F.; SEVCENKO, N. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 1042-1053.

MARTINS, Ana Luiza. “Revistas em Revistas: imprensa e práticas culturais em tempos de República (1890-1922)”. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2008.

MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

MANNONI, Maud. *Elas não sabem o que dizem: Virginia Woolf, as mulheres e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

MELMAN, Charles. *Novos estudos sobre a histeria* (D. Levy, trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1985.

MUNIZ, Eloá. “Publicidade e propaganda: origens históricas”. *Cadernos Universitários: Introdução à Publicidade e Propaganda*, Ulbra, Canoas, v. 1, n. 148, p. 51-63, 2004.

PAIM, Fernando Free; IBERTIS, Carlota Maria. “A hipnose e o método catártico como primeiros caminhos à descoberta da associação livre”. *Disc. Scientia*. Série: Ciências da Saúde, Santa Maria, v. 7, n. 1, p. 139-152, 2006.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.

PINHEIRO, Anna Marina M. P. Barbará. *Igreja Católica Medicina e Imprensa feminina: representações sobre o corpo da mulher no Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

PINTO, Junior, Rafael Alves. “A invenção da histeria”. *História, Ciências, Saúde Manguinhos* [online]. v. 16, n. 3, p. 819-822, 2009.

PINTO, Céli Regina Jardim. “Feminismo, história e poder”. *Rev. Sociol. Polit.* Curitiba, v.18, n.36, p.15-23, June 2010.

QUINET, Antônio. *As 4+1 Condições da análise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

RAMADAM, Zacaria Borges Ali. *A histeria*. São Paulo: Ática, 1985.

RIBEIRO, Alessandra Monachesi. “O corpo e o feminino enquanto lugares de subjetivação possível: o aporte das artes visuais”. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. v. 16, n. 1, 2013.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

REBOUÇAS, Ângela Cláudia Rezende do Nascimento. *Tradições discursivas do editorial no jornal O Mossoroense*. Recife. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2017.

SANTOS, Lima. P. B.; MAGALDI, A.M.B.M. “A dimensão educativa da propaganda nas revistas femininas da década de 1950”. *Cadernos de Pesquisa em Educação PPGEUFES*, v.17, p. 366-384, 2011.

SANTOS, L. P. B. S. *Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos 1950*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SCAVONE, Lucila. “Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero”. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 5, n. 8, p. 47-59, Feb. 2001.

SILVA, Amanda Daniele. *Mãe/mulher atrás das grades: a realidade imposta pelo cárcere à família monoparental feminina*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

SILVA, Poliana Moreira. *Movimento higienista: construção da figura feminina*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

SILVA, Tânia Maria Gomes da Silva. “Mulheres, maternidade e identidade de gênero”. *Fazendo gênero 10: desafios atuais do feminismo*. Florianópolis, UFSC, p. 1-11, 2013.

SOIHET, Rachel (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Edunesp, 2003.

\_\_\_\_\_. “A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz”. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 97-117, Dec.2000.

TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum: Ensaio de Antropologia geral*. Campinas: Papyrus, 1996.

\_\_\_\_\_. *Memoria del mal, tentación del bien. Indagación sobre el siglo XX*. Barcelona: Ediciones Península, 2002.

VIEIRA, Josênia Antunes. “A identidade da mulher na modernidade”. *DELTA*, São Paulo, v. 21, n. spe, p. 207-238, 2005.

WINNICOTT, D. W. *Da pediatria a psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. WITZEL, Denise Gabriel. “Discurso, história e corpo feminino em antigos anúncios publicitários”. *Alfa*, São Paulo, 58 (3), p. 525-539, 2014.

## **FONTES**

### *JORNAL DAS MOÇAS:*

Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional Digital Brasil/*Jornal das Moças* digitalizado.

Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>

### **1914**

Edição 01, 21/05/1914.

Edição 02, 01/06/1914.

Edição 03, 15/06/1914.

Edição 04, 01/07/1914.

Edição 06, 30/07/1914.

Edição 08, 10/08/1914.

Edição 09, 29/08/1914.

### **1915**

Edição 024, 01/05/1915.

Edição 16, 10/01/1915.

Edição 24, 01/05/1915.

Edição 26, 01/06/1915.

Edição 30, 01/08/1915.

Edição 39, 15/12/1915.

### **1916**

Edição 40, 01/01/1916.

Edição 42, 01/02/1916.

Edição 58, 27/07/1916.

Edição 67, 28/09/1916.

Edição 077, 07/12/1916.

Edição 95, 07/10/1916.

### **1917**

Edição 114, 23/08/1917.

Edição 117, 01/03/1917.

Edição 106, 28/06/1917.

Edição 125, 08/11/1917.

### **1918**

Edição 135, 01/12/1918.

Edição 157, 20/06/1918.

Edição 161, 18/07/1918.

Edição 163, 01/08/1918.

Edição 175, 25/10/1918.

Edição 176, 31/10/1918.

Edição 179, 21/11/1918.

### **1919**

Edição 220, 04/09/1919.

Edição 224, 02/10/1919.

Edição 226, 16/10/1919.

Edição 226, 16/10/1919.

Edição 232, 27/11/1919.

### **1920**

Edição 237, 01/01/1920.

Edição 245, 20/02/1920.

Edição 247, 03/11/1920.

Edição 287, 25/11/1920.

### **1921**

Edição 319, 28/07/1921.

### **1922**

Edição 342, 05/01/1922.

Edição 384, 26/10/1922.

### **1923**

Edição 402, 01/03/1923.

Edição 419, 23/06/1923.

### **1924**

Edição 462, 24/04/1924.

### **1925**

Edição 498, 01/01/1925.

### **1927**

Edição 610, 24/02/1927.

Edição 630, 14/07/1927.

Edição 643, 13/10/1927.

Edição 651, 08/12/1927.

**1928**

Edição 673, 10/05/1928.

**1929**

Edição 736, 25/07/1929.

Edição 745, 26/09/1929.

**1930**

Edição 793, 31/07/1930.

Edição 805, 20/11/ 1930.

Edição 809,18/12/1930.

**1931**

Edição 826, 16/04/1931.

Edição 839, 16/07/1931.

Edição 858, 26/11/1931.

**1933**

Edição 924, 02/10/1933.

Edição 925, 09/03/1933.

Edição 948, 17/08/1933.

Edição 949, 24/08/1933.

Edição 951, 07/09/1933.

Edição 953, 21/09/1933.

Edição 955, 05/10/ 1933.

Edição 956, 12/10/1933.

Edição 961, 16/11/1933.

Edição 965, 14/12/1933.

**1934**

Edição 978, 15/03/1934.

Edição 986, 10/05/1934.

Edição 1013, 15/11/1934.

Edição 1016, 06/12/1934.

Edição 1018, 20/12/1934.

Edição 972, 01/02/1934.

**1935**

Edição 1069 12/12/1935.

**1937**

Edição 1156, 12/08/1937.

**1938**

Edição 1177, 06/01/1938.

**1940**

Edição 1285, 01/02/1940.

Edição 1310, 25/07/1940.

**1941** Edição 1342, 06/03/41.

Edição 1352, 15/05/1941.

**1943**

Edição 1457, 20/05/1957.

Edição 1571, 26/08/1943.

**1956**

Edição 2126,15/03/1956.

**1957**

Edição 2187, 16/05/1957.

**1958**

Edição 1858, 25/01/1958.

**1960**

Edição 2325, 07/01/1960.

**1961**

Edição 2422, 15/12/1961.